

DIARIO OFFICIAL

ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

REPUBLICA FEDERAL

ORDEM E PROGRESSO

ANNO XXXIX—12° DA REPUBLICA — N. 290

CAPITAL FEDERAL

SEGUNDA-FEIRA 29 DE OUTUBRO DE 1900

SUMMARIO

SECRETARIAS DE ESTADO :

Ministerio da Fazenda—Recobedoria.

Ministerio da Guerra—Expediente de 22 do corrente—Requerimentos despachados.

Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas—Expediente de 26 e 27 do corrente, da Directoria Geral da Industria.

Historia Patria

EXTERIOR.

Os Estados.

NOTICIARIO.

EDITAIS E AVISOS.

PATENTE DE INVENÇÃO.

ANUNCIOS.

SECRETARIAS DE ESTADO

Ministerio da Fazenda

RECEBEDORIA

Despachos sobre infracções do regulamento dos impostos de consumo

Geraldo Dannemann.—Dirija-se á Delegacia Fiscal na Bahia sob cuja jurisdicção se acha a fabrica.

Joaquim Pinheiro Alves.—Diga a parte no prazo de 15 dias.

Despachos sobre multas por infracção do regulamento do sello

João da Cunha & Comp.—Julgo improcedente a denuncia e mande que se archive.

Joseph M. Manuelli.—Idem.

Carrapatoso Costa & Comp.—Idem.

Manoel Moura Gomes.—Idem.

Francisco José de Araujo Machado.—Deposite a multa para poder ser encaminhado o recurso.

Serafim Paulo Alves.—Cumpra o denunciante o despacho de 15 de agosto ultimo.

Goulart Junior.—Cumpra o denunciante o despacho de 24 de junho ultimo.

O Sr. director da Recobedoria julgo improcedente uma denuncia dada contra a firma João da Cunha & Comp., accusada como infractora do regulamento de sello, por ficar verificado não se tratar de um recibo em forma, datado e assignado.

Ministerio da Guerra

Expediente do dia 22 de outubro de 1900

Ao Sr. Ministro da Fazenda:

Solicitando:

Pagamento, no Thesouro Federal, das seguintes quantias: a Alberto de Almeida 58570; a Clemente, Sobrinho & Comp. 1758000; a David & Comp. 2658700; a Domingos Joaquim da Silva & Comp. 2738450; a J. P. dos Santos & Comp. 1208000; a Luiz Macolo 6208759; a Pacheco Silva & Comp. 138000; a Moss, Irmão & Comp. 32158056; a Torres, Irmão & Comp. 788000; a Trajano Medeiros & Comp. 4208000; a Villas Boas &

Comp. 1:0478250, e a Whyte & Comp. 113800, de fornecimentos feitos a diversas repartições do Ministerio da Guerra; a Barbosa & Moreno 1008; a Borlido Moniz & Comp. 2168060; a Domingos Joaquim da Silva & Comp. 655833; a Fonseca Santos & Comp. 408; a Gonçalves Castro & Comp. 468400; a J. P. dos Santos & Comp. 348; a Leon Rodde 7208; a Moss Irmão & Comp. 2198; a Moura, Pinheiro & Comp. 1668500; a Villas Boas & Comp. 3668700; e a Whyte & Comp. 358800, de fornecimentos feitos á Intendencia Geral da Guerra.

Distribuição á Delegacia Fiscal do Thesouro Federal, em Cuyabá, do credito da quantia de 5008, por conta do § 16° material — despesas especiais — vantagens de forragens, etc. do corrente exercicio, para atender ás despesas com a forragem e ferragem dos animaes em serviço no Arsenal da Guerra do Estado do Matto Grosso. — Fizeram-se as necessarias communicações.

Remettendo:

O processo de divida do exercicio findos n. 21.104, relativo á quantia de 6508000, proveniente de gratificação adicional de 5 %/o, a que tem direito e que deixou de receber o tenente-coronel do corpo de engenheiros Francisco Alberto Guillon, já fallecido, de quem trata o aviso do ministerio a seu cargo n. 87, de 30 de agosto ultimo, visto ter sido rectificado o engano no calculo da referida gratificação;

O requerimento em que o alferes do exercito Boaventura Sebastião Campello, allegando ter recebido, no Thesouro Federal, em 15 de setembro findo, como procurador de D. Candida de Menezes Lessa, viuva do alferes do exercito Venancio Antonio da Fonseca Lessa, a quantia de 1568 importancia do meio soldo e montepio da referida viuva, relativos aos mez es de julho e agosto anteriores, pede a expedição de ordem para que possa receber á mesma importancia á repartição competente, visto haver sido conhecido, posteriormente, do fallecimento da mencionada viuva;

—Ao chefe do Estado Maior do Exercito: Declarando:

Que são transferidos, na arma de infantaria, para o 8° batalhão o alferes do 19° Antonio d'Alencourt Sabo de Oliveira e para o 39° o alferes do 13° Adalberto Gonçalves de Menezes;

Que é nomeado Jorge Luff veterinario do 8° regimento de cavallaria.

Mandando declarar:

Ao commandante do 2° districto militar: Que é permittido ao alferes do 36° batalhão de infantaria João Augusto Pereira continuar addido ao 2° da mesma arma, enquanto este estiver no Estado do Ceará, attento o estado grave de saude da mulher do referido official, o que o impede de seguir viagem para ir reunir-se ao seu corpo;

Que o commando da fortaleza do Brum compete ao official que commanda a bateria do 5° batalhão, alli destacada, sendo, portanto, dispensado de encarregado da mesma fortaleza o 2° tenente desse corpo Antonio Henrique Cordeiro.

Ao commandante do 1° districto militar:

Que, por portarias desta data, se declara sem effeito a de 12 deste mez, que nomeia o tenente do Estado Maior do Exercito Antonio Augusto de Moura adjunto do delegado da Direcção Geral de Engenharia junto ao

dito commandante, sendo o referido official nomeado auxiliar do delegado do chefe do Estado Maior no referido districto.

Mandando:

Recolherem-se ao 1° batalhão de engenharia os 1°s tenentes João Lopes de Oliveira Lyrio, João Baptista da Conceição Monte, Daniel Netto Simões da Costa, Maximiano José Martins e Manoel da Rosa Soares, visto terem sido nesta data dispensados das commissões em que se achavam e haver falta de officiaes no mesmo batalhão.

Remetter á Secretaria do Estado da Guerra uma relação dos capitães arregimentados que tenham o curso de engenharia e que estejam, portanto, nas condições de servir nos batalhões dessa arma.

—Ao delegado fiscal do Thesouro Federal em Matto Grosso, remettendo, para informar, papéis em que o tenente-coronel do corpo de engenheiros Caetano Manoel de Faria e Albuquerque requer pagamento da importancia da differença entre a ajuda de custo a que allega ter direito, quando em maio do anno findo embarcou para esta Capital, e a de 3008 que recebeu na respectiva delegacia.

—Ao Sr. inspector da Alfandega do Porto Alegre, reiterando o pedido de informações, constante da portaria de 29 de julho de 1896, sobre o requerimento em que Carlos Antonini pede pagamento de transporte de tropa, realizado em vapores de sua propriedade, nos rios Ibiyhy e Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul.

—Ao Intendente Geral da Guerra:

Mandando:

Eliminar da carga do 1° batalhão de engenharia tres sabres, 15 marmitões de folha e 12 cartucheiras, que faltam na 3ª companhia e pelos quaes era responsável o então commandante alferes Mario Pinheiro Guimarães, já fallecido.

Declarar ao commandante do 6° districto militar para que o faça construir na Escola Preparatoria e de Tactica do Rio Pardo que, devem ser abonadas aos alumnos constantes da relação que acompanhou o officio n. 1.169, de 25 de setembro, ultimo deste commandante, como firmamento recebido por conta do corrente anno, as peças que venderam em 1899 e não receberam por nao existirem ellas em arrecadação geral.

—Ao presidente do conselho de compras da Intendencia Geral da Guerra, declarando que é approvada a acta da sessão do mesmo conselho, realizada em 27 de setembro findo, para aquisição de artigos de armamento, equipamento e arrejamento.

—Ao director geral de saude, declarando que o Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas já providenciou para que pelo Corpo de Bombeiros seja tirada dos encanamentos especiais a agua necessaria ao consumo do Hospital Central do Exercito e cesse a falta della no Hospital Militar Provisorio do Andarahy.

—Ao director da Contadoria Geral da Guerra, declarando que, sendo approvada a deliberação que tomou de não aceitar apolices da divida publica como deposito para garantir assignaturas de contractos, realizados pelo Ministerio da Guerra, por isso que, no caso de perda, as receitas para ser escripturadas dependem da conversão dessas apolices em moeda corrente, deve ser archivado o requerimento de Azevedo Alves & Irmão, recorrendo dessa deliberação do dito ministerio.

Requerimentos despachados

José Severiano de Almeida, pedindo que seja submettido a estudos pela Direcção Geral de Engenharia o plano de um areostato dirigivel, de sua invenção. — Examinando o trabalho do requerente, verifica-se ser de spido de qualquer valor scientifico, sendo uma temeridade tentar-se uma experiencia com o areostato de sua invenção pela quasi certeza do insuccesso.

Leonidio Marques de Andrade, alferes do 40º batalhão de infantaria, pedindo transferencia para o 16º batalhão da mesma arma. — Indeferido.

Mancel Gonçalves de Araujo, alferes do 39º batalhão de infantaria, pedindo que a sua antiguidade de posto seja contada do 30 de outubro de 1893. — Indeferido.

Marciano Marcello do Nascimento, soldado do 9º regimento de cavallaria, pedindo 30 dias de licença, para tratar de negocios do seu interesse, no Estado do Rio de Janeiro. — Indeferido.

Umbelino de Albuquerque e Silva, músico, incluído no Asylo dos Invalidos da Patria, pedindo ser considerado como de 1ª classe. — Indeferido.

Gonçalves, Castro & Comp., pedindo reconsideração do despacho lançado em petição anterior, em que sollicitaram relevação da multa que lhes foi imposta pela Intendencia Geral da Guerra. — Indeferido.

Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas

Directoria Geral da Industria

Expediente de 26 de outubro de 1900

Autorizou-se a Directoria Geral dos Correios a mandar transportar, livre de porte, os volumes contendo amostras de mineraes e qualquer outra especie de correspondencia, que, destinadas a este ministerio, forem apresentadas a despacho pela Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de Minas Geraes.

— A mesma autorização foi dada á Directoria da Estrada de Ferro Central do Brazil, communicando-se o occorrido ao presidente do Estado de Minas Geraes.

— Pediu-se ao Ministerio da Fazenda providencias para que a Delegacia Fiscal do Thesouro Federal no Estado de Minas Geraes accete bens immoveis como caução exigida pelo art. 397 do regulamento dos Correios, e que foram por ella recusados.

— Autorizou-se a Directoria Geral dos Correios a mandar pagar a Antonio Francisco do Nascimento, machinista da Lancha *Fernando Lobo*, as diarias relativas ao tempo em que, por motivo de ordem sanitaria, esteve

recolhido ao Hospital de Isolamento de S. Sebastião.

— Declarou-se á mesma directoria geral que, á vista das disposições do regulamento dos Correios, não ha duvida sobre a existencia de incompatibilidade entre os cargos postaes nas administrações e sub-administrações e quaesquer outros publicos ou particulares; ficando assim resolvida a consulta sobre as nomeações de empregados do Correio de Alagoas para professores do Lyceu de Artes e Officios.

Dia 27

Pediu-se á Directoria Geral dos Correios para informar si foi ouvida a Administração do Correio de Pernambuco sobre o registro vindo de Tuy e de que tratou a nota da legação da Hepanha.

— Declarou-se á mesma directoria geral que os contractos para condução de malas, uma vez que a sua execução dependa do registro do Tribunal de Contas, acham-se incluídos na determinação constante do officio n. 60, de 21 de junho ultimo.

— Ao Sr. Alex. D. Mc. Donald, de Brunswick, Canada, foram enviadas uma collecção de publicações sobre o Brazil e exemplares das leis sobre immigração e colonização, declarando-se-lhe que a classe de immigrants aqui preferida é a de agricultores.

HISTORIA PATRIA

Sobre alguns antigos retratos de indios sul-americanos, por Paul Ehrenreich, Berlim (*)

As mais admiraveis curiosidades do Museu Ethnographico de Copenhague pertencem, como é notorio, os retratos em tamanho natural de indigenas brasileiros do seculo XVII, porventura os mais antigos retratos conhecidos de selvagens, feitos por mão de artista.

O Sr. Kr. Bahnsen, digno conservador do Museu, publicou e tentou descrever ethnologicamente um desses retratos no *Archivo Internacional de Ethnographia*, vol. II, pag. 221 ff. (com grav. XIII). Representa um homem armado de flexas, a competente zarabatana e uma maça, instrumentos de guerra estes que ainda hoje se conservam *in natura* no Museu e são de um alto interesse ethnographico como os unicos objectos que até nós chegaram daquelle povo de ha muito extinto.

Bahnsen chegou á conclusão de que se trata de um representante da grande nação Tupy, cujas tribus (Tupinambás, Tupinikins, Tobajaras, etc.) quasi dous seculos depois da descoberta ainda povoavam por completo a costa oriental brasileira. Na verdade pareceu-lhe singular que faltasse nos quadros o arco, a tradicional e sempre mencionada arma dos Tupys, ao passo que a zarabatana, cuja forma differe de tudo quanto até aqui é conhecido, oriundo da America do Sul, nunca entre os velhos escriptores foi citada como arma tupy.

Esta contradicção explica-se, porém, facilmente pelo facto de tratar-se neste caso não de um Tupy, mas de um Tapuya, isto é, um não Tupy, gente sobre a qual chegaram até nós informações diversas em illustrações e escriptos. Antes que tudo, deve-se provar este ponto, para depois discutir a que tribu pertence o individuo, o lugar onde vivia e a situação ethnologica do seu povo, sobre a base das antigas noticias existentes, que são bastante copiosas.

É assás facil de responder a qualquer interrogação sobre a proveniencia dos quadros de Copenhague, que alli se encontram desde 1690. Pertencem, sem sombra de duvida, á collecção formada pelo conde, depois principe João Mauricio de Nassau-Siegen, na sua qualidade de governador das colonias neerlandezas do Brazil norte-oriental (1636 a 1644) e mais tarde vendida com outros materiaes de historia natural ao Grande Eleitor Frederico Guilherme de Brandeburgo.

(*) Este artigo, excellente contribuição para a nossa historia e ethnographia, foi publicado na revista allemã «Globus» pelo Sr. Paul Ehrenreich, conhecedor como ninguem da nossa ethnographia, que tem especialmente estudado nas suas longas viagens pelo Brazil. Devemos a sua traducção á competencia e gentileza do nosso illustrado compatriota Dr. Oliveira Lima, actualmente encarregado de negocios do Brazil em Londres. As gravuras, que acompanham o original, serão publicadas com a edição em separado, que virá á luz no proximo volume dos *Materiaes e Achegos para a Historia do Brazil*, que vão continuar a apparecer sob a erudita direcção do Sr. Capistrano de Abreu, que os iniciou, associado ao malogrado Valle Cabral. — N. da R.

Driessen fornece-nos dados bastantes sobre esse ponto na sua biographia do principe. (1) Encontra-se no appendice (pag. 357) um inventario completo, segundo os documentos examinados, das maravilhas transferidas ao Eleitor por meio do ajuste de 18 de setembro de 1652. Sob n. 13 acham-se classificados:

«Sete grandes pinturas a oleo, da altura de sete varas brabantezas (*de 41 polegadas cada uma*), com que se podem decorar as paredes de um grande salão em guiza de tapeçarias, representando indios pintados do natural e em tamanho natural, e, dispostos em uma bonita ordem, todos os quadrupedes e outros animaes, peixes, passaros, reptis, vermes, arvores, fructas, hervas e flores que os acompanham.

Mais nove pequenas peças para baixo das janellas, conforme e em proporção com as grandes, tudo raro e que em parte alguma se pôde encontrar.»

Ignoramos de que modo esses quadros, igualmente mencionados por Humboldt (*Kosmos*, vol. II, pag. 85), passaram para a Dinamarca: talvez como presente. Segundo a assignatura, chama-se o pintor A. Eckhout (1641 a 1643); delle, todavia, para o que Bahnsen chama a attenção, não mais se conhece e nada tem de identico com o discipulo de Rembrandt Gerbrandt van dea Eckhout. Talvez fizesse elle parte do numero dos pintores que o principe levou consigo para o Brazil, e é, outrossim, possivel que os quadros fossem feitos por elle na Europa, e que sua indicação «Brazil», se refira apenas á origem dos objectos representados.

Qualquer duvida de que os quadros pertenceram effectivamente á collecção de Mauricio de Nassau desmanchar-se-hia pela simples comparação com outras illustrações e publicações procedentes daquelle época. Temos, em primeiro lugar, a *Zoologia* de Zacharias Wagner, que se acha no Real Gabinete de Estampas de Dresda e cujo autor conservou suas funcções junto do principe, de 1634 a 1641. Sua curta auto-biographia e o texto dos seus quadros versando sobre a historia natural brasileira foram publicados em 1888, por P. C. Richiter, na collecção da Sociedade de Geographia de Dresda (pag. 56 ff), posto que, infelizmente, sem illustrações, que são de capital importancia para o exame do material de Copenhague. Um confronto destes quadros com os de Copenhague, acerca dos quaes o Sr. Bahnsen poz o mais amavelmente á minha disposição noticias e desenhos, indica o seguinte:

1. O homem publicado no *Archivo Internacional* (com maça e zarabatana (assignado Eckhout, 1641, Brazil), é identico á fl. 95 de Zacharias Wagner «Omém Tapuya».

2. O retrato, com igual assignatura, de uma india carregando ás costas um cesto com um pé humano e na mão uma mão humana decepada, é identico á «Mulher tapuya» de Zacharias Wagner. Tambem o cachorro, bebendo postado entre as pernas de uma mulher que atravessa um riacho, encontra-se em ambos os quadros.

3. Um indio armado de arco e flecha, com uma tanga branca e faca na cintura (assignado A. Eckhout, 1643, Brazil)

(1) Ludwig Driessen, *Leben des Fursten Moritz von Nassau-Siegen*. Berlim, Dker, 1840.

(2) Driessen julga com bons fundamentos ser Franz Post de Haarlem o pintor. (Ob. cit. pag. 110.)

corresponde à fl. 93 «O Homem Brasileiro» da Zoologia de Dresde.

4. A índia com uma criança nos braços e à cabeça um cesto com caboças (ass. Eckhout, 1.641, Brazil) é idêntica à fl. 94 da Zoologia «Mulher Brasileira».

5. O quadro de dança de Copenhague (sem assignatura) representa oito homens executando uma dança de guerra, dous delles apenas trazendo zarabatanas, todos, porém, tendo flechas e maça. Duas mulheres revestidas, como a do n. 2, de cinturas de folhas, estão collocadas à direita debaixo de uma arvore, enlacadas e tapando os narizes.

Este quadro falta na serie de Dresde. Em um logar encontra-se, n. 103, uma dança circular de 19 homens desarmados em uma paizagem montanhosa. A esquerda um homem deitado e uma mulher accendendo o fogo. Um outro homem tira à direita agua de um riacho. No plano afastado finge ter logar um combate entre duas hordas de indigenas. Apesar da crueza do desenho, o quadro apparece inteiramente de uma fl. naturalidade, como si fosse um esboço de occasião. A dança recorda singularmente as danças dos Botucudos.

Os dous retratos de negros de Copenhague encontram-se igualmente na zoologia debaixo do nome de «Omém Negro». Chamemos aqui apenas a attenção para elles, assim como para as interessantes representações de uma dança de negros, de um mercado de escravos em Pernambuco e uma aldeia de «Brasilienses» (Tupys).

Como o autor assegura na introdução ter levado tudo a cabo «do modo mais exacto, com suas cores naturaes, afim de exhibir aos seus compatriotas alguma coisa nova e maravilhosa» dá com isto a entender que nos seus quadros devemos buscar os modelos originaes dos de Copenhague. Em prol desta hypothese falla tambem altamente a chronologia. Wagner regressou para a Hollanda a 17 de junho de 1641 e dirigiu-se para Haya, Delft, Rotterdam e Leyden, «afim de fazer entrega nas referidas cidades daquillo que o conde lhe confiara, e que se compunha de escriptos, pintura e papagaios». Seus quadros deviam, portanto, ter ficado promptos antes de 1641, ao passo que os retratos de Copenhague só foram pintados entre 1641 e 1643.

Em ambas as collecções de quadros nota-se uma falta particular no colorido, os pontos de madeira das flechas, que nós ainda possuímos *in natura*, acham-se pintados, como si fossem de ferro, com uma cor azul cinzenta. Uma não menos notavel differença reside no facto que nos retratos de tapuyas de Eckhout tanto o homem como a mulher usam sandalias, ao passo que nos de Zacharias Wagner apenas o homem acha-se representado com esse calçado, tão pouco usual entre as tribus sul-americanas. Não devemos dahi colligir como certo que os quadros de Wagner foram os primeira e exclusivamente copiados do natural, não passando os de Eckhout de reproduções em maior escala. Mais provavel será derivarem tanto uns como outros de esboços originaes que se encontraram porventura entre as pinturas brindadas pelo principe.

Posto seja bastante indifferente resolver qual das collecções é a original, podemos ter, entretanto, como certo que o homem descrito por Bahinsson, com a zarabana, representa um Tapuya do interior do Brazil, norte-oriental, e principalmente que todos os indios ali reproduzidos pertencem à «esphera de influencia» neerlandeza de então, a saber, os dominios de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão.

Aos limitados annos de occupação batava dessas regiões, somos devedores da mais meritoria obra de historia natural do tempo passado, a qual por mais seculo e meio, até as viagens do principe de Wied e de Martius, ficou sendo a principal fonte para o conhecimento scientifico do poderoso imperio brasileiro. Tal obra é a de Piso e Maregraf do Liebstadt: *Historia naturalis Brasiliae, auspicio et beneficio Ill. J. Mauritii Com. Nassav... adornata. In qua non tantum plantae et animalia, sed et indigonarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentis illustrantur.* Lugd. Bat. et Amst. 1643. Fol. (3)

Nesta obra classica encontram-se todos os dados essenciaes sobre aquellas tribus. Logo no frontispicio depara-se-nos representado a esquerda um selvagem, cuja parecença com o do quadro de Copenhague salta logo à vista. Acha-se do mesmo modo inteiramente nu, com a ligadura, facilmente reconhecivel, do penis. Na mão esquerda carrega encostadas ao hombro tres fle-

chas guarnecidas de pontas, e ao mesmo tempo segura com o pollegar uma zarabatana ornada no cabo de dous enfeites de pennas. A mão direita sustenta uma maça apenas superficialmente desenhada. Vê-se em todo o caso sua forma quadrangular prismatica e que a decora igualmente um tufo de pennas.

Os cabellos do homem são cortados curtos na frente, cabem compridos sobre as espaldas e na região temporal acham-se cuidadosamente arrancados. O alto da cabeça parece estar coberto com um barrete enfeitado de tres longas pennas. Um pouco abaixo do canto direito da bocca projecta-se um rolete, e outro mais curto encontra-se espetado à direita do queixo. No lado esquerdo faltam os roletes, evidentemente porque se descuidou a entalha. Os pés estão descalços, e tambem falta o ornato dorsal de pennas de ema.

A mulher que lhe fica frente está igualmente nua, mas traz pendente um longo enfeite que vae da nuca até a curva dos joelhos e que merece especial discussão. A sua «folha de vinha» descobre-se logo ao primeiro relance não passar da tradicional usança do pintor. O rosto e o corpo são por completo europeus. Tampouco o modo de pentear offerece algum traço caracteristico.

No texto os capitulos IV a XIII são dedicados à descripção dos naturaes do dominio hollandez. Distinguem-se em primeiro logar e tratam-se separadamente as tribus tupys dos Tupinambás, Tobajaras e Petiguarias e, em contraposição a estas, os numerosos não Tupys ou Tapuyas: «*hinc natio iterum in alias multas nominibus distinctas et idiomate differentes divisa est.*» Como tapuyas do rio S. Francisco, cita Maregraf os Aroderas, Cajais, Maquarils e Poymés, mas nota textualmente que já tratou destes em outro logar (4) e por isso só quer alli occupar-se dos sujeitos à soberania hollandeza (pag. 268).

No capitulo IV (pag. 270) é-nos logo apresentado em quadro um casal tupy, «Brasilienses.» O homem está armado de arco e flechas, e o cavallo cae-lhe sobre a frente; tanto elle como a mulher trazem tangas, cujo uso, conforme resa o texto, foi introduzido pelos europeus.

O cap. XIII occupa-se: *De Tapuiarum moribus et consuetudinibus, e relatione Jacobi Rabbi, qui aliquot annos inter illos viçerat.* Encontra-se ali à pag. 280 um tapuya, igualmente representado com tres flechas e a zarabatana em uma mão e a maça na outra. O aspecto da ultima é perfeitamente idêntico ao das que se veem nos quadros de Copenhague e Dresde, e bem assim a posição do homem, differindo apenas em que elle usa um diadema baixo de pennas com longas plumas no rocio, e que não tem sandalias.

Ao pé delle depara-se-nos uma mulher sem ornato algum, encobrindo suas nudezas com um ramo. Igualmente carrega essa mulher, na direita, uma mão humana decepada e, no costado dependurado ás costas, um pé humano.

Estas quatro illustrações no texto, assim como as do frontispicio, não passam evidentemente de toscas cópias dos originaes de Wagner ou dos de Copenhague, executadas por um gravador sobre madeira, pouco familiar com o seu officio. O enfeite da cabeça do Tapuya foi arbitrariamente modificado, e particularmente o enfeite de pennas de ema foi descuidado ou antes mal interpretado, visto que o indio acha-se representado com longos cabellos pendentes sobre as espaldas. O avental de pennas tão facilmente reconhecivel no original e descendo sobre as pernas da mulher, converteu-se em um simples raminho, chegando no frontispicio à mera «folha de vinha».

Auctores que escreveram mais tarde ainda modificaram o adulteraram mais estes quadros, por exemplo, von Niouhof nos seus *Gedenkeveerdigen Brasiliaense Zeren Lintreise.* Amst. 1682, gr. fol.

Aos quadros do Tupy e Tapuya das pags. 218 e 224 da obra deram origem as gravuras sobre madeira de Maregraf. Originalmente, por livre invenção do desenlista, porém, o quadro da pag. 224, acha-se mencionado como um tapuya matando um passaro no vôo. A ligadura do penis no homem e o avental de folhas da mulher, são ali facilmente reconheciveis. No segundo plano veem-se sentadas mulheres e crianças em uma refeição de canibias.

De interesse incomparavelmente superior ao dessas gravuras são os quadros inteiramente do mesmo genero, mas que ficaram quasi por completo ignorados, de que está de posse a Bibliotheca Real de Berlin. Pertencem igualmente à collecção transferida ao Grande Eleitor, e acham-se descriptos sob ns. 14 e 15 da lista mencionada em Driesem (ob. cit. pag. 358).

14. «Um livro grande em folio real e outro menor, onde encontra-se artisticamente reproduzido do vivo, em miniatura, tudo quanto ha para ver no Brazil — homens, quadrupedes, aves, reptis, peixes, arvores, hervas, flores — ajuntando-se seus nomes, qualidades e propriedades.»

15. «Mais de cem outras pinturas indigenas de animaes e diversas cousas feitas a oleo, sobre papel e soltas.»

Esta collecção foi posta em ordem de 1631 a 1664 pelo medico real Christian Mentzel e traz o titulo de *Theatrum rerum naturalium Brasiliae*, constituinto quatro grossos volumes in-folio, com 1.460 figuras em total. (Driesen, ob. cit. pag. 109). Existem mais dous volumes menores sem titulo, tambem con-

(4) Descriptio Indiae occident. Liber XV. Livro alias desconhecido.

(3) Piso acompanhou o principe como medico, Maregraf como naturalista, astrónomo e geographo. Após seis annos da mais fructuosa actividade, falleceu Maregraf durante a expedição africo occidental dos hollandezes a S. Paulo de Loanda (1644). Seu espolio scientifico foi dado à luz por Laet, de collaboração com Piso, razão pela qual não foi infelizmente possível evitar varios enganos na successão das observações e inserção das illustrações, custumando aliás Maregraf consignar seus apontamentos em pequenas folhas de papel e em uns hieroglyphs, delle apenas intelligiveis. A decifração pôde ser executada uma vez achada a chave, mas de-a causa a muitas obscuridades nas partes zoologica e ethnologica. (Driesen, ob. cit., pag. 104; Lichtenstein, Diss. da Acad. de Sciencias, 1814, e 1815, pag. 201, fol.

tendo animaes e plantas coloridas, com observações do proprio punho do principe.

As plantas e os animaes desta collecção, desenhados segundo exemplares vivos ou mortos de fresco, pertencem aos mais notaveis trabalhos da pintura de natureza daquelle tempo e constituem sem duvida o mais importante material para o estudo da historia natural, que, principalmente antes das viagens de Martius, foi trazido do Brazil para a Europa. O bi secular dominio portuguez, que se seguiu ao batavo, nada produziu de igual ou mesmo do parecido.

Infelizmente, certamente por causa da prematura morte de Maregraf, permaneceram semelhantes thesouros em total esquecimento. Nem Linneu nem os subsequentes naturalistas francezes e hespanhões poderam derivar conhecimentos das suas indicações. Passou-se seculo e meio antes que Lichtenstein de novo chamasse á luz a collecção e na sua dissertação: *Die Werke Maregraves und Piso über die Naturgeschichte Brasiliens, erläutert ans den wieder aufgefundenen Originalzeichnungen* (As obras de Maregraf e Piso sobre a historia natural do Brazil, commentadas sobre os desenhos originaes novamente descobertos), nas Dissert. da Acad. Real das Sciencias, 1814-15, pag. 201 ff.; 1816-17, pag. 15 ff.; 1820-21, pag. 237 ff., trata-se especialmente dos quadrupedes e serviu á identificação das gravuras daquelle obra, frequentemente bem imperfeitas, em parte tambem erradamente collocadas.

Mais tarde tambem Martius occupou-se das plantas (no 4º vol. do *Theatrum*) na tentativa de commentario sobre as plantas nas obras de Maregraf e Piso sobre o Brazil (Dissert. da classe de sciencias mathematicas e physicas da Real Acad. de Munich), 7º vol., 1855. Neste trabalho pretende elle ter sido Franz Post, filho de um pintor de vitraes de Harbm, o artista, e chama particularmente a attenção para duas paisagens do mesmo Post, conservadas na Real Galeria de Quadros de Schleifshelm (numeros do catalogo 1.511 e 1.512) e que se acham reproduzidos na historia palmarum, quadros 84 e 85.

O que aqui nos interessa, porém, são as representações anthropologicas, apenas tratadas de passagem, por Lichtenstein e Martius, e cuja importancia ninguem até hoje percebeu justamente.

Algumas dellas foram em verdade já uma vez reproduzidas, mas infelizmente não de um modo mais accessivel, a saber no calendario historico-genealogico para o anno bissexto de 1818, publicado pela real deputação prussiana dos calendarios, 12º. Como havia então o maior interesse pelo Brazil—o casamento da archiduqueza d'Austria com D. Pedro, depois primeiro imperador do Brazil, já havia dado ensejo ás grandes viagens scientificas de Spix e Martius, Natterer e Pohl—foi inserida naquelle livrinho uma pequena monographia, excellentemente escripta por Link, sobre o imperio, outr'ora tão pouco conhecido, a qual contém, além de uma carta geographica, varias gravuras extrahidas de obras mais antigas. Das dellas são: «Um tapuya armado para a guerra, e sua mulher» e «Retrato de um tapuya, segundo quadros da collecção do conde Mauricio de Nassau».

Estes quadros encontram-se por conseguinte no 3º volume do *Theatrum rerum naturalium, quo proponuntur icones animalium ad hominem ad inserta usque*.

Desgraçadamente intro luziram-se nos rotulos de Mentzel grosseiros enganos ou equívocos, provocados pelos quadros tirados dos materiaes africanos reunidos pelo conde.

A fl. 1 traz a inscripção *Principum quilam Chilensium forsan*, com referencia a Maregraf, pag. 283.

Fl. 2. *Ejusdem qui precedente pictus est nationis*.

Fl. 3. *Alius Chilensium regulus venationi aut bello se accingens* *Mareg. ibid.*

Estes tres individuos são á primeira vista reconheciveis como africanos. Usam longas vestimentas, barretes oscarlados de forma conica ornados de buzios e, pendentes, compridos collares vermelhos com cruces. As armas do homem da fl. 3 são perfeitamente africanas (5).

As tres folhas immediatas igualmente representam negros, provavelmente dos importados no Brazil; a fl. 4 acha-se descripta como «Nigrita», a fl. 5 como *Es nigritis alius*, e a fl. 6 como *Aethiops leucoticus*, o magistral retrato de um albino.

Seguem-se logo os typos de indios, mas do mesmo modo com rotulos extremamente duvidosos. Tres dellas especialmente não apresentam caracteristico algum brasileiro, indicando muito mais nas vest. s, ornatos e armas pertencerem a povos do extremo sul.

Fl. 7 *Mulier Brasiliensis*, Mareg. Hist. Br. pag. 270.

Uma mulher com brincos, collar e bracelete de perolas brancas, eabellos cortados curtos carregando uma criança ás costas. A parte inferior do corpo está envolta em uma pelle de animal que lhe cahe sobre as barrigas das pernas. Quadro I, 1.

(5) Trata-se evidentemente dos onviados do reino do Congo, que com ricos presentes procuraram o principe em Moritzstadt no anno de 1643 (Driesen, ob. cit. pag. 122). As cruces por elles usadas esclarecem a observação de Barlaeys, *Christianus se vulgo fectant verum tunc quam apud Christiano simulari religionem expedit*.

No calendario apparece esta figura como de uma «mulher Tapuya». Semelhante designação é seguramente tão arbitraria quanto a do Mentzel. A vestimenta de pelles fãa evidentemente pertencer á mesma tribu que os dous homens immediatos.

Fol. 8. *Tapuyarum quilam*. Mareg. Hist. Br. pag. 270. Representação da face de um indio em corpo inteiro, fumando um longo cachimbo, o qual segura com a mão direita, enquanto a esquerda descansa sobre a anca. Decora-lhe a cabeça, de que pende para a frente sobre o hombro esquerdo uma longa madeixa, um cocar de pennas vermelho escuro em forma de aureola. Uma volta de contas brancas circum-la-lhe a fronte. Outras voltas pendem-lhe sobre o peito. Um manto de pelles abriga-lhe os hombros. Uma tanga acha-se presa na cintura e as pernas finalmente estão cobertas por uma especie de perneiras. Quadro I, 2.

Fol. 9. *Tapuyarum alius venator aut miles*. Um homem da mesma tribu, nã, igualmente de corpo inteiro mas de perfil, em posição de retezar o arco. O mencionado barrote vermelho circumda-lhe a cabeça como um diadema, de fôrma a ver-se o topo do craneo. Deparam-se-nos tambem madeixas e fios de perolas. O homem usa um cinto castanho e um manto de pelle que lhe alcança as barrigas das pernas e ao qual está pegado um punhado de flechas. Não se percebe si é propriamente uma aljava ou si faz as vezes desta uma prega enrolada do manto. Do lado esquerdo pende um sacco de carregar. A mão esquerda segura além do arco uma especie de tacaço. O pulso está envolta em uma ligadura de protecção contra a pancada de recio da corda. Quadro I, 3.

Esta figura encontra-se no primeiro quadro do Calendario junto á mulher da fl. 7.

É difficil decidir a que raça pertencem estes tres ultimos individuos. Possuimos, contudo, pontos de referencia. Segundo a natureza das coisas pôde-se apenas tratar das tribus visitadas por occasião da expedição chilena dos holandezes (1642), em primeiro logar os araucanos, com os quaes Herkman, o chefe dessa expedição, esteve por bastante tempo em contacto (Diesen, ob. cit. pag. 120). Com effeito sabemos que mantos de pellos de guanaco eram de uso entre os Puelches (comp. Medina, *Los Aborijenes de Chile*, pag. 165), que os chilenos usavam como enfeite fios de pequenos buzios polidos (ob. cit. pag. 171), que nas partes mais frias do paiz, como Chiloe, as perneiras eram communs (ob. cit. pag. 165). Tambem as settas e arcos curtos, a clava, o cachimbo, o diadema de pennas, concordam perfeitamente com o que sabemos da população originaria Chile. É facto que os mencionados quadros não correspondem aos primitivos desenhos dos «Chilenses» na obra de Maregraf, mas pôde tratar-se de outras tribus.

A inadvertencia de Mentzel, descrevendo as tres primeiras figuras como «Chilenses», esclarece-se assim facilmente. Tres retratos de Chilenos encontram-se na collecção. Por engano os tres negros receberam esta designação, e para aquelles ficou apenas disponivel a de «Tapuyas» ou a de «Brasilienses».

Fol. 10. *Tapuyarum mulier*. Uma India de cabeça pellada, vestida com uma tanga de listras pretas e brancas, e por cima uma faixa escarlate. Na mão direita tem um pote ou um cabaço. Corresponde ella menos mal á «mulher brasileira» de Dresden ou de Copenhague, e é, pois, uma tupy da costa. Quadro II, 2.

Fol. 11. *Brasiliensis vir corpore coloribus infecto*. Um tanto apagado e evidentemente por mais de uma vez retocado quadro de um velho, trazendo na mão direita uma longa vara. Pelo descoberto do penis e pelo tosquia do cabello da fronte ás fontes lembra, pouco mais ou menos, o Mororó.

O colorido da pelle está muito escuro. Algumas riscas amarellas na face e espirtuas, assim como duas amarello castanho e uma preta intercalada no abdomen, não dão a impressão da pintura do corpo, antes parecem manchas accidentaes.

Sua designação de tupy da costa é pelo menos muito duvidosa. Deve-se nelle ver de preferencia um dos tapuyos do baixo S. Francisco, representados por Maregraf á pag. 268—Quadro II, 1. Seguem-se finalmente os dous quaíros mais importantes, com a inscripção «Tapuya» sobre a propria folha original.

Não se pôde verificar á primeira vista si a fl. 12 representa uma mulher, porque o peito está occulto pelo braço esquerdo distendido para a direita. Pelo contrario é facilmente reconhecivel o caracteristico revestimento dos orgãos sexuaes. Vê-se que uma ponta do tufo de folhas, assomando entre as pernas, vai prender-se á fita da cintura. A côr vermelha amarella escura da pelle é reproduzida neste desenho a carvão ou lapis, com uma fidelidade pouco commum—Quadro III, 1.

A cabeça mostra o genuino penteado tapuyo. A physionomia ficou infelizmente incompleta, o que torna para nós mais precioso o ultimo quadro.

Fl. 13. Um retrato masculino de busto perfeitamente bem acabado, com a inscripção «Tapuya», de um realismo impressionante, talvez o mais verdadeiro de todos os quadros que nos ficaram dos tempos passados. Nas orelhas usa o homem pequenos ramos de pennuzes verdes. O penteado em forma de prato corresponde exactamente ao do homem dançando do quadro de Copenhague. «O cabello é, diz Bauhinson (ob. cit.

pag. 222), cortado curto, ou todo em volta até acima das orelhas, ou só na parte deanteira da cabeça, estando por baixo atada uma cinta de fôrma a parecer uma especie de barrete, ao passo que para trás elle comprido. Segundo o esboço deste quadro, que me foi muito amavelmente enviado pelo Sr. Rankinson, o nosso retrato em questão parece ter sido o modelo ou desenho original do bailador que achá-se á extrema direita e tem em cada mão um tacape—Quadro III, 2.

Com isto esgotá-se o material conhecido dos quadros. Talvez sejam algum dia trazidos á luz, na Hollanda, e nomeadamente na França, outras reliquias daquelle famoso príncipe. Entre os papeis de Mauricio de Nassau, de que é possuidor o Archivo Real Neerlandez, encontra-se designadamente a correspondencia trocada sobre uma collecção de «raridades», particularmente cerca de 40 quadros originarios, cedida a Luiz XIV. Somos devedores de apuradas informações sobre isto ao Dr. José Hygino Duarte Pereira, que em 1885 pesquisou nos archivos hollandezes e publicou os resultados do seu trabalho na Rev. Trim. do Inst. do Rio, 1886, vol. 49, II, pag. 185 ff. Ficamos sabendo por ali entre outras cousas, que seis pintores estiveram em actividade ao serviço do príncipe, ao numero dos quaes bem pôde haver pertencido Zacharias Wagner. A 14 de agosto de 1679 foram os quadros expostos no Louvre, e a 25 o rei e toda corte fizeram uma visita á exposição, altamente elogiando as pinturas. (Vide carta de Paul de Milly, Rev. Prim., vol. cit., pag. 232). De então por diante fallece qualquer indicação sobre o destino dos referidos quadros: pelo menos o Dr. José Hygino Pereira nada a respeito pôde descobrir no Louvre.

II

Sobre essas velhas hordas tapuyas foram-nos conservados na litteratura coeva os mais valiosos esclarecimentos, de fôrma que relativamente sabemos mais a respeito dellas do que da maior parte das tribus selvagens ainda hoje existentes.

Será, portanto, de algum interesse comparar nossas representações artisticas com as descrições dos antigos autores.

As fontes mais importantes são, além da conhecida obra de Piso-Maregraf (M) as seguintes:

1. Barlaeus, *Rerum per Oetanium in Brasilia et alibi nuper gestarum, sub praefectura comitis J. Mauriti Nassovici, etc...* historia. Amstel, 1647. Fol. Utilizamo-nos para o presente trabalho da edição allemã: *Brasilianische Geschichte bey achtjähriger, in ulhigen Landen geführter Regierung Seiner Fürstlichen Gueden Herrn Johann Moritz, Fürstens zu Nassau*. Cleve, gedruckt bey Tobia Silberling Im Jahr 1659, k. 8º (M).

2. *Relation du voyage de Roulox Baro interprete et ambassadeur ordinaire de la Compagnie des Indes d'Occident, de la part des illust. seigneurs des Provinces unies au pays des Tapuyes dans la terre ferme du Bresil*.

Trad. d'hollandois en français par Pierre Moreau de Paray (Vide Driesen, ob. cit. pag. 112.) Esta relação constitue a segunda parte da—*Relations veritables et curieuses d'islo de Madagascar et du Brasil, Paris 1651 in-4º* (Leclere, Bibl. Amer. n. 1.642) e acha-se provida de valiosas explicações e commentarios do sieur Murisot (R).

3. *Laet, Historie ofte Jaerlijk Verhael von de Verrichtinghen der Geocroyeerde Wert-Indische Compagnie. Leiden, Elz. 1644, Fol. (I).*

O que se encontra além disto nos escriptos recheados de Dapper, Vries, Nieuhof, etc., é extrahido dos precedentes autores, frequente e arbitrariamente desnaturados, sendo particularmente em extremo incorrecta a orthographia dos nomes e termos indigenas.

Logo pelo que diz respeito ás armas dos Tapuyas, ficamos sabendo o seguinte em M pag. 278, acerca das duas peças que em primeira linha nos interessam, a saber, a zarabatana e o tacape. «Tapuyarum nationes quaedam nullis arcibus utuntur, sed sagittas suas emittunt manus jactura solummodo imponendo ligno cuidam excavato instar tubi per melius secundum longitudinem dissecti. Cariri autem arcibus utuntur.»

Parecidamente exprime-se Morisot (R pag. 264) e particularmente o laconico e drastico Zacharias Wagner na fl. 95 do seu livro: «Suas pontudas e pesadas flexas sabem muito habilmente atirar onde quorem e quando quorem com a pequena *mangedoira*. Com effeito a zarabatana, em fôrma de cano, de Copenhague, não podia ser mais felizmente comparada do que com uma mangedoira.

Singularmente Barlaeus (B pag. 701) não menciona a zarabatana, apenas fazendo menção dos arcos, flexas, dardos e clavas. Falla no emtanto de sotas de atirar com a mão, sobre cuja applicação ceremonial fornece uma interessante informação. A noiva era conduzida antes do casamento festivamente pintada á presença do rei, que a assoprava com fumo. «Logo depois colloca elle sobre a noiva uma corozinha, visando-a em seguida com uma flexa de mão e mostrando como attinge destramente o alvo. No caso de ferir a noiva, o rei em pessoa lambolhe o sangue na esperança de por este meio viver mais tempo». De resto encontra-se a zarabatana reproduzida repetidas vezes nas gravuras da edição illustrada, entre os trophes das vinhetas.

O facto de em R pag. 263, mencionarem-se os arcos, leva-nos a crer que esta arma mais perfeita encontrou outrora prompta

acceitação e porventura foi logo supplantando a zarabatana, conforme aconteceu em outros pontos do continente. Quasi em toda a parte onde ainda hoje logramos descobrir estes instrumentos, degeneraram elles em méras armas de sport ou recreio.

Com relação ás maças expressa-se M pag. 278: «Tapuyae clavas habent ex solido ligno nigro confectas, vocant Japema (palavra tupy! ver abaixo) longas et latas antierius et ossiculis interdum asperata. Manubris autem circumvolvunt teniolas e gossypis... In extremitate clavæ postica dependet fasciculus pennarum e cauda arara, uti et in medis parvus fasciculus adligatus est.» Vide R pag. 264. E' pois igualmente uma fiel descripção da clava do Museu de Copenhague.

No capitulo VI de M. «De vestitu et ornatu virorum et mulierum Brasiliensium», não se acha infelizmente discriminado com bastante precisão o que pertence aos tupsys (Brasilienses) e aos Tapuyas. Depois os objectos peculiares aos ultimos encontram-se tambem designados com appelludações da lingua geral, processo que ainda hoje origina deploravel confusão na ethnogenia brasileira.

Como entretanto o assumpto dos enfeites e vestuarios dos Tupsys (Brasilienses), que já então tinham renunciado a varias das suas peculiaridades, fica esgotado nas dez primeiras paginas, somos justificados em referir o que se segue aos Tapuyas. Por exemplo, depois de haver-se dito dos Tupsys: «Nudis incedunt pedibus nullis calcies inductis», só pôde ter applicação aos Tapuyas a reflexão do final do capitulo: «Loco calciorum nostratum et certo cortice factis utuntur», ainda que a acompanhem descripções na lingua geral.

Nossos quadros mostram estas sandalias (alpargatas), ainda hoje usadas no Brazil. Igualmente vemos confirmadas as indicações sobre os ornatos das orelhas e beiços dos homens: ossos de macaco espetam-se nos buracos das orelhas, introduzindo-se batoques de madeira nos cantos da bocca, e o labio inferior ostenta por vezes uma pedra verde (M pag. 271). No quadro da dança usa um dos homens nas orelhas os pregos de madeira peculiares ás tribus Gés, e ornato, conforme veremos, entre elles particularmente significativo.

Os velhos Tapuyas ostentavam na cabeça enfeites de pennas das mais variadas formas. Os homens do quadro da dança de Copenhague trazem o «funiculum et gossypii e qua postica parte aliquot pennas longas vel coruleas propendentes», mencionado em M pag. 271. No homem do frontispicio ao contrario as pennas estão grudadas á cabeça: «solent quoque cum cora seu inelle silvestri certas ex avium elegantium pennis cristas capiti agglutinare», processo que ainda agora encontramos usado pelos horros nos logares mais distantes. Tambem faz recordar muito estes Indios o penteado dos Tapuyas, tal como o revelam do modo mais claro a mulher de Dresda e os dous quadros de Berlim.

Com relação ao revestimento das partes sexuaes diz-se: «viri membri sui genitalis fistulam in se contrahunt et involvunt ligantes tœniola quœdam», removendo-se a ligadura para a acção de urinar. Esta ligadura do penis igualmente introduzida entre os Patashos e os Karayas, vê-se melhor do que em qualquer outra parte no quadro acima mencionado de Niezhot, devendo attribuir-se-lhe, conforme veremos, neste ponto importancia ethnographica.

Ao passo que as mulheres dos Tupsys da costa, já então com resaios de civilização, «jam longis indusus vestiuntur, factis ex linte vel gossypio», são as dos tapuyas menos pretenciosas: «pudentia sua solummodo legunt fasciculo herbarum aut foliorum alieuius arboris que subinserrunt chorda, qua singuli loco se circumligant.» Estes «aventaes formosos, verdes, rejitados por Eva e por ella de novo avilamente apauados» (Wagner) tornam os nossos quadros de primeira ordem.

Apenas a mulher do frontispicio de M apresenta uma variante mais idealizada daquelle vestimenta, sob uma fôrma que já se approxima da «classica» folha da vinha.

Dous objectos feitos de pennas, que debaixo da rubrica «Tapuyas» são publicados por M com seus nomes tupsys, merecem particular consideração, porque de accordo com as outras noticias, referem-se na realidade aos Tupsys do Sul (Tupinambás, Tupy-niquins). São os mantos de pennas e os discos dorsaes feitos de pennas de ema.

Sobre os mantos lê-se á pag. 270 de M:

«Pallia conficiunt ex filis crassis gossypii instar retis nexis et cuilibet modo innexa est penna ita ut pallium totum pennatum sit, et eodem pene modo et concinno ordine pennas sibi invicem incumbunt. Pallium autem hoc superius cucullum habet ita ut totum caput humeros et coxas ad anum usque possit tegere. Hoc pallio utuntur ornatus et necessitatis causa quia elegantissime... pennis rubris avis Guara contextum est.»

Estes mantos, que serviam para proteger da chuva, acham-se ainda hoje conservados em diferentes museus, um por exemplo em Copenhague, outro no Trocadero de Paris (onde está descripto como originario da Guyana), varios em Florença, dos quaes se obteve recentemente um para o Museu Ethnographico de Berlim.

Foram elles encontrados entre os Tupinambás e descriptos por Lery assim como por Hans Staden; podemos nós depois disto

atribuill-os dos Tapuyas do norte? A roupagem usada pela mulher tapuya no frontespicio de M parece a primeira vista ter uma daquellas vestes de pennas. Sendo este o caso, e authenticico o quadro, deveriamos nós reportar aos Tapuyas a passagem acima transcripta e tambem attribuir-lhes os taes mantos. Existem comtudo fundamentos para afirmar que a roupagem alli representada é feita não de pennas, mas de folhas.

Roulox Baro descreve nomeadamente (ob. cit. pag. 240) a notavel cerimonia de um casamento em massa de todos os moços nubeis na aldeia do rei tapuya Janduy. Os nubentes « attachèrent a leurs corps avec des gommes des feuilles de diverses couleurs. ». O commentario observa: « les autres disent des plumes » porque as folhas gradada com resina não segurariam por serem muito leves (ob. cit. pag. 303), mas diz finalmente com relação ao frontispicio de M:

« De mesme (Marcgravo) à la première page de l'histoire naturelle du Brésil peint la femme du Tupuy affublée d'une demie mante des feuilles courant la teste jusques aux oreilles — et le — sieur Moreau (o traductor) consulté por moi la dessus m'assura que ce qui estoit en ceste narration estoit véritable touchant le couronnement, manteaux et habits de feuilles, qui estant epousses et fortes ne se rompoient que difficilement et qu'il en avoit vu souvent étant au Brésil. » Verosimilmente trata-se, ao fallar daquellas vestes de festas, de um Brnato de folhas verdes rodeando a parte superior do corpo e os orelhas, como ainda hoje vemos praticado nas dansas dos bororós e Nahuguas. Resta saber si ao desenhista do frontespicio foi mentalmente presente alguma cousa deste genero.

Bem poderia eu, apesar da reflexão de Morisot, ver ali um manto de pennas, mas devo admittir que não possuímos ainda bastante fundamento para asseverar que taes mantos foram usados pelos Tapuyas. De seguro serviam-se delles os Tupys, e as reflexões de Marcgraf podem perfeitamente referir-se a estes, porquanto as collocações erradas no texto, como ficou observado, não são raras na Historia Natural.

Igualmente os discos de pennas de ema pendentes sobre as espaldas são conhecidos como ornato nacional dos Tupinambás, e Bâhnson invoca com razão sua presença no quadro de Copenhague, como principal argumento para considerar tupy o homem alli representado.

Mas, porque não haviam de enfeitar-se do mesmo modo os Tapuyas do norte, em cuja região a ema é característica, ao passo que, raramente, apparece na zona das mattas da costa, que é a terra dos Tupys? Abstrahindo da descripção de Marcgraf, pag. 271, Barlaeus tambem observa aquelle ornato: «um delles (dos feiteiros esconjuradores) trazia pendente nas costas um punhado de pennas de ema, pegadas umas ás outras e espalhadas em fórma circular como uma roda de carro (B pag. 706).

O que se deve principalmente observar é a diversidade na maneira de prender as rodellas de pennas. Entre os Tupinambás pende ella suspensa da espada direita do homem, ao passo que os nossos tapuyas atavam-na com um cordão em volta do corpo.

Devemos, portanto, admittir que tal ornato pertencia a ambos os grupos ethnologicos e porventura passou de um para o outro.

(Continua.)

O EXTERIOR

ARGENTINA

O Dr. Campos Salles continúa a ser alvo das mais entusiasticas manifestações de sympathia e fraternidade por parte da Republica Argentina.

Ante-hontem, pela manhã, S. Ex. fez ligeira excursão pela cidade de Buenos Aires, seguindo em carro, acompanhado do Dr. Thomaz Cockrane e do Intendente Pena, partindo pela Calle Callío em direcção do parque Lezama. Chegando a este aprazivel logradouro, onde se encontram os mais raros e variados espécimens da flora Argentina, apresentavam os jardins alegre e deslumbrante perspectiva. S. Ex. percorreu-os em todos os sentidos, fazendo o Intendente Pena as honras do logar.

CHILE

A imprensa de Santiago modificou o seu juizo a respeito dos effeitos da viagem do Presidente do Brazil á capital da Republica Argentina.

La Nueva Republica, commentando, explica-se assim:

«A Argentina, seguindo o exemplo do Chile, sahio hoje do regimen de egoismo em que vive ha seculos, abrindo os braços ao governo do paiz que está unido ao Chile por laços indissolúveis. O facto alegra-nos: delle resultará vir a Republica Argentina incorporar-se á paz internacional.»

URUGUAY

Todos os jornaes de Montevideo publicaram ante-hontem e hontem minuciosas e extensas descrições das festas feitas em Buenos Aires em honra do Presidente Campos Salles e sua comitiva e em honra dos representantes da imprensa e academias brasileiras.

ESTADOS UNIDOS

Falla-se com certa insistencia que será creado nesta Republica um tribunal internacional de arbitragem pan-americano.

Presentando o povo a estada do S. Ex. alli, affluir prestyioso para o focal, acclamando-o entusiasticamente e cobrindo-o de flores. Visitou ainda o Museu Historico Nacional, percorrendo todas as salas do edificio, examinando especialmente os objectos alli existentes, pertencentes aos generaes S. Martin, Belgrano, etc.

Durante o tempo que durou a visita foi-se agglomerando a massa popular, que irrompeu em novas aclamações ao Presidente da Republica Brasileira. Tomando a carruagem presidencial, S. Ex. dirigiu-se para o Palacio Devoto, sendo entusiasticamente aclamado em todo o trajecio.

INGLATERRA

De Berlim telegrapham ao Standard que o accordo entre as potencias relativamente ás bases preliminares das negociações com a China não é ainda completo.

—Anunciam varios jornaes inglezes que os russos pedirão á China uma concessão em Tien-Tsin, como tem a Inglaterra e França.

—Chegam noticias de sérias inundações no norte da Inglaterra, sendo já consideraveis os estragos materiaes causados.

—Telegramma de Pekim annuncia que em reunião dos ministros estrangeiros, naquella capital, ficou decidido exigir do governo da China a pena de morte para os principaes culpados do movimento boer.

FRANÇA

A policia descobriu em Pariz um trama contra a vida do presidente Loubet.

Foi preso o anarchista Couturier, que confessou estar preparado para assassinar o presidente Loubet, devendo pôr em execução o seu plano no momento em que o chefe do Estado inaugurasse a estatua de Sadi Carnot, em Lyon.

A policia prosegue nas pesquisas para descobrir os cumplices de Couturier.

OS ESTADOS

MINAS GERAES

O prefeito da Capital e os representantes da imprensa reuniram-se hontem na redacção do Minas Geraes. Depois de disintirem a questão de horario da Estrada do Ferro Central, acordaram em que deve ser pedida a modificação do horario de maneira que o trem nocturno que partir dali ás 5 horas da tarde, possa chegar aqui das 10 ás 11 horas da manhã, para o que será necessario não tocar o mesmo trem em estações de pouca importancia e accelerar um pouco a marcha, principalmente a partir da estação de Lafayette. Julgaram inconveniente o restabelecimento do rapido por ser dispendioso á estrada e perigosa a viagem em tempo de chuvas, principalmente no trecho de Itabira para cá, onde a viagem seria feita á noite.

Ficou tambem deliberado pedir a conservação do horario recentemente organiado para o serviço entre a capital e Ouro Preto e estabelecimento de outro horario, que permitta a ida e volta entre aquella cidade e Sete Lagoas.

RIO GRANDE DO SUL

O trem para a inauguração da Estrada de Ferro de Bagé a S. Gabriel partiu hontem de Santa Maria ás 5 horas da manhã e chegou a Bagé ás 7 horas da noite, comboiando 14 vagões repletos de familias desta localidade e de S. Gabriel. A imprensa do Rio Grande e Pelotas fez-se representar. O povo enchia a gare, onde estavam diversas bandas de musica. As ruas enfeitadas. Amanhã haverá festas e um banquete de 200 ta-lheiros. Em S. Gabriel não se festejou, por motivo da inauguração não ser alli. A directoria da estrada cumulo de attensões os convidados. A construcção do ramal dizem ser esplendida.

—Com grande solemnidade realizou-se o lançamento da pedra fundamental do templo da igreja episcopal brasileira, perante extraordinaria concurrencia.

A cerimonia foi celebrada ao ar livre, causando a melhor impressão e sendo calorosamente applaudida a oração commemorativa, então proferida.

O Rvm. bispo Lucien Kinsolonig, encerrando a cerimonia, convidou o povo a acompanhá-lo a um cântico religioso em intenção dos Presidentes da Republica e do Estado e da felicidade e gloria da Patria.

—Hontem descarrilou a comitiva do trem da tarde, na Estrada do Ferro de São Leopoldo, não havendo, felizmente, desgraça pessoal.

S. PAULO

Na sessão do Congresso de ante-hontem, o Dr. Rubião Junior propoz, interpretando o sentimento de S. Paulo, se transmitisse, por intermedio do Dr. Bernardino de Campos, um telegramma ao general Roca, agradecendo as manifestações ao Dr. Campos Salles e apresentando votos pela saúde do Presidente da Republica Argentina e prosperidade do seu povo. O Estado de S. Paulo transmittiu, na integra, o discurso do Dr. Rubião á imprensa daquela cidade.

—Foram reeleitos os tres Deputados da Junta Commercial, Procopio Malta, Antonio Juizão e João Candido Martins.

NOTICIARIO

Correio — Esta repartição expedirá malas hoje pelos seguintes paquetes:

Pelo *Cordoba*, para a Ilha Grande e Santos, recebendo impressos até ás 5 horas da manhã, cartas para o interior até ás 5 1/2, ditas com porte duplo até ás 6.

Pelo *Hogland*, para Bahia, Antuerpia, Rotterdam e Bremen, recebendo impressos até ás 6 horas da manhã, cartas para o interior até ás 6 1/2, ditas com porte duplo e para o exterior até ás 7.

Amanhã:

Pelo *Itaipava*, para Lazareto e portos do sul até Porto Alegre, recebendo impressos

até ás 12 horas da manhã, cartas para o interior até ás 12 1/2 da tarde, ditas com porte duplo até a 1, e objectos para registrar até ás 11 da manhã.

Nota — Saques para Portugal e vales postaes para o interior, nos dias uteis até ás 2 1/2 horas da tarde.

Directoria de Meteorologia do Ministerio da Marinha—Repartição da Carta Maritima—Resumo meteorologico da Estação Central no morro do Santo Antonio—Dia 27 de outubro de 1900 (sabbado):

HORAS	BAROMETRO A 0°	TEMPERATURA DO AR	TENSÃO DO VAPOR	HUMIDADE RELATIVA	DIRECÇÃO DO VENTO	ESTADO DA ATMOSPHERA	ESPECIE DE NUVENS	QUANTIDADE DE NUVENS
	m/m	°	m/m	%				
3 a.....	756.67	21.3	17.28	92.0	WNW	—	—	—
6 a.....	756.89	20.5	17.09	95.0	SE	Encoberto	..	10
9 a.....	757.50	21.6	17.95	94.4	S	Idem	..	10
1/2 d.....	757.47	21.2	17.73	94.2	S	Idem	N	10
3 p.....	756.65	20.7	16.43	91.0	S	Mão	N	10
6 p.....	757.81	20.2	16.26	92.4	SSW	Encoberto	N	10
9 p.....	758.99	20.0	15.73	91.0	SSE	Idem	..	10
1/2 n.....	759.50	19.4	15.15	90.4	SSE	—	—	—

Temperatura maxima exposta.....	22° 6
» » á sombra.....	23° 2
» minima.....	19° 8
Evaporação em 24 horas á sombra.....	1 ^m /m.5
Chuva em 24 horas.....	13 ^m /m.40
Duração do brilho solar.....	0h.00

Observações

De 7 h. 25 [n. . . .] h. 30 m. a., cahiu chuva; desta hora até depois de 9 h. p. chuvecou.

Observações feitas a 0 h. m. de Grwo. (9 h. 07 m. a. da Capital) em:

	Recife	Aracajú	Rio Grande do Sul
Barometro a 0°.....	761 ^m /m.90	763 ^m /m.50	769 ^m /m.00
Temperatura do ar.....	28° 0	28° 0	14° 5
Tensão do vapor.....	18 ^m /m.57	20 ^m /m.12	64 ^m /m.6
Humidade relativa.....	66°/o.0	71°/o.2	46°/o.5
Direcção do vento.....	E	E	S
Estado da atmospheria.....	Bom	Bom	Bom
Nebulosidade.....	Quasi limpo	Meio encoberto	Quasi limpo
Estado do mar.....	Chão	Chão	Chão

BOLETIM MAGNETICO

Não houve observação por causa da chuva

OBSERVAÇÕES A 0ª M. DE GRW. FEITAS PELOS CAPITÃES DOS PORTOS

(9h07m t. m. da Capital)

POSTOS DE OBSERVAÇÃO	ESTADO DO CÉO	ESTADO ATMOSPHERICO	METEÓROS	DIRECÇÃO DO VENTO	FORÇA	ESTADO DO MAR	ESTADO ATMOSPHERICO NA VESPERA
Belém.....	Quasi encob.	Muito bom	—	NE	Regular	—	Bom
S. Luiz.....	Encoberto	Sombrio	Nevoeiro	ENE	Idem	Peq. vagas	Incerto
Parnahyba.....	Limpo	Claro	—	ENE	Claro	—	Claro
Fortaleza.....	Meio encoberto	Muito claro	—	ESE	Regular	Peq. vagas	Bom
Natal.....	Limpo	Bom	—	SE	Idem	Idem	Idem
Parahyba.....	Quasi limpo	Ameaçador	—	SSE	Idem	—	Idem
Recife.....	Idem	Claro	Nevoeiro alto	E	Fraco	Chão	Claro
Maceió.....	Idem	Bom	—	E	Bafagem	Idem	Bom
Aracajú.....	Meio encoberto	Muito claro	—	E	Regular	Idem	Idem
Bahia.....	Limpo	Muito bom	Nevoeiro tenue	S	Fraco	Espelhado	Idem
Victoria.....	Meio encoberto	Muito claro	Garôa	SE	Tufão	Vagas	Sombrio
Santos.....	Encoberto	Encoberto	Chuva	SW	Fraco	—	Mão
Paranaguá.....	Idem	Idem	Idem	S	Fresco	—	Idem
Florianopolis.....	Idem	Mão	—	SE	Muito fresco	—	Idem
Rio Grande.....	Quasi limpo	Bom	—	S	Regular	Chão	Variavel

Directoria de Meteorologia do Ministerio da Marinha — Repartição da Carta Maritima — Mappa das observações feitas a 0 h.m. de Greenwich na 1ª decada do mez de outubro de 1906

POSTO DE OBSERVAÇÃO: CAPITANIA DO PORTO DE SERGIPE EM ARACAJU

Lat. approximada: 10° 55' 00" S							Long. approximada: 37° 04' 00" W Gre.					Idade da lua	ESTADO DO TEMPO DURANTE AS 24 HORAS ANTECEDENTES	
ÉPOCAS		Barometro m/m	THERMOMETRO				VENTO		Atmosfera	NUVENS				MAR
Horas locais	Dias		Secco	t-t	Humidade relativa	Tensio do vapor	Direcção	Força		Especie	Quantidade			
9 h. 31m a.	1	762.83	25.5	—	—	—	S	6	e	..	10	3	7.67	Tempo variavel. Aguaceiros pela manhã.
	2	762.99	25.8	—	—	—	SSE	5	sm	K. N.	9	3	8.67	Tempo variavel.
	3	762.80	26.5	—	—	—	SSE	5	sm	K. KN. CK	8	2	9.67	Tempo variavel.
	4	762.20	26.5	—	—	—	ESE	5	el	CK. KN.	6	2	10.67	Tempo bom.
	5	762.80	27.3	—	—	—	SE	5	el	CK. KN.	6	2	11.67	Tempo bom.
	6	764.04	27.7	—	—	—	SE	5	el	CK. KN.	6	2	12.67	Tempo incerto.
	7	764.72	26.3	—	—	—	S	5	e	—	10	2	13.67	Tempo incerto.
	8	764.72	26.3	—	—	—	SSE	5	el	CK. KN. K	7	2	14.67	Tempo bom.
	9	763.55	26.9	—	—	—	SSW	4	el	K. KN	7	2	15.67	Tempo incerto.
	10	769.79	27.4	—	—	—	SE	5	elm	CK. KN	3	2	16.67	Tempo bom.
Médias...		763.14	26.62	—	—	—		5.0			7.2	2.2		

O observador, *Amyntas J. Jorge*, capitão-tenente, capitão do porto.

Observatorio do Rio de Janeiro — Boletim Meteorologico — Dia 26 de outubro de 1906

HORAS	Barometro a 0°	Temperatura centigrada	Tensão do vapor	Humidade relativa	VENTOS		CÉU		Chuva pelos registradores	Phenomenos diversos	Observador
					Força	Direcção	Fracção	Nuvens			
1 h. m....	756.2	21.4	16.2	82	1.3	S. E	0.7	C-K	0.0	—	Vollré
4 h. m....	755.8	21.1	15.1	81	1.0	S. E	0.5	C-K	0.0	—	»
7 h. m....	757.0	22.2	16.2	82	0.0	Nullo	1.0	C-K	0.0	—	»
10 h. m....	757.2	22.7	16.3	79	0.0	Nullo	0.6	C. C-K	—	—	Calheiros
1 h. t....	755.8	24.2	15.5	69	8.3	S. E	0.6	C. C-K. K	—	—	»
4 h. t....	755.0	21.2	16.6	89	10.0	S. E	0.6	C-K. K	—	—	»
7 h. t....	755.4	21.6	16.8	88	3.3	S. E	0.8	C-K. K	—	—	Sant'Anna
10 h. n....	756.7	21.2	15.8	84	0.0	Nullo	1.0	K-N. N	—	—	»
Médios.....	756.14	21.95	16.06	82.3	0.3	—	0.7	—	—	—	—

Extremos da temperatura: Maximo 4 h. tarde 25°.2; minimo 7 h. manhã, 20°.3.
 Evaporação em 24 horas, 3^m/m.6.
 Horas de insolação (heliographo) 4 h. 35 m. = 4 h. 21 m. 0 s.

Obituario— Sepultaram-se no dia 24 de outubro 36 pessoas fallecidas de:

Acceso pernicioso.....	1
Beriberi.....	1
Febre amarella.....	1
Febres diversas.....	1
Variola.....	2
Outras causas.....	30
	36
Nacionaes.....	23
Estrangeiros.....	13
	36

Do sexo masculino.....	21
Do sexo feminino.....	15
	36
Maiores de 12 annos.....	23
Menores de 12 annos.....	13
	36
Indigentes.....	15
E no dia 25:	
Acceso pernicioso.....	2
Beriberi.....	1
Febres diversas.....	3

Variola.....	2
Outras causas.....	31
	39
Nacionaes.....	28
Estrangeiros.....	11
	39
Do sexo masculino.....	26
Do sexo feminino.....	13
	39
Maiores de 12 annos.....	24
Menores de 12 annos.....	15
	39
Indigentes.....	8

Santa Casa da Misericórdia
—O movimento do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, dos Hospícios de Nossa Senhora da Saúde, de S. João Baptista, de Nossa Senhora do Socorro e de Nossa Senhora das Dores, em Cascadura, foi, no dia 17 de outubro ultimo, o seguinte:

	NACIONAES	ESTRANGEIROS	TOTAL
Existiam.....	818	681	1.499
Entraram.....	28	32	60
Sahiram.....	19	15	34
Falleceram.....	2	1	3
Existem.....	825	697	1.522

O movimento da Sala do Banco e dos consultorios publicos foi, no mesmo dia, de 546 consultantes, para os quaes se aviaram 639 receitas.

Fizeram-se 9 obturações de dentes.

E no dia 18:

	NACIONAES	ESTRANGEIROS	TOTAL
Existiam.....	825	697	1.522
Entraram.....	31	24	55
Sahiram.....	16	18	34
Falleceram.....	3	2	5
Existem.....	837	701	1.538

O movimento da Sala do Banco e dos consultorios publicos foi, no mesmo dia, de 550 consultantes, para os quaes se aviaram 609 receitas.

Fizeram-se 53 extracções de dentes.

EDITAES E AVISOS

Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro

INSCRIPÇÃO PARA OS EXAMES DA 1ª ÉPOCA DE 1900

De ordem do Sr. director se faz publico que a inscripção para os exames do fim do corrente anno (1ª época), estará aberta nesta secretaria do dia 1 ao dia 14 de novembro proximo futuro, em que será encerrada ás 2 horas da tarde.

Secretaria da Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1900.— O secretario, Dr. *Eugenio de E. S. de Menezes.*

Escola de Minas de Ouro Preto

De ordem do Sr. Dr. director desta escola, faço constar que, até o dia 15 de fevereiro do proximo anno de 1901, estará aberta, nesta secretaria, a inscripção dos candidatos para o movimento definitivo do logar de lente da 2ª cadeira do 2º anno e 1ª cadeira do 3º anno do curso fundamental.

Os candidatos devem satisfazer as disposições dos arts. 66, 67, 68, 71, 72 e 73 do codigo das disposições communs ás instituições de ensino superior.

Secretaria da Escola de Minas de Ouro Preto, 15 de outubro de 1900.—O secretario, *Jodo Victor de Magalhães Gomes.*

Tribunal de Contas

Pelo presente edital são intimados os herdeiros do commissario da arcauda Augusto Soares da Silva Torres para no prazo de 30 dias, a contar desta data, recolherem aos cofres publicos a quantia de 188100, proveniente do alcance encontrado em suas contas, relativas ao periodo de 1 de abril a 29 de dezembro de 1891, em que serviu na Escola de Aprendizes Marinheiros do Estado do Ceará, e a cujo pagamento foi condemnado o mesmo commissario por accordão do 5 do corrente.

Tribunal de Contas, 8 de outubro de 1900.— O secretario, *Domingos Couto de Carvalho Neves.*

Tribunal de Contas

Pelo presente edital é intimado o responsavel Alberto Fernandes da Silva, telegraphista de 1ª classe ex-encarregado da estação telegraphica de Ouro Preto, para no prazo de 30 dias, a contar da publicação deste, recolher aos cofres publicos a importancia de 2:271\$752, importancia do alcance em que foi condemnado por accordão do 30 de março do corrente anno e mais os juros de 9 % da móra.

3ª sub-directoria do Tribunal de Contas, 16 de outubro de 1900.—O sub-director, *José Maria da Silva Portilho.*

Recebedoria da Capital Federal

Por esta repartição se faz publico que termina no dia 31 do corrente mez, a prorrogação do prazo concedido por S. Ex. o Sr. Ministro da Fazenda para a cobrança da 2ª prestação de stocks sobre tecidos e chapéus.

Recebedoria, 26 de outubro de 1900.—*José Ramos da Silva Junior.*

Recebedoria da Capital Federal

IMPOSTO DE INDUSTRIAS E PROFISSÕES

Faço publico, para conhecimento dos interessados, que, de accordo com o art. 7º do regulamento que baixou com o decreto n. 2.792, de 11 de janeiro de 1898, esta repartição procederá, a partir do dia 1 de outubro proximo futuro, ao recebimento das collectas para a confecção do lançamento do imposto de industrias e profissões relativo ao exercicio de 1901.

Assim, pois, são os mesmos interessados convidados a apresentarem as suas declarações nesta Recebedoria e em duplicata até o dia 31 de dezembro do corrente anno, na conformidade do art. 9º do citado regulamento, sob pena de multa igual ao valor de um semestre do imposto (art. 31).

Recebedoria da Capital Federal, 29 de setembro de 1900.—O director interino, *José Ramos da Silva Junior.*

Alfandega do Rio de Janeiro

Pela inspectoría desta Alfandega se faz publico, para conhecimento dos interessados, que foram descarregados para esta repartição os volumes abaixo mencionados com signaes de avarias e de falta, devendo seus donos ou consignatarios apresentar-se no prazo de oito dias para providenciar e respeito.

Vapor inglez *Coleridge*, procedente de Nova York, entrado em 10 de outubro de 1900.—Manifesto n. 657.

Armazem da Estiva — MRM: 5 caixas sem numero, repregadas.

CS: 1 dita n. 688, idem.

P. H. Deiksen: 1 barrica n. 220, idem.

Armazem n. 10 — L. Grey: 1 caixa n. 1, idem.

J. R. Camões: 1 dita n. 127, idem.

FF: 1 dita n. 5.813, idem.

KM: 1 fardo n. 1, roto e avariado.

AAS: 1 caixa n. 160, repregada.

EK: 2 ditas sem numero, idem.

CGC—CFC: 1 dita n. 300, idem, idem.

Armazem da Estiva — S: 1 dita n. 2, repregada.

Armazem n. 10 — AAS: 1 dita n. 220, idem.

Vapor francez *Ville de S. Nicolas*, procedente do Havre, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 659.

Armazem n. 11 — Souza: 2 caixas ns. 85 e 99, repregadas e avariadas.

CGC—CFC: 1 dita n. 300, idem, idem.

SGC—CFC: 2 ditas ns. 382 e 385, repregadas.

RBC: 1 dita n. 135, idem.

MDC—R: 1 dita n. 7.417, idem.

LOS: 1 fardo n. 2.461, roto.

SCC—CFC: 1 caixa n. 381, repregada.

LF—CC: 1 dita n. 7.105, idem.

F—DCC: 1 dita n. 11, idem.

APA—PBD: 1 dita n. 866, avariada.

Vapor allemão *Santos*, procedente de Hamburgo, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 658.

Sobre agua—TC: 2 caixas sem numero, repregadas.

JGC: 5 ditas idem, idem.

Armazem n. 12—HC—B: 2 caixas sem numero, repregadas.

Bemdy: 1 dita n. 4.196 A, idem.

Vapor italiano *Piemonte*, procedente de Genova, entrado em 10 de outubro de 1900.—Manifesto n. 656.

Armazem n. 9—AF: 1 barril n. 28, vazando.

IF: 1 dito n. 38, vasio.

Villa de Lourenço: 1 dito n. 1.550, idem.

Vapor inglez *Thames*, procedente de Southampton, entrado em 16 de outubro de 1900.—Manifesto n. 670.

Armazem n. 3—RC: 1 caixa n. 1.937, repregada.

SFR: 2 ditas ns. 51 e 52, idem.

SM—W: 1 dita n. 3.901, idem.

WBC: 1 dita n. 709, idem.

BI: 1 dita n. 6.405 A, idem.

BM—VUC: 1 fardo n. 708, roto.

CC: 2 ditos sem numero, repregados.

CPC—D: 1 caixa n. 128, repregada.

E—RO: 2 ditas ns. 1.216 e 1.218, avariadas.

FCCD: 1 barrica n. 497, repregada.

HSC: 1 dita n. 74, idem.

M: 1 caixa n. 6.442, idem.

P—DSD: 1 fardo n. 541, roto.

63: 1 caixa n. 39, repregada.

QDC: 1 dita n. 503, idem.

Vapor italiano *R. Umberto*, procedente de Genova, entrado em 13 de outubro de 1900.—Manifesto n. 662.

Armazem n. 16—F. Mustachio: 2 malas sem numero, repregadas.

E. Parente: 4 ditas, sem numero, idem.

Vapor inglez *Orellana*, procedente de Liverpool, entrado em 13 de outubro de 1900.—Manifesto n. 660.

Armazem n. 16—Mesquita: 1 cadeira quebrada sem numero.

Vapor francez *Atlantique*, procedente do Bordéus, entrado em 8 de outubro de 1900.—Manifesto n. 654.

Armazem n. 16—CVC: 1 caixa sem numero, repregada.

M José Magalhães Machado: 1 dita sem numero, repregada e avariada.

Idem: 1 dita sem numero, idem, idem.

ML: 1 cadeira sem numero, quebrada.

Vapor allemão *Hogland*, procedente de Bremen, entrado em 5 de outubro de 1900.—Manifesto n. 644.

P. do Rozario—TCF: 1 caixa n. 21.687, avariada.

Vapor francez *Ville de S. Nicolas*, procedente do Havre, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 659.

Despacho sobre agua — AI: 2 caixas sem numero, repregadas.

A: 1 dita idem, idem.

Armazem da Estiva — SMC: 1 caixa sem numero, repregada.

Teixeira Borges: 1 dita idem, idem.

Despacho sobre agua—CMC: 3 caixas sem numero, repregada.
 Herminium: 3 ditas idem, idem.
 ACSC: 1 dita idem, idem.
 DL: 2 ditas idem, idem.
 CMC: 3 ditas idem, idem.
 MFC: 3 ditas idem, idem.
 CSC: 1 dita idem, idem.
 DL: 1 dita idem, idem.
 AI: 3 ditas idem, idem.
 MFC: 1 dita idem, idem.
 Armazem da Estiva—Barroso: 1 caixa sem numero, repregada.
 Despacho sobre agua —CAC: 1 caixa sem numero, repregada.
 Armazem n. 11—SGC—CFC: 1 caixa n. 386, avariada.
 CC: 1 dita n. 2.009, idem.
 Souza: 1 dita n. 97, idem.
 Despacho sobre agua —CVII: 1 caixa n. 5, repregada.
 AI: 2 ditas ns. 50—56, idem.
 CMC: 2 ditas sem numero, idem.
 Armazem da Estiva —Teixeira Borges: 1 caixa sem numero, repregada.
 Despacho sobre agua—AI: 1 caixa sem numero, repregada.
 EK: 1 dita n. 305, idem.
 Armazem da Estiva—CSC: 1 caixa sem numero, repregada.
 AI: 1 dita n. 97, idem.
 Vapor allemão *Hogland*, procedente de Bremen, entrado em 5 de outubro de 1900—Manifesto n. 644.
 Armazem n. 9. —SBC: 1 caixa n. 3, repregada.
 S: 12 ditas, sem numero, idem.
 SB: 1 dita n. 4, idem.
 ZO: 2 ditas sem numero, idem.
 Vapor allemão *Santos*, procedente de Hamburgo, entrado em 15 de outubro de 1900—Manifesto n. 668.
 Despacho sobre agua—JGC: 6 caixas, sem numero, repregadas.
 GAC: 3 dita, idem, idem.
 PC—B—: 1 dita, idem, idem.
 Armazem n. 6—Teixeira Borges & C.: 1 barril sem numero, vasio.
 Vapor inglez *Thames*, procedente de Southampton, entrado em 16 de outubro de 1900—Manifesto n. 670.
 Armazem n. 3—C—VR: 1 caixa n. 6.202, repregada.
 —C—: 4 encapados, sem numero, rôtos.
 FOC—D: 1 caixa n. 991, repregada.
 —H—: 1 dita n. 9.995, idem.
 CJS: 1 dita n. 524, idem.
 L—G—L: 1 dita n. 2.072, idem.
 ALC: 1 dita n. 4.080, idem.
 Vapor allemão *Buenos Ayres*, procedente de Bremen, entrado em 1 de outubro de 1900.—Manifesto n. 635.
 Armazem n. 6. —JAM: 2 barris sem numero, vasandô.
 JM: 1 dito, idem, idem.
 J. Macedo: 1 dito, idem, idem.
 Vapor inglez *Thames*, procedente de Southampton, entrado em 16 de outubro de 1900.—Manifesto n. 670.
 Armazem n. 3—C: 3 encapados sem numero, rôtos.
 Vapor francez *Ville de S. Nicolas*, procedente do Havre, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 667.
 Despacho sobre agua—FA: 3 caixas sem numero, repregada.
 Armazem n. 11—JP—46: 1 caixa, n. 1, repregada.
 Idem: 1 dita, n. 2, idem.
 Despacho sobre agua—AJ: 2 ditas sem numero, repregadas.
 BPB: 2 ditas ns. 86 e 92, idem.
 Despacho sobre agua—CMC: 3 ditas, idem, idem.
 FA: 1 dita idem, idem.
 GAC: 1 dita, idem, idem.
 CC: 2 ditas, ns. 2.007 e 2.008, avariadas.
 C—M—C: 1 dita, n. 2.422, idem.
 Armazem n. 11—MCP: 1 caixa, n. 222, avariada.
 LFC: 1 dita, n. 234, idem.
 JB—Isnard: 1 dita, n. 830, idem.

BBC: 1 dita, sem numero, idem.
 CC: 6 ditas, idem, idem.
 BPC: 3 ditas, idem, idem.
 Despacho sobre agua—GAC: 1 caixa, sem numero, avariada.
 Armazem da estiva—SMC: 1 caixa, sem numero, avariada.
 Armazem n. 11—T—BP: 1 caixa, n. 687, avariada.
 SGC—CPC: 1 dita, n. 378, idem.
 BCC: 1 dita, n. 20, idem.
 C—C—LR: 1 dita, n. 103, idem.
 MFR: 1 dita, n. 48, idem.
 SGC: 1 dita, n. 1.013, idem.
 ABC: 1 dita, n. 7.102, idem.
 Vapor italiano *Deak*, procedente de Trieste, entrado em 17 de outubro de 1900.—Manifesto n. 675.
 Despacho sobre agua—PE—20: 1 caixa sem numero, repregada.
 HMC: 5 ditas idem, idem.
 FC—v: 1 dita n. 268, idem.
 Idem: 1 dita n. 259, idem.
 TBC: 6 ditas sem numero, idem.
 SR—APC: 1 dita n. 70, idem.
 AOC: 2 ditas ns. 23 e 55, idem.
 RCC—v: 1 dita n. 259, idem.
 CRC: 1 dita n. 85, idem.
 Vapor allemão *Buenos-Aires*, procedente de Hamburgo, entrado em 1 de outubro de 1900.—Manifesto n. 635.
 Despacho sobre agua—C—C—A: 6 caixas sem numero, repregadas.
 Idem: 2 ditas idem, idem.
 Santos Junior: 2 ditas idem, idem.
 Vapor francez *Ville de S. Nicolas*, procedente do Havre, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 669.
 Armazem n. 11—BBC: 1 caixa n. 139, repregada e avariada.
 JRS: 1 dita n. 1.167, idem.
 Idem: 1 dita n. 1.160, idem.
 Idem: 2 ditas ns. 1.156 e 1.461, idem.
 WG: 1 dita n. 703, idem.
 CCLS: 2 ditas ns. 4.364 e 4.366, idem.
 BG—F: 1 dita n. 327, idem.
 JRS: 1 dita n. 1.170, idem.
 J—B—C—C: 1 dita n. 2.736, idem.
 JRS: 1 dita n. 1.157, idem.
 VFA: 1 barrica n. 2, repregada.
 JRS: 1 caixa n. 6.622, idem.
 Idem: 1 dita n. 1.158, idem.
 Martins: 1 dita n. 1.845, idem.
 JMC—RBT: 1 dita n. 49, idem.
 RAFFL: 1 dita n. 15.483/3, idem.
 BPC: 2 ditas ns. 5.721 e 5.723, idem.
 Idem: 1 engradado n. 5.716, idem.
 IB—Isnard: 1 caixa n. 200, idem.
 Vapor austriaco *Deak*, procedente de Trieste, entrado em 17 de outubro de 1900.—Manifesto n. 675.
 Armazem n. 8—CCC: 1 caixa n. 2.824, repregada.
 VC: 2 ditas ns. 504 e 508, idem.
 Idem: 1 dita n. 493, idem.
 DCC: 1 dita n. 8.170, repregada e avariada.
 Vapor italiano *Re Humberto*, procedente de Genova, entrado em 13 de outubro de 1900.—Manifesto n. 662.
 Trapiche Ipiranga—VDC: 2 1/2 bordalezas sem numero, com falta.
 YP: 1 dita, idem.
 NPC: 2 ditas, idem.
 AG: 1 dita, idem.
 NZC: 4 ditas, idem.
 AA: 1 dita, idem.
 AT: 1 dita, idem.
 M: 1 barril, idem.
 A: 5 saccos, idem.
 Idem: 5 ditos, idem.
 Idem: 3 ditos, idem.
 Alfandega do Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1900.—Pelo inspector, *Francisco Manoel Fernandes*, ajudante.

Dia 22]

Vapor italiano *Piemonte*, procedente de Genova, entrado em 10 de outubro de 1900.—Manifesto n. 659.
 Trapiche Rio de Janeiro —CSC: 1 caixa sem numero, com falta.

IF: 4 saccos idem, idem.
 Idem: 4 bordalezas idem, idem.
 NZC: 1 meia dita idem, idem.
 ADC: 1 quartola idem, idem.
 LABC: 1 meia bordaleza idem, idem.
 AF: 3 barris idem, idem.
 Idem: 1 quartola idem, idem.
 Idem: 1 bordaleza idem, idem.
 WD: 8 ditas idem, idem.
 Vapor italiano *Rei Umberto*, procedente de Genova, entrado em 13 de outubro de 1900.—Manifesto n. 662.
 Trapiche Saude—DL: 1 bordaleza sem numero, com falta.
 Idem: 1 dita idem, idem.
 Vapor inglez *Wimire*, procedente de Rangoon, entrado em 26 de setembro de 1900.—Manifesto n. 639.
 Trapiche Ypiranga —Motor—X X: 500 saccos sem numero, com falta.
 Idem: 60 ditos idem, idem.
 Idem: 6 ditos idem, idem.
 Idem: 600 ditos idem, idem.
 Idem: 30 ditos idem, idem.
 Idem: 5 ditos idem, idem.
 Idem: 4 ditos idem, idem.
 Vapor italiano *Washington*, procedente de Genova, entrado em 9 de outubro de 1900.—Manifesto n. 655.
 Trapiche Saude —GC: 1 bordaleza sem numero, com falta.
 GPRA: 1 dita idem, idem.
 Vapor italiano *Rei Humberto*, procedente de Genova, entrado em 13 de outubro de 1900.—Manifesto n. 662.
 Docas Nacionaes —ECC: 20 pedras sem numero, quebradas.
 Vapor inglez *Orissa*, procedente de Valparaizo.
 Docas Nacionaes —II: 4 saccos sem numero, com falta.
 Idem: 3 ditos idem, idem.
 Vapor allemão *Santos*, procedente de Hamburgo, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 668.
 Trapiche Federal —CRC: 1 caixa sem numero, quebrada.
 T: 1 dita idem, idem.
 CS: 3 ditos idem, idem.
 HMC: 1 dita idem, idem.
 ER: 1 dita idem, idem.
 RC: 2 latas idem, vasando.
 Vapor francez *S. Nicolas*, procedente do Havre, entrado em 14 de outubro de 1900.—Manifesto n. 669.
 Trapiche da Ordem —Mourão —JPL: 4 quintos sem numero, com falta.
 AJGC: 1 dito idem, idem.
 ES: 1 dito idem, idem.
 CS: 3 ditos idem, idem.
 CA: 1 dita idem, idem.
 Bella Vista: 4 ditos idem, idem.
 Idem: 2 decimo idem, idem.
 Carugal: 1 quinto idem, idem.
 Reis Vega & Comp.: 1 dito idem, idem.
 MF: 6 ditos idem, idem.
 GS: 2 ditos idem, idem.
 JRC: 2 ditos idem, idem.
 Vapor inglez *Orellana*, procedente de Liverpool, entrado em 11 de outubro de 1900.—Manifesto n. 660.
 Armazem n. 1—AC: 3 caixas sem numero, repregadas.
 ALFC—P: 2 fardos ns. 5.820 e 5.821, avariados.
 Idem: 1 caixa n. 5.812, repregada.
 I—R—C: 2 ditas ns. 6.692 e 6.694, idem.
 PRC: 1 dita n. 4.982, idem.
 EAC: 1 dita n. 3.550, idem.
 Idem: 2 ditas ns. 3.582 e 2.588, avariadas.
 EMC: 1 dita n. 2.681, repregada.
 J—R—C—G: 1 dita n. 106, avariada.
 LL—G: 2 ditas ns. 2.064 e 2.066, repregadas.
 LG—B: 1 dita n. 465, idem.
 MGC: 1 dita n. 1.332, idem.
 N—F: 1 dita n. 24, idem.
 OPC: 8 ditas sem numero, idem.
 SAC—R: 1 dita n. 150, idem.
 E—S—207—G: 1 dita sem numero, idem.
 LL—B: 1 dita n. 464, idem.

BHC: 1 dita n. 2.018, idem.
 Dia: 1 barrica n. 6, idem.
 Idem: 1 caixa n. 8.256, idem.
 EMC: 5 ditas sem numero, idem.
 ESC: 4 ditas idem, idem.
 NSC: 1 dita n. 108, idem.
 OABC: 1 dita n. 84, idem.
 PC-Y: 1 dita n. 65, idem.
 EA-C: 4 ditas sem numero, idem.
 Idem: 1 dita idem avariada.
 GMB: 1 dita n. 45, repregada.
 H-F: 5 ditas sem numero, idem.
 J-R-C-C: 2 ditas ns. 104 e 106, idem.
 Vapor francez *Ville de S. Nicolas*, procedente do Havre, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 669.
 Despacho sobre agua—CMC: 4 caixas sem numero, repregadas.
 AI: 2 ditas idem, idem.
 Drogeria Berrini: 1 dita n. 4.129, idem.
 Armazem da Estiva—DL: 1 caixa sem numero, repregada.
 Barroso: 1 dita idem, idem.
 MFO: 2 di 2 ditas idem, idem.
 Eureka: 1 dita idem, idem.
 CSC: 1 dita idem, idem.
 Vapor inglez *Coleridge*, procedente de Nova York, entrado em 10 de outubro de 1900.—Manifesto n. 657.
 Despacho sobre agua—A: 4 caixas sem numero, repregadas.
 CS: 6 ditas idem, idem.
 M: 6 ditas idem, idem.
 TBC: 5 ditas idem, idem.
 Idem: 5 ditas idem, idem.
 MRM: 1 dita idem, idem.
 Vapor allemão *Patagonia*, procedente de Hamburgo, entrado em 6 de outubro de 1900.—Manifesto n. 648.
 Armazem n. 4—SS: 1 caixa n. 3.136, avariada.
 Idem: 1 dita n. 3.144, idem.
 Vapor inglez *Rozetti*, procedente de Liverpool, entrado em 11 de outubro de 1900.—Manifesto n. 659.
 Armazem n. 15—PC: 1 caixa n. 3.441, repregada.
 H: 1 dita n. 6.502, idem.
 DCC: 1 dita n. 605, idem.
 C-F-&-C: 1 dita n. 7.331, idem.
 W: 2 barricas ns. 7.041 e 7.044, idem.
 TPC: 1 caixa n. 70, idem.
 OSC: 1 barrica n. 5.383, idem.
 RAN: 1 barrica n. 4.033, idem.
 G-G-I: 1 dita n. 5, idem.
 RG-F: 1 caixa n. 325, idem.
 F-B&C: 1 barrica n. 1.258, idem.
 SAC: 1 caixa n. 80, idem.
 R-PC: 6 ditas sem numero, idem.
 Vapor allemão *Santos*, procedente de Hamburgo, entrado em 14 de outubro de 1900.—Manifesto n. 668.
 Despacho sobre agua—AMC: 1 caixa n. 609, repregada.
 Vapor allemão *Patagonia*, procedente de Hamburgo, entrado em 6 de outubro de 1900.—Manifesto n. 648.
 Armazem da Estiva—AOC: 1 sacco sem numero, roto.
 Vapor allemão *Hogland*, procedente de Bremen em 5 do outubro de 1900.—Manifesto n. 644.
 Armazem n. 9—AVC: 4 caixas, sem numero, repregadas.
 BF: 2 ditas idem, idem.
 GJC: 2 ditas n. 15, idem.
 JSS: 9 ditas, sem numero, idem.
 LDJ: 5 ditas, idem, idem e avariadas.
 SBC: 1 dita n. 5, idem.
 G: 15 ditas, sem numero, idem.
 S: 1 barrica n. 2.752, idem.
 Idem: 4 caixas, sem numero, idem.
 ZO: 2 ditas ns. 205 e 210, idem.
 FSC: 1 dita n. 4.670, idem.
 S: 1 dita n. 2.546, idem.
 Vapor italiano *Ré Humberto*, procedente de Genova em 13 de outubro de 1900.—Manifesto n. 662.
 Armazem n. 4—NZC: 4 caixas, sem numero, repregadas.
 Idem: 2 ditas, idem, idem.

Idem: 1 dita, idem, idem.
 VPC: 1 dita n. 3.096, idem.
 F-C-C-F-M: 1 dita n. 2.851, idem.
 YRC: 1 dita, n. 3.095, idem.
 VBC: 1 dita n. 3.027, idem, idem.
 FC-V: 2 ditas ns. 270 e 282, idem.
 CFG: 1 dita n. 2.542, idem.
 GGAC: 1 dita n. 156, idem.
 JPI: 1 dita n. 22, idem.
 Ceres: 1 dita n. 2.410, idem.
 LF: 1 dita n. 31, idem.
 NPC: 5 ditas, sem numero, idem.
 Vapor francez *Ville de S. Nicolas*, procedente do Havre, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 669.
 Armazem n. 10—MNC: 1 caixa, n. 645, avariada.
 Vapor allemão *Buenos Aires*, procedente de Hamburgo, entrado em 1 de outubro de 1900.—Manifesto n. 635.
 Armazem n. 11—30: 1 caixa, n. 469, repregada e avariada.
 Vapor allemão *Santos*, procedente de Hamburgo, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 668.
 Armazem das Amostras—21—WV: 1 caixa n. 1.936, repregada.
 Armazem n. 12—HC—B: 4 ditas sem numero, idem.
 JCC: 2 ditas ns. 747 e 748, repregadas e avariadas.
 Idem: 2 ditas ns. 749 e 538, idem idem.
 JCAC—PDF: 3 ditas sem numero, idem idem.
 JVC: 1 dita n. 4.075, idem idem.
 LOS: 1 dita n. 4.409, idem idem.
 MR: 1 dita n. 2.615, idem idem.
 CC—GFC: 1 dita dita n. 61.945, idem.
 AH: 1 dita n. 59.130, idem.
 Idem: 1 dita n. 59.133, idem.
 AGC: 1 dita n. 2.123, idem.
 AMC—K: 1 dita n. 571, idem.
 B: 1 dita n. 265, idem.
 J—BS—O: 1 dita n. 499, idem.
 CF: 2 ditas ns. 2.615 e 242, idem.
 FSC—K: 1 dita n. 8.177, idem.
 GS: 1 dita n. 1889, idem.
 GJC: 1 dita n. 1007, idem.
 Vapor francez *Colombia*, procedente de Santos e entrado em 16 de outubro de 1900.—Manifesto n. 677.
 Armazem n. 6—Rebello Guimarães: 1 barril sem numero, com falta.
 Vapor allemão *Santos*, procedente de Hamburgo, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 668.
 Armazem n. 12—PS: 1 caixa n. 1.884, repregada.
 Idem: 1 dita n. 1.885, idem.
 RSC—ARN: 2 ditas ns. 15.400 e 15.398, idem.
 SC—LC: 1 dita n. 7.208, idem.
 W: 3 ditas sem numeros, idem.
 AH: 1 dita n. 59.131, idem.
 BCC: 1 dita n. 18, idem.
 GL—23: 1 dita n. 5.595, idem.
 Alfândega do Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1900.—Pelo inspector, *Francisco Manoel Fernandes*, ajudante.
 Dia 25
 Vapor inglez *Thames*, procedente de Southampton, entrado em 16 de outubro de 1900.—Manifesto n. 670.
 Armazem n. 3—PAC: 1 caixa n. 9.632, avariada.
 Armazem da Estiva—HMC: 10 ditas sem numero, repregadas.
 Idem: 9 ditas idem, idem.
 Armazem n. 3—Dia: 1 barrica n. 1.500, idem.
 DN: 1 caixa n. 290, avariada.
 E—R—O: 1 dita n. 1.231, repregada.
 FBC: 1 dita n. 2.096, idem.
 FA—C: 1 dita n. 636, idem.
 GWC: 1 dita n. 248, idem.
 H: 1 dita n. 14, avariada.
 HSC: 1 dita n. 77, repregada.
 C: 1 encapado sem numero, roto.
 C. Colombo: 1 caixa n. 784, avariada.
 CPC—D: 1 dita n. 125, idem.

Vapor allemão *Santos*, procedente de Hamburgo, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 668.
 Armazem n. 12—BBC: 2 caixas ns. 125 e 98, repregadas.
 Idem: 2 ditas ns. 97 e 99, idem.
 Despacho sobre agua—G—G—&—C: 2 ditas ns. 7 e 9, idem.
 Armazem n. 12—HH: 1 dita n. 552, idem.
 JCC: 1 dita n. 532, idem.
 LC: 1 dita n. 3.375, idem.
 C—100—B: 2 fardos ns. 4.139 e 4.135 avariados.
 Idem: 2 ditas ns. 4.137 e 4.138, idem.
 SSC—R: 1 caixa n. 2.300, repregada.
 VIC: 1 dita n. 4.011, avariada.
 CF: 1 dita n. 15.323, repregada.
 Vapor allemão *Troya*, procedente de Hamburgo, entrado em 27 de setembro de 1900.—Manifesto n. 628.
 Armazem n. 10—J—L—AI—F—B: 1 caixa sem numero, repregada.
 AI—A—M: 1 dita n. 9.078, idem.
 Vapor allemão *Buenos Aires*, procedente de Hamburgo, entrado em 1 de outubro de 1900.—Manifesto n. 635.
 Armazem n. 11—BRVC: 1 caixa n. 899, repregada e avariada.
 Vapor inglez *Mary Pack*, procedente de Cardiff, entrado em 13 de outubro de 1900.—Manifesto n. 645.
 Armazem n. 6—JMI: 1 caixa n. 123, repregada.
 Idem: 1 dita n. 125, idem.
 Vapor francez *Ville de S. Nicolas*, procedente do Havre, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 669.
 Despacho sobre agua—DL: 1 caixa, sem numero, repregada.
 Dous navios: 4 ditas, idem, idem.
 DL: 4 ditas, idem, idem.
 CAC: 4 ditas, idem, idem.
 Dous navios: 5 ditas, idem, idem.
 Armazem n. 11—JMRM: 1 caixa, idem, idem.
 Martim: 2 ditas ns. 1.826 e 1.841, avariadas.
 D—JT: 1 dita n. 732, idem.
 Armazem da estiva—ANC: 1 barrica n. 238, quebrada.
 Armazem n. 11—VC—MJ: 1 caixa n. 5, repregada.
 Armazem da estiva—S: 4 ditas, sem numero, idem.
 Idem: 6 ditas, idem, idem.
 Idem: 5 ditas, idem.
 Dois navios: 5 ditas, idem.
 CAC: 4 caixas, sem numero, repregadas.
 SB: 30 ditas, idem, idem.
 Idem: 1 dita, idem, idem.
 Dous navios: 10 ditas, idem, idem.
 Idem: 4 ditas, idem, idem.
 CAC: 8 ditas, idem, idem.
 Vapor inglez *Dunnore*, procedente de Nova York, entrado em 11 de outubro de 1900.—Manifesto n. 661.
 Armazem n. 6—CCB: 12 caixas, sem numero, repregadas e avariadas.
 Idem: 1 barrica, idem, idem, idem.
 Vapor allemão *Santos*, procedente de Hamburgo, entrado em 13 de outubro de 1900.—Manifesto n. 668.
 Despacho sobre agua—SP: 2 caixas, sem numero, repregadas.
 Idem: 2 ditas, idem, idem.
 B—cae: 2 ditas, idem, idem.
 YYGC: 10 ditas, idem, idem.
 Idem: 8 ditas, idem, idem.
 SP: 1 dita idem idem.
 Armazem da Estiva—EJC: 2 ditas idem idem.
 Despacho sobre agua—IMC: 1 dita n. 605, idem idem.
 MKLC: 1 dita n. 155, idem idem.
 OGS: 1 dita sem numero, idem idem.
 FC: 1 dita idem idem.
 Vapor francez *Ville de S. Nicolas*, procedente do Havre, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 669.
 Armazem n. 11—BG—F: 1 caixa n. 326, repregada e avariada.

Idem : 1 dita n. 328, idem idem.
 Vapor inglez *Olbers*, procedente de Liverpool, entrado 21 de outubro de 1900—Manifesto n. 669.
 Armazem n. 16—GLC : 2 caixas ns. 9.365 e 9.368, repregada.
 Vapor allemão, *Antonina*, procedente de Hamburgo, entrado em 20 de outubro de 1900—Manifesto n. 679.
 Armazem n. 1—JVC —A — A : 2 fardos ns. 7.603 e 7.624, rotos e avariados.
 Armazem n. 1—JRCC—1 caixa n. 1943, repregada.
 MMM : 1 dita n. 7.471, idem.
 Idem : 1 dita n. 7.472, idem.
 MSC : 1 dita n. 101, idem.
 MWC : 1 dita d. 2224, idem.
 BO—Arp & Comp. : 1 dita n. 2.282, idem.
 30 : 1 dita n. 451 : idem.
 Idem : 456, idem.
 Idem : 1 dita n. 455, idem.
 Idem : 1 dita n. 453, idem.
 W : 1 dita n. 5.895, idem.
 SB : 1 fardo n. 1, roto e avariado.
 APQ : 1 caixa n. 94, repregada.
 AVC : 1 dita n. 97, idem.
 BMC : 1 dita n. 2.566, idem.
 FSC—K : 1 dita n. 9.911, idem.
 FMCC : 1 dita n. 8.173, idem.
 HSC : 1 dita n. 6.581, idem.
 HBCL : 1 dita n. 4.610, idem.
 Idem : 1 dita n. 4.610 A, repregada e avariada.
 Idem : 1 dita d. 4.610 B, repregada.
 JVC—AA : 1 fardo n. 7.598, roto e avariado.
 Vapor inglez *Thames*, procedente de Southampton, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 670.
 Despacho sobre agua — (A) : 1 caixa n. 23, repregada.
 Armazem da Estiva—AAS—Victorio Store : 1 dita n. 156, idem.
 Idem : 1 dita n. 158, idem.
 Vapor allemão *Santos*, procedente de Hamburgo, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 668.
 Armazem da Estiva — HSC : 4 caixas sem numero, repregadas.
 Despacho sobre agua — H M C : 1 caixa n. 606, repregada.
 Armazem das Amostras—JM : 1 dita n. 90, idem.
 Armazem da Estiva — J S G : 1 engradado sem numero, vasando.
 Despacho sobre agua — F G C : 1 sacco n. 1.968, roto.
 Armazem n. 12 — SAC : 4 caixas sem numero, repregadas.
 89 : 2 ditas idem, idem.
 VR : 2 ditas idem, idem.
 Z—CCC : 1 fardo n. 6, avariado.
 Arp & Comp. : 2 caixas ns. 1.606 e 1.608, idem.
 FAS : 2 ditas sem numero, repregadas.
 HSC — P : 2 ditas ns. 1.606 e 1.608, idem.
 JL—H : 1 dita n. 4.329, idem.
 JAC : 1 dita sem numero, repregada e avariada.
 JK : 1 dita n. 1.041, repregada.
 JVC : 1 dita n. 1.629, idem.
 MMC : 1 dita n. 4.694, idem.
 MCC : 1 dita n. 1.155, idem.
 Alfandega do Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1900.—Pelo inspector, *Francisco Manoel Fernandes*, ajudante.

Dia 27

Vapor allemão *Santos*, procedente de Hamburgo, entrado em 15 de outubro de 1900.—Manifesto n. 668.
 Armazem n. 12 — QT — R : 1 caixa n. 40, repregada.
 Despacho sobre agua — R L F C : 1 dita n. 2.169, idem.
 Armazem n. 12 — WH : 1 dita n. 1.176, idem.
 Z—MGC : 2 ditas ns. 2.356/57, idem.
 Idem—JVC : 2 ditas ns. 4.310/11, idem.
 Idem—MGC : 1 dita n. 2.355, idem.
 HR : 1 dita n. 810, idem.

AMC—K : 1 dita n. 570, idem.
 BCC : 1 dita n. 100, idem.
 AM : 1 dita n. 3, idem.
 DG : 4 ditas ns. 293/94 e 702, repregadas e avariadas.
 ESC—H : 1 dita n. 8.207, avariada.
 FBC : 1 dita n. 229/97, repregada.
 LMC—AC : 1 dita n. 102, repregada e avariada.
 HSC : 2 ditas ns. 1 e 4, repregadas.
 L—D : 2 ditas ns. 194 e 195, idem.
 Idem : 1 dita n. 193, repregada e avariada.
 Vapor inglez *Araucaria*, procedente de Liverpool, entrado em 22 de outubro de 1900.—Manifesto n. 681.
 Despacho sobre agua—TBC : 2 caixas ns. 287 e 246, repregadas.
 TB : 12 ditas sem numero, idem.
 AAS : 8 ditas idem, idem.
 Vapor inglez *Thames*, procedente de Southampton, entrado em 16 de outubro de 1900.—Manifesto n. 670.
 Armazem n. 3 — H : 2 caixas ns. 28 e 39, repregadas
 Idem : 2 ditas ns. 26 e 52, idem.
 HSC : 1 dita n. 51, idem.
 CJS : 1 dita n. 522, idem.
 JCI : 1 dita n. 179, idem.
 JRW : 2 ditas ns. 1.442/43, idem.
 L—R : 2 ditas ns. 113 e 115, idem.
 LL—G : 1 dita n. 3.071, idem.
 M—G : 2 ditas sem numero, idem.
 Idem : 1 dita idem, avariada.
 Idem : 1 dita idem, repregada e avariada.
 Idem : 1 dita idem, repregada.
 Idem : 1 dita idem, repregada e avariada.
 RSSC : 1 dita n. 5.060, avariada.
 M—C—5—1—C : 1 dita n. 322, idem.
 B—C—42—C : 1 dita n. 128, repregada.
 B—S—63 : 1 dita n. 57, idem.
 AFCC : 1 dita n. 6.419, idem.
 CGE : 3 encapados sem numero, rotos.
 C : 2 ditas idem, idem.
 Vapor francez *Les Alpes*, procedente de Marselha, entrado em 22 de outubro de 1900.—Manifesto n. 683.
 Armazem da Bagagem — Sem marca : 2 bahus, sem numero, abertos.
 Idem : 1 caixa idem, idem.
 Idem : 1 dita idem, quebrada.
 Idem : 2 ditas idem, abertas.
 Antonio Bercio : 1 dita idem, idem.
 MC : 1 dita idem, idem.
 Sem marca : 1 mala idem, quebrada.
 Idem : 2 ditas idem, abertas.
 Vapor austriaco *Deak*, procedente de Trieste, entrado em 17 de outubro de 1900.—Manifesto n. 675.
 Despacho sobre agua—SR—AP : 3 caixas sem numero, repregadas e avariadas.
 TBC : 1 dita n. 17.447, avariada.
 Idem : 2 ditas sem numero, repregadas e avariadas.
 MJC : 1 dita n. 4, idem, idem.
 HM : 11 ditas sem numero, idem, idem.
 BJ : 2 ditas ns. 2.651 e 2.697, idem, idem.
 PE—29 : 3 ditas sem numero, idem, idem.
 TBC : 4 ditas idem, idem, idem.
 RGC—V : 3 ditas idem, idem, idem.
 FC : 2 ditas ns. 266 e 296, idem, idem.
 FC—V : 1 dita n. 2, idem, idem.
 AOO : 3 ditas ns. 109, 46 e 7, idem, idem.
 TBC : 1 dita n. 17.729, idem, idem.
 Idem : 1 dita n. 7.908, idem, idem.
 MJC : 5 ditas sem numero, idem, idem.
 Vapor francez *Les Alpes*, procedente de Marselha, entrado em 22 de outubro de 1900.—Manifesto n. 683.
 Armazem n. 10—ESC : 1 caixa n. 1.232, repregada e avariada.
 FIC : 2 ditas ns. 38 e 45, idem.
 JRC : 10 ditas sem numero, quebradas.
 J. Melguei : 2 ditas idem, repregadas e avariadas.
 Armazem n. 9 — GGAC : 1 amarrado numero 4.876/79, avariado.
 Armazem n. 10—BT : 1 caixa n. 636, repregada.
 BI 15 ditas sem numero, idem.
 Idem : 1 dita idem, idem.
 Idem : 1 dita idem, idem.

CC : 1 dita n. 480, idem :
 Vapor inglez *Olbers*, procedente de Liverpool, entrado em 21 de outubro de 1900.—Manifesto n. 683.
 Armazem n. 16—SC—LC : 1 fardo n. 6.815, roto.
 Idem : 1 dito n. 6.882, idem.
 Idem : 1 dita n. 6.823, idem.
 RJ : 1 caixa n. 965, avariada.
 Sf : 12 ditas sem numero, idem.
 B—387—P : 1 dita idem, repregada.
 Idem—B—518—P : 1 dita idem, idem.
 Idem—B—139—P : 1 dita idem, idem.
 Idem—B—480—P : 1 dita idem, idem.
 HFD : 1 dita n. 663, avariada.
 Idem : 1 dita n. 680, idem.
 SC—LC : 1 dita n. 2.347, repregada.
 H—C—M : 1 dita n. 2.612, idem.
 AAJ : 1 dita n. 486, idem.
 HFD : 4 ditas sem numero, repregadas.
 RC : 1 dita n. 8.514, idem.
 Sf : 1 dita n. 1.922, avariada.
 Idem : 2 ditas ns. 8.625 e 8.619, idem.
 Vapor austriaco *P. Pecher*, procedente de Trieste, entrado em 23 de outubro de 1900.—Manifesto n. 677.
 Armazem n. 14—D—X : 2 caixas ns. 6.545 e 6.548, repregadas.
 Avenin : 9 barricas sem numero, idem.
 Vapor inglez *Olbers*, procedente de Liverpool, entrado em 21 de outubro de 1900.—Manifesto n. 682.
 Armazem n. 16—HFD : 2 caixas ns. 666 e 659, avariadas.
 Idem : 2 ditas ns. 668 e 662, idem.
 Idem : 2 ditas ns. 660 e 664, idem.
 RJ : 1 dita n. 785, repregada.
 Idem : 1 dita n. 965, avariada.
 SB : 1 dita n. 2.349, idem.
 HFC : 2 ditas ns. 666 e 669, idem.
 LC—LC : 1 dita n. 2.338, idem.
 HFD : 8 ditas sem numero, idem.
 Idem : 1 dita idem, repregada.
 532—B—P : 1 dita idem, idem.
 Idem—517 : 1 dita idem, idem.
 Idem—510 : 1 dita idem, idem.
 Idem—178 : 1 dita idem, idem.
 Idem—195 : 1 dita idem, idem.
 Idem—87 : 1 dita idem, idem.
 Idem—425 : 1 dita idem, idem.
 Idem—506 : 1 dita idem, idem.
 Idem—390 : 1 dita idem, idem.
 Idem—138 : 1 dita idem, idem.
 Casa Garibaldi : 1 dita n. 97, quebrada.
 JAB—LLL : 1 caixa n. 127, avariada.
 SC—LC : 1 dita n. 2.355, idem.
 CJ : 1 dita n. 2.803, repregada.
 JBC : 2 dita n. 53, idem.
 EFC : 1 dita n. 1, idem.
 CJ : 2 ditas ns. 2.798 e 2.803, idem.
 J—R—C—C : 1 dita n. 926, idem.
 CJ : 5 ditas sem numero, idem.
 JBC : 1 dita n. 52, idem.
 442—P : 1 dita sem numero, idem.
 524—P : 1 dita idem, idem.
 Vapor allemão *Antonina*, procedente de Hamburgo, entrado em 20 de outubro de 1900.—Manifesto n. 679.
 Armazem n. 1—MWC : 1 caixa n. 2.671, repregada.
 M : 1 bobina sem numero, avariada.
 OGS : 1 caixa n. 70, repregada.
 PHC : 1 dita n. 315, idem.
 PC : 1 dita n. 3, idem.
 Idem—LR : 1 dita n. 9.837, avariada.
 PBC : 1 dita n. 9.785B, repregada.
 89 : 3 ditas sem numero, idem.
 Godoy : 1 dita n. 11.585, idem.
 GGAC—2.089 : 1 barriaca sem numero, idem.
 Idem : 1 dita idem, idem.
 HC—B : 1 caixa n. 263, avariada.
 Idem : 2 ditas ns. 403 e 492, repregadas e avariadas.
 JCC : 1 dita n. 9.802, repregada.
 Idem : 1 dita n. 9.648/1, idem.
 LFC—PH : 1 dita n. 1.636, idem.
 MVC : 1 dita n. 2.627, idem.
 Vapor inglez *Haglund*, procedente de Bremen, entrado em 4 de outubro de 1900.—Manifesto n. 644.

Trapiche Carvalhaes—CHD: 1 caixa n. 405, avariada.

Vapor allemão *Roma*, procedente de Hamburgo, entrado em 22 de outubro de 1900.—Manifesto n. 680.

Trapiche Carvalhaes—YA: 1 caixa n. 2.159, avariada.

RM—D—C: 50 barris n. 450, idem.

Vapor belga *Obers*, procedente de Londres, entrado em 22 de outubro de 1900.—Manifesto n. 682.

Trapiche Dias da Cruz—BPC: 3 barris sem numero, com falta.

CAEF—v: 1 dito idem, idem.

HVM: 1 dito idem, idem.

Vapor allemão *Antonina*, procedente de Hamburgo, entrado em 20 de outubro de 1900.—Manifesto n. 679.

Trapiche Federal—XS: 1 barril sem numero, vasando.

Silva: 1 dito idem, idem.

BAC: 2 ditos idem, idem.

VMC: 1 dito idem, idem.

DLF: 1 dito idem, idem.

Vapor allemão *Antonina*, procedente de Hamburgo, entrado em 20 de outubro de 1900.—Manifesto n. 679.

Armazem n. 1—MVC: 1 caixa n. 2.575, avariada.

PHC: 1 dita n. 316, repregada.

AM: 1 dita n. 2, idem.

ARC: 2 ditas ns. 753, 757, idem.

Idem: 2 ditas ns. 758, 751, idem.

AVCN: 3 ditas ns. 8.513/11, 8.513/2, idem.

ARG: 3 ditas ns. 755, 754, 756, idem.

LF—65: 1 dita n. 1.746, idem.

98: 2 ditas ns. 1.835, 1.837, idem.

5.297: 1 fardo n. 157, idem.

VCM: 1 caixa n. 10, idem.

A—21—J—WW—3.387: 1 dita n. 9.942, idem.

Idem: 1 dita n. 9.930/6, idem.

Idem: 1 dita n. 9.930/4, idem.

Idem: 1 dita n. 10.030, idem.

VII: 1 dita n. 359, idem.

CFB: 3 ditas ns. 17/19, idem.

C—C: 2 ditas ns. 2 e 3, idem.

C—3B—R: 1 dita n. 1, idem.

FFC: 1 dita n. 19.131, idem.

FSC—K: 1 dita n. 8.212, idem.

Idem: 2 ditas ns. 8.180 e 8.086, idem.

Vapor Austriaco *Deak*, procedente de Trieste, entrado em 17 de outubro de 1900.—Manifesto n. 675.

Armazem n. 8—BE: 2 engradados ns. 1 e 2 quebrados.

DCC: 1 caixa n. 8.171, repregada.

CCC: 1 dita n. 2.807, idem.

VC: 2 ditas ns. 4 e 10, idem.

AAC: 3 barricas ns. 855, 864 e 865, idem.

SR—A—P—C—Bagé: 9 caixas sem numero, avariadas e repregadas.

MYC: 4 ditas idem, idem idem.

VC: 3 ditas ns. 1, 3 e 501, idem idem.

CCC: 1 dita n. 2.827, idem idem.

MMC—K: 1 dita n. 1.158, idem idem.

VC: 4 ditas ns. 11, 12, 496 e 497, idem idem.

Idem: 3 ditas ns. 7, 2 e 5 idem idem.

Idem: 3 ditas ns. 8, idem idem.

MMC: 1 dita n. 1.158, idem idem.

HF—C—O: 2 fardos ns. 194 e 195, avariados e rotos.

SW: 1 caixa n. 2.818, avariada e rota.

Vapor francez *Les Alpes*, procedente de Marselha, entrado em 22 outubro de 1900.—Manifesto n. 683.

Armazem n. 9—SGC: 2 caixas ns. 18 e 44, vasando.

Fic: 10 ditas sem numero, repregadas.

Idem: 7 ditas idem, idem.

Idem: 1 sacco idem, roto.

Armazem n. 10—BI: 1 caixa n. 154, repregada.

HK: 1 dita n. 1.849, idem.

CP—M: 7 ditas sem numero, idem.

PC—G: 1 dita n. 4.060, idem.

Alfandega do Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1900.—Pelo inspector, *Francisco Manoel Fernandes*, ajudante.

Intendencia Geral da Guerra

O conselho de compras desta repartição recebe propostas no dia 31 do corrente até ás 11 1/2 horas da manhã para a compra do seguinte:

500 barris vazios para acondicionar polvora com destino á Fabrica de Polvora da Estrella.

As pessoas que pretenderem contractar esse fornecimento deverão previamente apresentar suas habilitações na fôrma do regulamento e ordens em vigor.

Previne-se que as propostas devem ser em duplicata, escriptas com tinta preta, sem rasuras e assignadas pelos proprios proponentes, que deverão comparecer ou fazerem-se representar na occasião da sessão, devendo na referida proposta fazer a declaração de se sujeitarem á multa de 5%, caso recusarem a assignar o respectivo contracto.

A entrega dos referidos barris deverá ser feita antes de 21 de dezembro do corrente anno.

Os barris deverão ser iguaes á amostra existente nesta repartição.

Primeira secção da Intendencia Geral da Guerra, 25 de outubro de 1900.—Tenente-coronel, *Manoel Ferreira Neves Junior*.

Estrada de Ferro Central do Brazil

CONCURRENCIA PARA FORNECIMENTO DE CARVÃO DE FORJA E COKE

De ordem da directoria faço publico que ás 12 horas do dia 14 do proximo mez de novembro, nesta secretaria, serão recebidas propostas para fornecimento de carvão de forja e coke para o consumo desta estrada durante o anno de 1901.

O carvão de forja (Smith Coal ou Nut Coal) deve ser betuminoso, com a propriedade de ligar-se (caking) formando lapa e passado por peneira de 25 m/m a 30 m/m.

O coke deve ser de primeira qualidade, em pedaços cujas dimensões não sejam inferiores a 10 c/m x 10 c/m x 10 c/m, com a maior coheção possivel de suas particulas, sonoro e pesando 495 a 528 kilos por metro cubico.

Os fornecimentos trimensaes serão no maximo de 390 toneladas de carvão de forja e de 75 toneladas de coke.

As propostas deverão indicar os preços em ouro do coke e do carvão de forja entregues na estação da Gambôa, livres de direitos por encarregar-se a Estrada dos respectivos despachos, devendo para isso os conhecimentos de embarque vir em nome da mesma estrada.

Os concurrentes deverão effectuar na thesouraria da Estrada, até a vespera do dia da concorrência, a caução de 300\$ para garantir a assignatura do contracto e os recibos dessa caução serão exhibidos, em separado, no acto da apresentação, á hora acima indicada, das propostas respectivas, que devem estar em envolucros fechados, contendo por fóra os nomes dos proponentes.

As propostas para serem acceitas e consideradas, além das mencionadas formalidades devem ser selladas devidamente, datadas e assignadas e indicar a residencia do proponente; serão abertas na presença dos apresentantes, o, das que satisfizerem os requisitos legais acima mencionados, proceder-se-ha em seguida á enumeração e leitura.

Os proponentes acceitos sujeitar-se-hão a todas as condições das bases para o contracto, que estão á disposição dos concurrentes para serem examinadas.

Secretaria da Estrada de Ferro Central do Brazil, 13 de outubro de 1900.—O secretario, *Manoel Fernandes Figueira*.

EDITAES

Tribunal Civil e Criminal

CAMARA COMMERCIAL

De citação com o prazo de 10 dias aos credores de Carvalho, Magalhães & Comp., para dizerem sobre o pedido de homologação da concordata que offerecem, na fôrma abaixo

O Dr. Celso Aprigio Guimarães, juiz da Camara Commercial do Tribunal Civil e Criminal da Capital Federal, etc.

Faz saber aos que o presente edital virem que, por este juizo e cartorio do escrivão que este subscreeve, processam-se os autos de concordata de Carvalho, Magalhães & Comp., os quaes foram iniciados com a petição do teor seguinte: Exm. Sr. presidente da Camara Commercial.— Dizem Carvalho, Magalhães & Comp., negociantes, com firma registrada, estabelecidos á rua Primeiro de Março n. 30, que, tendo obtido da maioria legal de seus credores o accordo extra-judicial, constante do documento n. 1, junto, pedem que seja designado juiz para o processo de homologação do referido accordo. Os supplicantes juntando a esta os demais documentos recommendados na lei, esperant favoravel deferimento. Rio, 17 de outubro de 1900.— *Amaro Cavalcanti*, advogado. Despacho: Ao Sr. Dr. Celso Guimarães. Rio, 17 de outubro de 1900.— *T. Torres*. Despacho: D. A. Como requerem. Rio, 17 de outubro de 1900.— *Celso Guimarães*. Distribuição: D. a Corte Real, em 17 de outubro de 1900. O distribuidor *J. Conceição* Eni virtude do que se passou o presente, pelo teor do qual citam-se os credores de Carvalho, Magalhães & Comp., para, no prazo de 10 dias, dizerem sobre o pedido de homologação da concordata pelos mesmos offerecida, na qual propõem pagar 20% por saldo dos respectivos creditos, em duas prestações, a 1ª de 10% dentro de 30 dias da data da homologação e os restantes 10% dentro de 90 dias da mesma data, sob pena de, á revelia, se proceder como for de direito. Dado e passado nesta Capital Federal, em 18 de outubro de 1900. E eu, Francisco de Borja de Almeida Corte Real, escrivão, o subscreevi.— *Celso Aprigio Guimarães*.

Primeira Pretoria

De citação com o prazo de oito dias aos cidadãos abaixo declarados aptos para servirem como juizes de facto e vogaes, durante o proximo exercicio de 1901

O Dr. Torquato Baptista de Figueiredo, juiz da 1ª Pretoria do Districto Federal, etc.:

Faz saber a todos quantos o presente edital virem que, em virtude do disposto no art. 44, § 1º do decreto n. 1.030, de 14 de novembro de 1890, foram qualificados aptos para servirem como juizes de facto e vogaes por esta pretoria, durante o futuro exercicio de 1901, os cidadãos abaixo declarados:

Freguezia da Ilha de Paqueta

João José Pereira.

Izaltino de Amorim Quintão.

Elesbão Werneck do Nascimento.

Pedro Alexandrino Ribeiro Duarte.

Agostinho de Campos Ribeiro.

Lauriano Fernandes Brazil.

Alfredo M. Martins de Pinho (barão de Bural).

Antonio Calazans Maia.

Alipio Cabral.

Alvaro Paes Leme da Silva (major).

João Baptista de Lacerda (Dr.).

José Maria da Silva Rosa (capitão).

Antonio Jorge da Silveira.

Manoel Alves de Andrade.

Antenor Pompílio da Silveira.

Miguel Marques Gonçalves.

Francisco Ferreira Campos Junior.

Camillo de Souza Guimarães.

Pedro Alves do Espirito Santo.

Juvenal José da Silveira.
João Pereira de Mello.
João da Silva Pinheiro Freire Filho.
Francisco Marques da Silva (commendador.)
Seraphim Rodrigues Gonçalves.
José Gomes de Moura.
Manoel Ferreira da Silva Nunes.
Joaquim Francisco Borges.
Augusto Gomes Netto.
Pedro Moreira Dias Cardoso.
Mánoel Antonio da Costa.
Miguel Bruno.
Antero Bruno.
Pompilio Antenor da Silveira.
José Antonio Tinoco.
Sylvestre de Souza Pereira.
Luiz Candido de Lacerda.
Raul Marques Dias.

Freguezia de N. S. da Candelaria

José Felipe dos Santos Reis.
Virgilio de Siqueira Veiga.
Eurico Simões.
Abel da Costa Ribeiro.
Albino Albertino Corrêa.
Joaquim Pinto de Castro.
Domingos de Souza Carneiro.
Manoel José Pinto.
Alfredo Fernandes da Silva.
Antonio Gonçalves Carneiro.
Joaquim Fernandes da Silva Maia.
Guilherme Michães de Souza Bastos.
Francisco da Costa Ribeiro.
Manoel Coelho Valladão.
Francisco Ferraz Valladão.
Joaquim Gomes de Souza Braga.
Alfredo Palmeira.
Casemiro da Rocha Lima.
Bento José Leite.
João José Sampaio Barros.
José Aristides Mendes.
Manoel de Souza Costa.
Francisco Antonio Giffoni.
Francisco Ferreira Ramos Sobrinho.
José Machado de Vasconcellos.
Martin Cifre.
José Luiz Belchior.
José Augusto Teixeira Leite.
Joaquim Fernandes da Costa.
Benjamin de Andrade Carvalho.
Joaquim A. Pinto da Silva.
Alfredo Alves de Carvalho.
Antonio de Vargas.
Olayo Mathias da Fonseca.
Manoel Salgado Guimarães.
Antonio Pinto.
Antonio Dechamp.
Luiz de Carvalho Azevedo.
Augusto de Carvalho.
Custodio Ribeiro de Castro.
Josino Ribeiro de Castro.
Flavio Novaes.
Augusto Mario da Motta.
Antonio Duarte Pinheiro.
Salomon Silberg.
Antonio Carlos.
Alfredo Castro.

E para que a noticia chegue ao conhecimento de todos mandei passar o presente, que será publicado no *Diario Official* e dentro do prazo de oito dias contados da sua data, receber-se-hão neste juizo as respectivas reclamações.

Dado e passado no Rio de Janeiro, em 20 de outubro de 1900. Eu, José Franklin de Alencar Lima, escrivão, o subscrivi.—*Torquato Baptista de Figueiredo.*

Sexta Pretoria

O Dr. Diogo José de Andrada Machado, juiz da 6ª Pretoria do Districto Federal e presidente da junta qualificadora e revisora da freguezia da Gloria.

Faz saber a todos que o presente edital virem ou dellhe tiverem noticia que a junta de qualificação dos juizes de facto e vogaes da 6ª Pretoria procedeu á revisão do alistamento dos cidadãos, modificando-a da forma seguinte :

RELAÇÃO DOS JUIZES DE FACTO E VOGAES QUALIFICADOS DURANTE O ANNO DE 1901

1ª secção

Alziro Canteiro de Castilhos.
Alfredo Gonzaga da Costa.
Americo Soares dos Santos.
Angelo José Moreira.
André Jorge Rangel (Dr.).
Antonio Martins da Silva.
Antonio da Silveira Martins.
Antonio Thomé de Moura.
Antonio Corrêa da Costa.
Annibal Vieira do Castro.
Paulo José Vieira.
Candido José Ferreira.
Domingos de Gouvêa Corrêa.
Francisco Teixeira de Barros.
Frederico Augusto Xavier de Brito.
Fortunato Pereira de Mello.
Henrique Pereira Baptista.
Joaquim Luiz dos Santos.
Joaquim Nicoláo.
Jacintho Gomes Brandão Junior.
Jayme de Guimarães Billack.
João Silveira Avila de Mello.
João de Barros Pernambuco.
João Pinto da Silva Valle.
João Damasceno Theophilo Lucas.
José de Souza Costa.
José Saldock de Sá.
José Pedro da Silva Andrade.
José Augusto Proença Moreira.
Jorge Augusto da Silva Petite.
Jeronymo de Sá Pinto de Siqueira.
Luiz Roque Pinheiro.
Mario Augusto Xavier de Brito.
Mariano Garcia.
Manoel Gomes Tarlé.
Manoel Gonçalves Pinto.
Olavo de Guimarães Billack.
Placido Ferreira de Andrade.
Pio Pereira de Souza.
Porfirio Francisco de Paula.
Roberto Augusto Tarlé.
Samuel Baptista.
Seraphim Gonçalves Nogueira.
Sizenando Rodrigues Gonçalves.

2ª secção

Adolpho Victor Paulino.
Aduardo Franco.
Alberto Parente da Costa (alferes).
Augusto Villa Lobo.
Antonio Corrêa Paes.
Antero Botelho. (Dr.)
Antonio Pereira da Silva.
Armando de Azevedo Furtado.
Amancio Caldas. (Dr.)
Aureliano M. Santos.
Carlos Emiliano de Castro.
Carlos Salles.
Carlos Polli.
Casemiro Caldas.
Eleshão Bittencourt.
Francisco de Moraes Cavalcanti.
João José Geidia.
João Pacifico dos Santos.
José Neves Dias da Costa.
José Brenhas Ribeiro.
Luiz Agapito da Veiga (Dr.).
Manoel Olegario Ferreira.
Manoel Lima.
Manoel Salgado Guimarães.
Mario de Moraes Salles.
Macedo Costa (Dr.).
Maximiano Martins de Oliveira.
Newton Martins Durwal.
Osorio de Almeida.
Otto Koptek.
Orlando Alves.
Octavio Madureira de Pinho.
Olindo Gomes de Moraes.
Pio Pereira de Souza.
Sergio Bernardo de Oliveira.
Tertuliano Ramos.
Tertuliano Gama Coelho (Dr.).
Tito Cabral.
Virgilio Danazio (Dr.).

3ª secção

Albino Teixeira de Mesquita Bastos.

Alfredo Joaquim Soares.
Americo da Costa e Silva.
Americo Cabral.
Annibal Nunes Pires.
Annibal Esteves.
Anacleto Monteiro da Silva.
Agostinho de Almeida.
Antonio Freitas.
Arnaldo Ayrosa.
Augusto Cesar Basson.
Benjamin Miranda.
Caetano Carlos de Almeida.
Castellar Esteves.
Candido José.
Elpidio de Figueiredo (Dr.).
Eduardo Chapot Prevost (Dr.).
Eurico Xavier de Brito.
Francisco Baptista do Nascimento (Dr.).
Francisco Barros Accioli do Vasconcellos (Dr.).
Francisco Fajardo (Dr.).
Francisco Monteiro Salles.
Gabriel Getulio Rigueira.
Godofredo Esteves da Natividade.
Herculano Ribeiro.
Henrique Paiva.
Humberto de Saraiva Antunes (Dr.).
Ignacio Gabriel Pessoa.
Iturbides Esteves.
Januario Izidro da Silva.
Jacob Pinto Peixoto.
Joaquim Luiz de Barros (capitão).
Joaquim Dias Reis Gordilho.
Joaquim Gaia.
Joaquim José de Souza.
João Cypriano de Abreu (capitão).
João Barbosa Sandin (capitão).
João Cesar de Siqueira.
João Sergio Goulart.
José Leão Balseiros.
José Chapot Prevost (Dr.).
José Maria de Jesus.
José Pereira Rego Netto.
Julio de Moura Rolland.
Justino Paixão.
Justiniano da Cunha Machado.
Juvenal Ladeira (Dr.).
Luiz Mesquita de Barros.
Luiz Nunes Pires.
Martins Ferreira (Dr.).
Manoel Marecondes Homem de Mello (Dr.).
Manoel Cypriano do Nascimento.
Manoel de Souza Amorim.
Manoel José Pinheiro.
Miguel Calmon du Pin e Almeida.
Miguel Teixeira Moreira.
Noemio Xavier da Silveira (Dr.).
Octavio Braga (Dr.).
Octavio Elysio de Freitas.
Octavio Pery.
Oscar Cesar de Siqueira.
Paulo João Kumbarech.
Pedro Antunes Guerra.
Rosendo de Miranda.
Victor Hanriot.

4ª secção

Aldebrando Floresta de Miranda.
Alfredo Fausto de Sampaio Ribeiro.
Alberto de Moraes Ferreira.
Aricon Armando Botelho de Magalhães.
Antonio Augusto Monteiro de Barros (Dr.).
Antonio de Barros Ramalho Ortigão.
Antonio José da Silva Rabello.
Arthur de Souza (Dr.).
Arthur Candido Xavier.
Arthur José Pfaltzgraf.
Barão de Vasconcellos Rodolpho.
Cesar Rabello (Dr.).
Custodio Cardoso Fontes (Dr.).
Eusebio de Siqueira Queiroz.
Francisco Pereira Passos (Dr.).
Francisco José de Oliveira Tosta (Dr.).
Francisco Pinto Ribeiro (Dr.).
João Alves da Silva Simas.
João Baptista Assis Monteiro.
João Alberto de Miranda.
João Crochatt Sá Pereira de Castro (Dr.).
João da Costa Cavalcanti de Albuquerque.
José de Aguiar Toledo Lisboa (Dr.).
Julio José Barbosa.

Luiz Carlos de Magalhães.
Luiz Augusto Schmidt.
Luiz Pedro de Alcantara.
Mario Antonio da Costa.
Mario Belfort Ramos (Dr.).
Manoel Airoso de Oliveira.
Manoel José Amoroso Lima.
Manoel Porfirio de Oliveira Santos (Dr.).
Paulo Ferreira Alves.
Paulino Gonçalves Oliveira Freitas (major).
Pedro Benjamin de Cerqueira Lima.
Samuel Vieira Nunes.
Viviani Alonso de Almeida.

RELAÇÃO DOS JUIZES DE FACTO E VOGAES ELEMEN-
TADOS DO ALISTAMENTO GERAL, POR SE
TEREM MUDADO E OUTRAS CAUSAS

Alipio Barroso de Almeida.
Alberto Dias.
Arthur Portuense (major).
Antero Pregas.
Antonio José de Freitas.
Americo Cabral.
Augusto Goldschmidt (Dr.).
Bonito Manoel da Silva.
Ernesto G. Senna.
Francisco Ferreira Braga.
Ignacio Loyola Gomes da Silva (Dr.).
Hermogeno de Azeredo Coutinho.
Hermenegildo Antonio Pinto.
João Mauricio Wanderley.
João Monteiro de Barros.
João de Albuquerque (Dr.).
José Honorato Gonçalves.
José Elysió dos Reis.
José Francisco Regazi.
João da Costa Cavalcanti (Dr.).
Luiz Bezamat (Dr.).
Luiz Antonio Pereira.
Marcinilio Ferraz Durão.
Mario de Moura Salles.
Olyntho Modesto (Dr.).
Raul Guimarães Sobral.
Tancredo Lopes.
Raymundo Bandeira (Dr.).

RELAÇÃO DOS JUIZES DE FACTO E VOGAES, EX-
CLUIDOS DO ALISTAMENTO POR FALLECI-
MENTO

Luiz Pinto Ribeiro.
Germano de Almeida.
José Henrique Saldanha Samico.

E para constar a quem interessar possa, faz lavar o presente edital, que será affixado no logar do costume na Pretoria e publicado no *Diário Official*, para que dentro de oito dias offerecerem as reclamações contra a inclusão ou exclusão de alistados. Dado e passado nesta Capital Federal aos 22 de outubro de 1900. E eu, Pedro Rodrigues Silva, es-
crivão, o subscrevo.—*Dioyó José de Andrada Machado.*

PATENTES DE INVENÇÃO

N. 3.159—*Memoria descriptiva com desenhos illustrativos de aperfeiçoamentos nas machinas de fazer charutos, inventados, em collaboraçãõ, por Oluf Tyberg, engenheiro mecañico, residente em Brooklyn, na cidade de Nova York, condado de King, Estado de Nova York, Rufus Lenoir Patterson, engenheiro mecañico, residente na mesma cidade condado e Estado, e George Arents Junior, gerente commercial, residente na mesma cidade, condado e Estado, do qual são todos naturaes, sendo todos subditos dos Estados Unidos da America, e para os quaes pedem patente de invenção (no Brazil)*

Este invento diz respeito a aperfeiçoamentos nas machinas de fazer charutos.

Nas machinas de fazer charutos, nas quaes a mortalha é mettida automaticamente no machinismo de amortallar, o movimento

relativo entre esse machinismo e a parte que segura e ampara a mortalha deve ser de tal modo combinado, que a mesma mortalha, não só caminha em harmonia com o tabaco, mas é embrulhada lisa e por igual em redor deste, ficando algum tanto esticada.

Este invento tem por fim o aperfeiçoamento do machinismo de fazer charutos automaticamente, dando-se ao suporte da mortalha, ou ao machinismo de amortallar, ou a ambos, um certo movimento ou movimentos, durante a operação do amortallar, que farão com que a mortalha fique embrulhada, lisa e certa em redor do tabaco.

Na machina aperfeiçoada a mortalha fica, preferivelmente, segura no suporte por meio de sucção, embora o invento abraza outros modos de assegurar, e o suporte da mortalha receba um movimento impulsor que o leva ao encontro do machinismo de amortallar, e com elle a mesma mortalha. Na continuação desta memoria chamar-se-ha a este impulso o «movimento de aproximação», e, nas machinas do typo que achamos preferivel, é continuado durante a operação de amortallar. Embora nos diversos typos de machinas delineados para a illustração deste invento, o movimento de aproximação seja dado ao suporte da mortalha, o mesmo invento abrange, tambem as machinas em que esse movimento de aproximação seja produzido pelo movimento do machinismo de amortallar.

Para a mortalha ficar enrolada, certa o lisa, em redor do tabaco, achar-se-ha, geralmente, ser preferivel, sobre tudo quando se fabrica charutos, cujo diametro maior fica perto do centro e vaé diminuindo, gradualmente, para as pontas, produzir-se um movimento relativo, entre o suporte e o machinismo de amortallar, que seja o resultado de tres movimentos que são, o movimento de aproximação, de que ha pouco se fallou, um movimento pelo qual a mortalha é obrigada a avançar pelo tabaco fóra, o qual, de ora avante, se chamará o movimento de percurso, e um movimento pelo qual o angulo em que a mortalha é apresentada ao tabaco é variado, e que, de ora avante denominar-se-ha o movimento «angular».

Este movimento resultante poderá ser effectuado, quer dando-se todos os movimentos ao suporte do envolvero, quer dando todos ao machinismo de amortallar, quer dando um ou mais dos referidos movimentos a uma destas partes e o resto á outra.

A variação no angulo de apresentação da mortalha ao tabaco tem applicação mais especial ao amortallar de charutos, o diametro dos quaes é maior perto do meio do comprimento, como já disse. Portanto, quando o charuto a fabricar é completamente cylindrico, poder-se-ha prescindir desse movimento angular. Outrosim, dando-se um movimento apropriado á parte que executa o movimento de aproximação, a necessidade de haver um movimento distincto, transversal, poderá ser evitada.

Para que os resultados obtidos sejam os mais perfeitos possiveis, convém tambem que a mortalha seja puxada do suporte della debaixo de uma tensão assás consideravel, o que melhor será realizado fazendo-se com que os meios, pelos quaes a mortalha é segura no suporte, continuem activos durante a operação do amortallar.

Um dos fins a que este invento visa é a producção de uma machina de fazer charutos, na qual as partes são de tal modo construidas, que um movimento relativo de aproximação poderá ser effectuado entre o suporte da mortalha e o machinismo de amortallar, sendo preferivel que se faça esse movimento de aproximação continuar durante a operação do amortallar, e sendo

mais preferivel que o suporte da mortalha funcione em um plano que não cruze com o do machinismo de amortallar.

Ainda outro fim do invento é a producção de uma machina aperfeiçoada de fazer charutos, na qual um movimento relativo de percurso, tal como aquelle de que já se fallou, ou um movimento relativo, angular, é effectuado entre o suporte da mortalha e o machinismo de amortallar, sendo esses movimentos, um só ou ambos, combinados, geralmente, com o movimento de aproximação de que já se fallou, de modo que a mortalha é embrulhada em redor do tabaco por meio de um movimento resultante, que é devido a uma combinação de dous ou mais desses movimentos.

Mais outro fim do invento é o aperfeiçoamento do suporte para a mortalha, nas machinas automaticas e fazer charutos, adicionando-lhe meios, que é preferivel provenham da sucção, para a retenção da mortalha, os quaes meios continuarão a funcionar durante a operação do amortallar.

Mais outro fim a que o invento se destina é a producção de meios, pelo auxilio dos quaes a extremidade da frente da mortalha, quando esta jaz segura no suporte, é positivamente inserta nas garras do machinismo do amortallar.

O invento, além de tudo isso, abrange aperfeiçoamentos nos artificios de cortar, pelos quaes a mortalha é talhada da propria folha do tabaco; aperfeiçoamentos nos artificios pelos quaes a mortalha é entregue ao suporte della; aperfeiçoamento no machinismo que faz a entrega do tabaco á mortalha; aperfeiçoamentos no machinismo de amortallar; e aperfeiçoamentos no machinismo por meio do qual as diversas partes da machina são movidas.

Nos desenhos juntos diversos typos de machinas vão delineados, afim de illustrar todo o alcance do invento. Em algumas dessas machinas ha um unico suporte para a mortalha; em outra ha mais; em algumas a mortalha é talhada em uma mesa de corte, independente, da qual são transferidas para o suporte das mortalhas; e em outras a mortalha é talhada no proprio suporte. Compreender-se-ha, porém, que as machinas delineadas são apresentadas, pura e simplesmente, para illustrar o alcance geral do invento, e que este não se limita aos typos especiaes de machinas delineadas; porque machinas de outros feitios poderão ser construidas e o mesmo invento incorporado nellas.

Com referencia aos desenhos que se juntam :

A fig. 1 é a planta do topo da direita da uma machina, na qual o invento se acha incorporado.

A fig. 2 é a planta do topo da esquerda dessa machina, mostrando as peças empregadas para pôr em movimento as partes delineadas na fig. 1.

A fig. 3 é parte alçado, parte corte, sendo este feito no plano indicado pelo traço 3-3 da fig. 2.

A fig. 4 é o corte vertical feito no sitio do traço 4-4 da fig. 1.

A fig. 5 é o alçado, olhando-se na direcção do topo da direita da machina.

A fig. 6 é o alçado da frente do topo da direita da machina.

A fig. 7 é o alçado da frente do topo da esquerda da machina.

A fig. 7A representa detalhes de um dos excentricos.

A fig. 8 é o alçado da trazeira da machina, tendo-se tirado a parte central.

A fig. 9 representa, como planta, os detalhes do machinismo que transfere a mortalha.

A fig. 9A é o corte de uma parte do suporte das mortaldas, feito no sitio do traço 9A-9A da fig. 9.

A fig. 10 é o corte feito no sitio do traço 10-10 da fig. 9.

A fig. 10A é o corte, com detalhes, feito no sitio do traço 10A-10A da fig. 10.

A fig. 11 representa o topo do machinismo do tipo delineado na fig. 9.

A fig. 12 é o corte feito no sitio do traço 12-12 da fig. 1.

A fig. 13 é o corte feito no sitio do traço 13-13 da fig. 1.

A fig. 14 é a planta do machinismo de amortallar.

A fig. 15 é parte alçado, por corte, do topo do machinismo delineado na fig. 14, e mostra mais a peça que segura o feixe de tabaco na posição que deve occupar por cima do machinismo de amortallar.

A fig. 16 é o alçado, com detalhes, de uma parte do mechanismo que move o machinismo delineado na fig. 14.

As figs. 17 e 18 são, respectivamente, o corte e o alçado da peça que segura o feixe de tabaco.

A fig. 19 é parte alçado, parte corte, do topo da mesma peça.

A fig. 20 representa, em diagramma, as posições relativas do eunho da mortalha, e do machinismo de amortallar, e algumas das posições occupadas pelo machinismo de transferir a mortalha, quando entrega esta ao machinismo de amortallar.

A fig. 21 é a planta da face superior de um typo aperfeiçoado de machinismo de amortallar, que poderá ser empregado na machina.

A fig. 22 é o alçado da trazeira do machinismo de amortallar.

A fig. 23 é o corte feito no sitio do traço 23-23 da fig. 22.

A fig. 24 é o corte feito no sitio do traço 24-24 da fig. 22.

A fig. 25 é um corte, com detalhes, illustrando a acção do arteificio que abre os queixos.

A fig. 26 é parte alçado, parte corte, mostrando detalhes dos queixos manipuladores, com as suas alavancas.

A fig. 27 é a planta de uma machina de outro typo, em que este invento se acha incorporado.

A fig. 28 é o corte vertical deste typo modificado, sendo o corte feito no sitio indicado pelo traço 28-28 das figs. 27 e 29.

A fig. 29 é um corte vertical, com detalhes, feito em um plano indicado pelo traço 29-29 da fig. 27, sendo algumas das partes omitidas.

A fig. 30 é o corte horizontal de parte de uma machina, feito nos planos indicados pelas linhas 30-30 na fig. 29.

A fig. 31 é um corte, com detalhes, feito no sitio do traço 31-31 da fig. 28, representando o machinismo de valvula, que domina a sucção para a mesa de tallar.

A fig. 32 é o corte, com detalhes, feito no sitio do traço 32-32 da fig. 27.

A fig. 33 é uma vista dos detalhes da valvula que domina a sucção, que exerce effeito sobre a mesa de tallar.

A fig. 34 é um corte, com detalhes, illustrando a valvula que domina o tubo da sucção, que vai ter aos supportes das mortaldas.

A fig. 35 é uma planta, em escala maior, illustrando, por meio de diagramma, o modo de funcionar do suporte das mortaldas.

A fig. 36 é o corte feito no sitio do traço 36-36 da fig. 35.

A fig. 37 é a planta de uma machina de outro typo, na qual este invento se acha incorporado.

As figs. 38, 39 e 40 são vistas dos detalhes desta machina.

A fig. 41 é a planta de uma machina de outro typo, na qual este invento se acha incorporado.

A fig. 42 é o alçado do topo da mesma machina.

As figs. 43, 44 e 45 são cortes, com os detalhes, illustrando a construcção do suporte para as mortaldas.

As figs. 46 e 47 são vistas dos detalhes, illustrando a ligação entre o machinismo de amortallar e os arteificios que produzem o movimento transversal do mesmo machinismo.

A fig. 48 é o alçado de uma machina de outro typo, na qual este invento se acha incorporado.

A fig. 49 é o alçado desta machina, olhando-se para o lado opposto aquelle que foi delineado na fig. 48.

A fig. 50 é um corte, com todos os detalhes, mostrando o suporte na posição que occupa logo depois de ter começado a entrega de uma mortalha ao machinismo de amortallar.

A fig. 51 é uma planta desta machina.

A fig. 52 é o corte vertical, feito no sitio do traço 52-52 da fig. 48.

A fig. 53 é o corte horizontal, feito no sitio do traço 53-53 da fig. 48.

As figs. 54, 55, 56 e 57 são vistas, com os detalhes, illustrando o modo de funcionar do arteificio de injectar o ar.

As figs. 58, 59, 60, 61, 62 e 63 são diagrammas, illustrando o modo de funcionar dos supportes das mortaldas.

As figs. 64, 65 e 66 são diagrammas illustrando posições successivas occupadas pelo suporte das mortaldas e o machinismo de amortallar.

A fig. 67 é a planta e a fig. 68 é parte alçado, parte corte lateral, de uma machina de outro typo, na qual o invento se acha incorporado.

A fig. 69 é o corte feito no sitio do traço 69-69 da fig. 67.

A fig. 70 é a planta de uma machina de outro typo, na qual este invento se acha incorporado.

A fig. 71 é esta machina vista de frente.

A fig. 72 é a planta de um outro typo da machina, na qual este invento se acha incorporado.

A fig. 73 é esta machina vista de topo.

A fig. 74 é um corte com todos os detalhes.

A fig. 75 é uma vista com detalhes.

As figs. 76 e 77 são cortes com todos os detalhes.

A fig. 78 é uma planta dos supportes.

As figs. 79, 80, 81, 82 e 83 são diagrammas.

A fig. 84 é ainda a planta de outro typo de machina, na qual este invento se acha incorporado.

A fig. 85 é a planta desta machina, mostrando as partes em uma posição diversa.

A fig. 86 é um corte vertical desta machina.

A fig. 87 é um corte com todos os detalhes do suporte para as mortaldas.

A fig. 88 representa os detalhes de uma parte das engrenagens que invertem o suporte das mortaldas.

Nas machinas do typo illustrado nas figuras 1 a 20, uma mortalha é primariamente tallada de uma folha de tabaco. Uma parte da mesa de tallar ergue-se, então, e entrega a mortalha tallada a um machinismo de transferir, do qual faz parte um suporte no qual a mortalha está segura, sendo preferivel que a seja por meio de sucção. O machinismo de transferir afasta-se, em seguida, da mesa de tallar, e vai tomar posição em um ponto aonde a ponta da mortalha, que está descahida do suporte, poderá ser agarrada por um machinismo de amortallar, no interior do qual um feixe de tabaco tem sido depositado por machinismo que executa aquella operação automaticamente, e o tabaco é então amortallado.

Descrever-se-ha, em primeiro lugar, o machinismo de tallar, das machinas desse typo,

com referencia especial ás figuras 1, 6, 7, 7A, 12 e 13 dos desenhos.

Começando com as figuras 12 e 13, o alargamento I marca um suporte competentemente preso ao corpo da machina. Este suporte sustenta uma chapa 2, sobre a qual descansa uma face 3, a qual tem o feitio indicado na figura 1, isto é, em termos geraes, o de feitio elliptico, sendo, porém, aquelle feitio variado do ellipse perfeito, afim de produzir uma mortalha que poderá ser enroscada lisa e sem rugas em redor do tabaco.

Para que possa esticar a folha e segurar a esticada, aquella parte da mesa de tallar, que jaz dentro do perimetro da face, é uma chapa perfurada, 4, que cobre uma camara, o fundo e os lados da qual são formados de uma peça fundida, 5. Esta peça fundida tem um orificio no fundo, a qual está ligado um tubo 6, que communica com uma caixa de ar 7, a qual caixa está ligada a um machinismo de sucção qualquer, competente por meio do tubo 8.

Para a parte tallada da mortalha poder ser separada perfeitamente do resto da folha, aquella parte, 9, da mesa de tallar que fica além da face, é cavada, e tem uma carreira de perfurações, 10. Esta parte, 9, da mesa de tallar e provida de perfurações, 11, em cada extremidade, as quaes perfurações ligam com calços óeos, 12, que descansam no suporte, 1. Os calços óeos communicaem, por meio de tubos, 13, com a caixa de ar, 7. A parte, 9, da mesa de tallar é, ou poderá ser, além disso, descansar no suporte, 1, sobre umas pernas curtas, 14.

Nas machinas deste typo, a operação de tallar é executada por um rollo, 15, de vac o vem, que (vejam-se as figs. 2, 3, 7 e 7A) tem o eixo em uma haste bifurcada, 16, ligada a uma placa ou viatura, 17, que passa de vac e vem. No lado trazeiro da chapa 17 ha um sulco, do feitio de malhete, no qual acerta uma saliencia do feitio correspondente 18, que ha em uma chapa 19, competentemente presa ao corpo da machina. A viatura passava de vac e vem em obediencia a uma manivella, 20, que está ligada á viatura, 17, por meio de um tirante, 21.

Nos machinismos de tallar, desta ordem, tem-se achado alguma difficuldade em se dar um golpe limpo, quando o rollo caminha sobre a lamina crante em um plano que faz angulo recto com a face, e tem-se concebido machinismos complicados, com o emprego de uma pluralidade de rollos, para estes poderem ir e vir sobre a face em um plano que forma angulo mais ou menos agudo com a face, habilitando assim os rollos a produzirem um golpe limpo. Na machina actual, o golpe limpo é produzido pelo apparelho que se vai agora descrever.

A haste 16, que transporta o rolo, está presa, de modo que pôde gyrar, a uma peça 22, os muniões da qual estão mettidos em furos abertos em duas peças 23, que surgem da chapa 17. Nesta peça 22 ha um prolongamento 24, que encaixa em um sulco excêntrico 25, aberto em uma chapa movel excêntrica 26 (veja-se a fig. 7). Esta chapa excêntrica 26 é dirigida, quando se move, pelos guidores 27, presos á chapa 28, a qual está presa á viatura 17. A chapa 26 tem prolongamentos 29 e 30. Na armação da machina ha esperas fixas 31 e 32, estando aquella na posição precisa para biter no prolongamento 29, no momento quando a viatura completa o passeio de avanço, e esta na posição precisa para ir de encontro ao prolongamento 30, quando a viatura completa o passeio retrahendo. Quando a viatura 17 completa o passeio de avançar, o prolongamento 29, batendo na espera 21, lançará a chapa excêntrica para traz. Este movimento da chapa excêntrica faz oscillar a peça 22 e a haste 16, que a esta está presa. O sulco excêntrico 25 está de tal forma arranjado, que segura sempre a haste 16 e o rolo 15, em angulo com o plano em que a

parte superior da faca jaz. Portando, quando o rolo avança, fôrma angulo agudo com um dos lados da faca, e, quando tiver completado o passeio em aquelle sentido, a sua posição é mudada de modo que fôrma angulo agudo com o lado opposto da mesma faca. A posição do rolo, em ambos os seus passeios, vae claramente illustrada com traços cheios e traços de pontos na fig. 3. Obrigando-se assim o rolo a formar um angulo, que é um pouco agudo, com a faca, em ambos os seus passeios, coopera com uma parte da mesma faca, apenas, durante cada caminho, e produz um golpe certo e perfeito. A haste 16 está segura por uma mola 33 e o movimento descendente do rolo é delimitado por uma espera 34, fixa na viatura 17.

Afim de fazer com que a viatura que transporta o rollo, 15, caminhe, intermitentemente, de vae e vem, ha no veio 35, da machina, uma engrenagem conica, 36, que engrena, em outra semelhante 37, armada na arvore 38, que revolve em supportes, 39.

Na arvore 38 ha uma roda dentada para cadeia 40, em redor da qual passa a cadeia sem fim 41, que passa tambem em redor de outra roda do mesmo genero 42, armada em uma peça tubular, 43. Esta peça está enfiada em uma arvore curta 44, uma das pontas da qual trabalha em um supporte 45 e a outra passa pela peça tubular 43, que encontra apoio no supporte 46. (Vejam-se as figs. 2 e 3). A manivella 20, que está ligada por meio do tirante 21, á viatura de vae e vem 17, está fixa na arvore 44, e nesta ha um braço 47, que leva um linguete 48 (vejam-se as linhas de pontos na fig. 7) que, no estado normal, está seguro fóra do alcance de uma anilha dentada 49, ligada á peça tubular 43.

Como esta e a roda 42, são tocadas pelo veio, revolvem continuamente; mas, enquanto o linguete 48, não prende na anilha dentada 49, a roda 42 e a peça tubular 43, revolverão sem produzir movimento algum da arvore 44, na qual está a manivella 20.

O couce do linguete, 48; jaz no caminho seguido por um braço, 50 (vejam-se as linhas de pontos na fig. 7), o qual braço está armado em uma arvore oscillante, curto, 51, que tem, na outra ponta, um braço, 52, que fica no caminho seguido por um excentrico, 52, que ha em uma roda, 54, que está armada na arvore, 55. Na ponta opposta desta arvore, 55, ha uma engrenagem para rosca sem fim 55 A, que engrena no parafuso, 55 B, no veio, 35. Compreender-se ha que, á medida que a roda, 54, revolve o excentrico 53, vae bater no braço, 52, e faz a arvore, 51, oscillar. Este movimento da arvore, 51, faz o braço, 50, sahir de debaixo do couce do linguete, 48, permitindo que este oscille para deante, e se ponha á geito para prender no dente na anilha, 49, quando esta se vier collocar na devida posição por baixo della.

O movimento das partes é calculado de modo que o dente na anilha, 49, chega á posição precisa para receber o linguete, no mesmo instante quando este oscilla para deante. A consequencia do linguete, 48, prender no dente da anilha, 49, é que a arvore, 44, é revolvida, e a viatura de vae vem é obrigada a fazer o rollo, 15, passeiar pela faca fóra. A medida que o excentrico, 53, passa de debaixo do braço, 52, a arvore, 51, é oscillada para traz pela acção de uma mola, 56, de modo que o braço della, 50, fica na posição precisa para tocar no couce do linguete, 48, quando vier outra vez na volta, e a sôlta-o do dente, 49. Isto tem lugar quando a arvore, 44, tiver dado uma volta inteira, o que terá produzido um passeio completo de vae-vem do rollo que produz o golpe.

Para se conseguir que a arvore 44, para na devida posição, o braço 47, está provido de um calço ou espera, 57, (delineado á traços cheios na fig. 2, e á traços de pontos na fig. 7) a qual, tambem está na posição pre-

cisa para tocar na ponta do braço, 50, quando esta ocupar a posição em que se gitta o linguete, 48, afastado do dente 49. Quando o braço, 47, estiver perto do fim da sua revolução, o couce do linguete recebe, primeiramente, o embate do braço, 50, que o solta da anilha dentada, 49, e, em seguida, a espera 57, bate na ponta do braço, 50, e impede o braço 47, e a arvore, 44, de continuarem a revolver enquanto o braço, 51, não tiver oscillado outra vez em consequencia da acção do excentrico, 53, sobre a roda 54. Compreender-se ha, de certo, que a roda, 54, dá uma volta inteira por cada cyclo de operações da machina.

As peças por meio das quaes a parte tallada da mortalha é removida da mesa de tallar, poderão ser variadas consideravelmente.

Com referencia ás figs. 5, 6, 12 e 13, ver-se ha que no tubo 6, que comunica com a camara de sucção, que está coberta pela chapa perfurada 4, ha um botão 58. Este botão acerta entre as pernas da furquilha que ha na ponta de uma das pernas 59 de uma alavanca torta, na outra perna 60, da qual ha uma rodinha, 61. O ponto de apoio ou eixo desta, alavanca 59 60, é uma espiga 62, inserta em um encaixe 63, que ha em uma peça 179, do feito da letra U. A rodinha 61 corre sobre a face de um excentrico giratorio 64, armado em uma arvore 65, que é tocada por meio de uma engrenagem de rosca sem fim 66, que joga com o parafuso sem fim 67, que está no veio 35. No excentrico 64, ha uma parte mais baixa 68, e a alavanca 59, 60 está segura contra a face do excentrico por meio de uma mola 69, convenientemente disposta, (veja-se a fig. 12). A arvore 65, que leva o excentrico 64, está combinada de modo que dá uma volta inteira por cada cyclo de operações da machina, e, durante essa volta, a depressão 68 passa uma vez debaixo do rolo 61, deixando a mola 69, erguer a alavanca oscillante 59 60, a qual, por sua vez, levanta o tubo 6, e ergue aquella parte da mesa de tallar que está coberta pela chapa perfurada 4, até á posição indicada pelas linhas de pontos na fig. 12.

Para se poder tirar a mortalha da chapa perfurada 4, depois de tallada, é preferivel cortar-se a sucção. Para este effeito ha no excentrico 64 um calço 70 (vejam-se as linhas de pontos na fig. 12), o qual, logo depois do rolo 61 ter descido para a depressão 68 bate na perna trazeira de uma alavanca 71, que tem o ponto de apoio na espiga, 72, inserta em uma chapa 73, que está ligada á armação. Esta alavanca 71 está ligada, por meio de uma presilha 74, a uma valvula corrediça 75 (na fig. 13), arranjada de modo que corta a communicação com o tubo principal de aspiração 8. A alavanca 71 é segurada na posição em que conserva a valvula 75, aberta, por uma mola 76.

Para que o tubo 8 de aspiração permaneça fechado todo o tempo que se desejar, ha na alavanca 71 uma saliencia 77, na qual prende, logo que a alavanca é erguida, um trinco 79, o eixo do qual está no ponto 80 da chapa, 73, e que obedece a uma mola 81. O trinco 79 tem um punho 82, (fig. 6) por meio do qual o artifice solta a alavanca 71, sempre que o desejar.

Depois da chapa perfurada 4 e a camara de sucção que cobre terem sido erguidos até a posição indicada pelas linhas de pontos na figura 12, a mortalha é removida della, o que se faz por meio de um supporte ou transportador de mortalhas 83. (Vejam-se as figuras 1, 4, 5, 9 e 11).

Este supporte das mortalhas está provido de meios para poder prender a si, na devida posição, uma mortalha que seja ali posta; mas essas partes admittem largas variações.

É preferivel que o supporte seja construido sob a fôrma de uma camara de sucção coberta de uma chapa perfurada 84.

O supporte 83 está ligado a um deposito circular ou camara 85, que tem um pedaço tirado fóra de um lado, como se vê no ponto 85A, da figura 10 A, afim de haver uma saída para o ar.

A camara 85 está mettida em uma outra camara 86, armada em um transportador, composto de duas barras transversaes 87 e 88, ligadas por travessas 89. A barra 88 tem um prolongamento 90.

O deposito circular 85, no typo de aparelho delineado, está armado de modo que revolve na camara 86, e é provido de uma aza 91, que passa por uma perfuração na barra 88. Prozo á aza 91, ha um braço 92, por meio do qual a camara 85 é revolvida.

A camara 86 tem uma abertura em um dos lados, á qual o tubo 93 está ligado, o qual tudo faz parte das ligações por meio das quaes a sucção é transmittida á camara 86. Afim da mesa poder entregar a mortalha ao supporte, o transportador, composto das barras 87 e 88, está armado na ponta de uma alavanca oscillante 94, que tem no centro uma saliencia furada 95, descaçando em uma especie de ponte perfurada 96 (vejam as figuras 1 a 4), presa á armação da machina.

Pelo furo na peça 95, da alavanca 94, passa um tubo 97, no qual uma mola está enrolada em helice 98, tendo uma das pontas presa á ponte 96, e a outra presa a uma anilha 99.

O tubo 97 tem um filete que descansa sobre a ponte, e a alavanca 94 e o tubo estão unidos por meio de um parafuso de andar á mão 100.

Na extremidade superior do tubo ha um cotovello 101, uma das extremidades do qual penetra no tubo, e tem uma filete 102, que descansa sobre a borda delle. Ha uma anilha, 103, que une estas partes todas, e as conserva assim, a qual anilha está presa á peça saliente 95. Uma secção de tubo 104, (fig. 10) penetra no cotovello e no tubo 93, o qual tubo comunica com a camara 86. O tubo 104 entra no tubo 93, bastante á justa para formar uma junta vedada, mas, ainda assim, com a folga sufficiente para que este possa correr sobre aquelle.

A anilha 99 tem um pequeno sector dentado 105, no qual engrena um sector, dentado correspondente na ponta de uma alavanca 106, que nasce de um cuvo 107, enfiado na espiga 108. Do cuvo 107, sahe outra perna 109, na qual ha uma espiga 110, que passeia no sulco excentrico 111, aberto na roda do excentrico 54, a qual roda está na arvore 55. Quando a roda 54, revolve, o tubo 97, e a alavanca 94, são obrigados a revolver em redor do eixo do tubo, sendo este impedido de desandar, e as engrenagens de andarem largas pela acção da mola 97. O transportador, composto das barras 87 e 88, tem o eixo 113, na ponta exterior da alavanca 94. (Veja-se a fig. 9.)

Na ponta trazeira da alavanca 94 ha duas arvores verticaes, curtas, mettidas 114, 115 (vejam-se as figs. 9 e 10). A arvore 114 tem na ponta superior uma manivella 116, ligada por meio do tirante 117 ao prolongamento 90 da barra 88. A ponta inferior da arvore 114 tem uma manivella 118, na qual ha uma espiga 119, que sobrosaha no sentido descendente e passeia em um sulco excentrico 120, aberto em uma chapa excentrica 121, armada na machina (vejam-se as figs. 1 a 10). A arvore 115 tem na parte superior uma manivella 122, ligada pelo tirante 123 ao braço 92, o qual, como já se disse, está ligado á asa 91 da camara 85. Na ponta inferior da arvore 115, ha uma manivella 124, na qual ha uma espiga 125, que passeia no sulco excentrico 126, aberto na chapa 121.

Quando a alavanca 94 recebe o movimento oscillatorio, os sulcos excentricos 120, 126, darão um movimento rotatorio ás arvores 114 e 115. O movimento rotatorio da arvore 114 obrigará o transportador 87, 88 a oscillar no eixo 113, por meio do qual

está armado na alavanca 94. O movimento rotatorio da arvore 115 dará ao supporte 83 um movimento em redor do proprio eixo. Ver-se-ha, portanto, que á medida que a alavanca 94 oscilla, um movimento será dado ao supporte 83, que é a consequencia do movimento oscillatorio da alavanca, no seu ponto de apoio, do movimento oscillatorio da armação no seu eixo e do movimento rotatorio do supporte em redor do proprio eixo.

Qualquer meio que seja competente poderá ser empregado para manter a sucção no tubo 97. Na machina delineada, a extremidade inferior do tubo prende em um cotovello 127, amparado por um supporte 128, dependurado do sócco da machina. (Veja-se a fig. 4). Este cotovello comunica com o tubo 129, que vae ter a um arteficio de aspiração, tal como uma ventoinha, que se não vê nos desenhos.

É preferivel que a sucção seja mantida continua no tubo 97. A aspiração está, portanto, existindo sempre através á chapa perfurada, 84, de modo que o supporte está sempre no estado preciso para poder tirar uma mortalha da mesa de talhar. E mais, visto que a sucção não é cortada do supporte durante a operação do amortallar, o machinismo de amortallar pucha a mortalha do supporte, vencendo a força exercida pela sucção. A mortalha é portanto esticada por estas duas forças antagonistas, e é enrolada no charuto, sem rugas, apertada e esticada. Mas, além disso, visto que a mortalha que se talhou na mesa de talhar, estando esticada, é transferida, immediatamente, ao supporte aspirante, e fica soguça neste, sempre esticada, até que é enrolada em redor do tabaco, não ha recção da folha encoller depois de talhada.

A medida que o supporte aspirante vae alcançando a posição em que começa a entregar a mortalha ao machinismo de amortallar, aquella extremidade da mortalha, que é primeiro apresentada a esse machinismo, é dirigida de modo que fica a geito para poder ser apanhada pelo dito machinismo de amortallar.

O supporte das mortalhas poderá ser construido de diversas maneiras para poder fazer isso. Na machina do typo de que se trata, o supporte 83, tem uma divisoria 130, (veja-se a fig. 9 A), que fórma uma pequena camara 131, em aquella extremidade do supporte que leva a parte da mortalha que primeiro é enrolada no charuto. A chapa de sucção 84, cobre esta camara 131, mas a divisoria 130, impede a sucção, que opera através os tubos que vão ter ao supporte de fazer effeito sobre a camara 131.

Um pequeno cotovello de tubo 132 está ligado ao supporte 83 e comunica com a camara 131.

Este tubo 132, tem uma parte elastica 133. Ha mais outro tubo 134, que comunica com um apparelho injector de ar, o qual tubo é collocado de modo que, á medida que o supporte 83 oscilla para a posição em que a extremidade da mortalha tem de ser apanhada pelo machinismo de amortallar, a secção flexivel 133, desse tubo, toca na dita extremidade.

Quando o supporte está a geito para entregar a mortalha ao machinismo de amortallar (veja-se a fig. 1), o facto de ar vindo pelos tubos 131, 132, assopra a extremidade da mortalha para baixo, sobre o feixe de tabaco que encerra.

Embora os meios que se acaba, de descrever sejam muito convenientes para a inserção positiva da margem da mortalha no machinismo de amortallar, outros artificios, competentes ha, que poderão ser empregados para esse fim. Ou, si assim se desejar, estes artificios de inserção poderão ser de todo omitidos, porque entender-se-há, facilmente, que a extremidade da mortalha ficará dependurada do supporte, e poderá ser le-

vada a uma posição em que será apanhada pelo machinismo de amortallar, graças ao movimento do supporte. Mas o emprego de artificios de inserção será sempre preferido.

O machinismo de amortallar, empregado na machina, poderá ser de qualquer typo competente ou vulgar; mas dar-se-há, geralmente, a preferencia ao typo aqui descripto e delineado nos desenhos.

Com referencia ás figs. 1, 4, 5, 14, 15, e 21 a 25, veem-se umas peças lateraes e verticaes 135, nas quaes as partes operativas do machinismo de amortallar estão armadas, as quaes peças nasceram do sócco 135. Nestas peças ha orificios, 275, nos quaes ha, insertos, umas arvores curtas, 276, uma das quaes serve de supporte a um par de guias oscilantes, 277, 277, e a outra a um par de guias semelhantes, 278, 278. A estes guias as arvores 270, servem de eixos, e nestes revolvem. Armadas nos guias 277, 277 e 278, 278, ha hastes longitudinaes, 279 e 280, que é preferivel sejam completamente sustentadas por elles, sendo a haste, 279, amparada por um guiao de cada par e a haste, 280, pelo outro guiao de cada par. Embora seja preferivel que as hastes, 279 e 280, sejam armadas de modo que não revolvem nos guias, poderão sel-a de modo que possam gyrrar em redor do proprio eixo, si assim se desejar.

Montado na haste 279 ha um par de queixos manipuladores, 136 e 136', providos de alavancas, 281 e 282, por meio das quaes serão manobrados. Os queixos 136 e 136' estão armados na haste 279, de modo que gyram nella, servindo a dita haste de eixo a este jogo de queixos. Embora os dous queixos gyrem, enfiados nesta haste, um delles podia ser fixo na mesma haste, e nesse caso a haste teria de revolver apoiada nos guias. Da mesma forma, a haste 280, serve de supporte ao par de queixos manipuladores 137, 137', providos de alavancas, 283, 284, por meio das quaes são manobrados.

Nos guias 277, ha frestas, 285, e os guias 278, tem outras correspondentes enfiadas pelas frestas 285, dos guias 277, 278, ha hastes, 138, 139, por meio das quaes as peças são manobradas. Estas hastes estão armadas de modo que tem um movimento rotatorio, que é a consequencia das suas pontas serem mettidas em manivelas, 286, armadas em arvores curtas, 287, que atravessam as peças verticaes e lateraes. Ha quatro destas arvores curtas, 287, duas em cada topo da machina, e cada uma del-las tem um carrete fixo, 288. Os carretes 288, engrenam em engrenagens, 145, armadas no veio, 146, do machinismo de amortallar, o qual veio encontrar apoio nas peças lateraes e verticaes.

A medida que os carretes, 288, e as arvores 287, das hastes 138, 139, revolvem, estas serão arrastadas de roda e produzirão um movimento oscillatorio dos guias 277, 277, e 278, 278, em redor de seus eixos 276, sendo-lhes esse movimento permitido pelas frestas nos guias, pelas quaes as ditas hastes passam. Visto que as hastes que servem de supporte e de eixo aos queixos manipuladores são transportadas pelos guias 277 e 278, elles, tambem, terão um movimento oscillatorio e os queixos manipuladores estão armados de modo que esse movimento oscillatorio tem lugar em redor de um eixo que passa, para todos os effeitos, pelo centro do espaço delimitado pelos queixos quando fechados.

As alavancas 281, 282, 283, 284 tem uma só perna ou prolongamento, e nas faces lateraes, inferiores, dessas pernas ha superficies excetricas *a, b, c e d*. As alavancas 281, 282, ficam em lados oppostos da haste de transmissão 139, e as alavancas 283, 284, em lados oppostos da haste de transmissão 138. Como estas alavancas de transmissão tem uma só perna ou prolongamento, e como são providas de faces excetricas, á medida que as hastes de transmissão 138,

139, nas suas revoluções, manobram os guias 277, 278, nos quaes as hastes 279, 280, estão armadas, irão, no seu movimento ascendente, tocar nas faces excetricas *a, b, c, d*, e afastarão as alavancas uma da outra, abrindo os queixos manipuladores. As alavancas 283, 284, estão ligadas uma á outra por molas 290, e as alavancas 281, 282, por molas 289. Estas molas delimitam a conta que os queixos não de abrir-se, e seguram as faces das alavancas bem encostadas ás faces de transmissão. Portanto, á medida que estas 138, 139, na sua revolução afastam-se das hastes 279, 280, as molas 289, 290, funcionarão, fechando os queixos manipuladores sobre o feixe de tabaco que encerram.

Quando um feixe é collocado nos queixos, ou outro já enroldado é tirado delles, ambos os jogos de queixos tem de ser abertos. A machina está organizada de modo que ha de ficar sempre com um jogo de queixos, que é aquelle que está armado nas alavancas, 283, 284, aberto. As alavancas, 281 e 282, do jogo de queixos, 136 e 136', tem ligados a si, um par de presilhas articuladas, 291, 292. A alavanca 281, tem um orificio 293, pelo qual passa um parafuso com sua porca 294, que serve de eixo para a presilha 291, e a liga á alavanca. A alavanca 282, tambem tem um orificio 295, e a presilha 292, está ligada a ella pelo eixo da porca 296. As duas presilhas 291, 292, estão unidas pelo eixo da porca 297, formando assim uma articulação. Exercendo-se pressão no sentido ascendente, sobre as pontas das presilhas 291, 292, a articulação que formam será alargada, e as alavancas 281 e 282, afastadas uma da outra, abrindo um jogo de queixos 136 e 136', que dominam. A ponta do parafuso 297, que une os membros da articulação, passa em uma peça sulcada 298, armada em uma espiga 299, mettida em um dos guias 278.

Para exercer a dita pressão sobre a articulação, a machina tem um braço 300, que oscilla em uma arvore curta 301, que encontra supporte em duas peças verticaes 302. O braço 300, recbe o embate de outro braço 303, armado em uma arvore 157, que trabalha em moentes na armbção principal.

A arvore 157 poderá ser movida mecanica ou manualmente, e nos desenhos veem-se artificios para um e outro systema. Nas figs. 21, 22 e 23, esta arvore tem uma manivela 304. Nas figs. 4 e 5 a arvore 157 tem sector dentado 158, que engrena em outro semelhante na extremidade de uma perna 159, que gyra no eixo 160, cravado na armação. A perna 159 tem, na extremidade opposta ao sector, uma espiga 161, que passa em um sulco torto 162, aberto em um excetrico 163, armado na arvore 165, na qual está tambem o excetrico 64, por meio do qual a mesa de talhar é erguida. É mister que o excetrico 163 faça uma volta durante o tempo preciso para se enrolar o feixe, e funcione por meio de ligações que já foram descriptas para pôr o machinismo de amortallar em movimento ou fazel-o parar.

Quando a arvore 157 é posta em movimento, quer seja por meio da manivela 304, quer por meio das ligações mecanicas, ver-se-ha que o braço 303, batendo no braço 300, obriga-o-ha contra a articulação formada pelos membros 291, 292, fazendo-os alargar-se, afastando as alavancas 281, 282, uma da outra, e abrindo os queixos 136, 136'. Deste modo ha um machinismo para manobrar os queixos, que é completamente independente do outro machinismo que os manobra. Abrindo-se assim os queixos por meio de um machinismo independente, um arteficio muito mais simples poderá ser empregado, e as hastes em que estão os queixos 136 e 136', estão armadas, poderão ser feitas estacionarias nos guias 277, 278, em vez de se moverem nestes, como têm sido usual nos typos de machinas até agora usados.

A machina delineada nos desenhos é destinada á fabricação de charutos, portanto tem duas faces de aparar, uma para cada

ponta do feixe. As facas 143 estão montadas em braços curvos 144, presos a uma manga 305, enfiada na arvore curta 301. Dessa manga 305, surge um par de braços curtos 306, que tem, entre si, uma alavanca 307, o ponto de apoio da qual é um eixo que os une. Na alavanca 307, ha uma saliencia 308, collocada de modo que toca na aresta 309, de um excentrico 310, na arvore 157. A alavanca 307 tem uma mola 311, que a segura de modo que a saliencia 308 estará sempre em contacto com a dita aresta 309. Na extremidade exterior da alavanca 307, ha um parafuso 312, a ponta do qual corre pelo excentrico 310, e fixa o tempo que a aresta 308 estará em contacto com a saliencia 308, e, portanto, delimita o passeio dos braços 144, nos quaes as facas estão armadas. Depois dos golpes dados, aquelles braços 144 são recuados pela acção da mola 313.

Um par de braços de deslocação 141, erguem o charuto enrolado fóra dos queixos. Estes braços jazem, normalmente, por baixo dos queixos manipuladores, e estão armados em uma arvore 140, que revolve em furos abertos nas peças lateraes da armação.

Na arvore 157 ha um braço de embate 164 (vejam-se as figs 1, 5, 15 e 24) que, por meio de ligações que mais tarde serão nesta memoria descriptas, faz a arvore 140 oscillar, e manobra os braços de deslocação 141.

O veio 146, do machinismo de amortallar, poderá ser provido de uma roda dentada 147, para cadeia sem fim, como se vê na fig. 5; ou ter uma polé para correia de transmissão 147, como está delineada nas figs. 21 e 22. Sendo a roda 147, será tocada pela cadeia 148, que passa em redor de uma roda dentada apropriada 149, armada em uma arvore curta 150, que trabalha em um suporte 151. (Veja-se a fig. 8). Na outra ponta da arvore 150 ha uma roda dentada 152, tocada por uma cadeia sem fim 153, que passa em redor de outra dentada 154, que ha no veio 35.

O machinismo de união por meio do qual a roda 147, ou a polé 147, é tornada fixa na arvore 146, ou solta della, poderá ser regulado de qualquer modo que satisfaça, affm de pôr o machinismo de amortallar em movimento ou fazel-o parar.

Na fig. 5, vê-se um braço oscillante 155, empregado para esse fim, o qual braço obedece a um excentrico 156, que ha na arvore 157.

A roda dentada 147, ou a polé 147, quando esta se empregar, é armada volante na arvore:

No cubo 314, da roda dentada ou da polé, ha um dente 315, collocado de modo que prenderá em um linguete 316, o eixo do qual está mettido em uma das engrenagens, 145, sendo o linguete, no estado normal, conservado preso no dente 315, por meio de uma mola 317.

Armada, devidamente, no lado da machina, ha uma alavanca torta 318-319, a perna 318, da qual jaz, no estado normal, fóra do passeio circular que o linguete 316 descreve, mas que, logo que se deseja fazer a machina parar, poderá ser mettida nesse passeio, onde tocará no couce do linguete e soltará este do dente 315.

Para se poder produzir este movimento da alavanca torta, a perna 319, della, está mettida no caminho seguido por uma alavanca 155, cujo ponto de apoio ou eixo está inserto no lado da armação.

Na outra ponta da alavanca 155 ha uma rodinha, que fica no caminho seguido por um excentrico 156, armado na arvore 157.

No estado normal o excentrico 156 segurará a ponta interior da alavanca 155, encostada á perna 319, da alavanca torta, e segura a perna 318, fóra do caminho descripto pelo linguete 316.

Uma mola 320, ligada á perna 319, oferece antagonismo á alavanca 155.

Quando o excentrico 156 é revolvido, permitindo que a alavanca 155 se mova, a mola 320 chama a ponta interior da perna 319, para baixo, mettendo a perna 318, no caminho seguido pelo linguete, e desligando a roda dentada, ou a polé, da arvore.

Uma espera 321, presa á engrenagem 145, vem a ficar em contacto com a ponta da perna 318, e obriga a engrenagem a deixar de revolver, fazendo, portanto, cessar o andamento das partes da machina por ella movidas.

Embora o feixe de tabaco possa ser posto entre os queixos manualmente, si assim se desejar, e delles tirado pelo mesmo modo, ha um machinismo automatico por meio do qual uma ou ambas estas operações poderão ser executadas.

A machina (vejam-se as figs. 1, 5 e 6) tem um receptor de feixes 165, armado nos braços 166, que estão ligados a um suporte 167, que nasce da armação. O receptor 165 tem o fundo aberto, e, para que se possa conservar o feixe nelle, ha uma peça movel, bifurcada 168, as pernas da qual ficam por baixo do fundo aberto do receptor quando a bifurcação está avançada. Esta é manobrada por uma alavanca 169, o centro da rotação da qual está mettido em uma aza 170, que surge do suporte 167. Uma mola 171 segura, normalmente, a alavanca em uma posição tal que as pernas da bifurcação flocam por baixo do receptor. A alavanca está ligada á peça bifurcada.

O machinismo que transfere o feixe do receptor 165 ao machinismo de amortallar, abrange uma arvore 172 (vejam-se as figuças 1, 5 e 17) armada em azas 173, 174 e 175, que sobrosahem de um braço 176. Este está armado em uma espiga circular 177, que surge de uma exerescencia 178, que ha em uma peça 179, que tem o feito da letra U.

Na espiga 177 ha um barrete 180. Quando este revolve, o braço e a espiga recebem um movimento oscillatorio em redor do centro da espiga, sendo o limite do dito movimento correspondente á distancia que o carrete revolver.

No carrete 180, engrena um sector dentado que ha em um braço oscillante 181, preso a arvore vertical 182, a ponta superior da qual revolve em um furo 183, aberto na peça da armação 179, que tem o feito da letra U. A mesma arvore 182 é mais amparada pela passagem pelo furo 184, que ha em um braço 185, que sobrosaha da mesma peça 179. A arvore 182 tem na ponta inferior um braço 186, provido de uma espiga 187, que surge no sentido descendente. A espiga 187 está ligada, folgadamente, a uma presilha 188, que tem o eixo 189 mettido em um suporte 190. O braço 186 tem bordas 191, viradas para cima, em cada lado da extremidade exterior formando um sulco no qual a espiga 187 penetra. A ponta exterior do braço 188 tem por baixo uma espiga 192, que passeia em um sulco torto 193, aberto no excentrico 194, que está na arvore 65.

A arvore 172, tem, em cada lado do braço, 176, anilhas, 195, que impedem qualquer movimento da mesma arvore, no sentido longitudinal, nos supports ou azas, 173, 174, 175.

Na ponta exterior aquella arvore, 172, tem uma manga, 196, que aperta bastante na mesma arvore para poder revolver com ella (veja-se a fig. 17), mas que pôde revolver até certo ponto, na propria arvore, sendo segura, na devida posição, entre a anilha, 195, e a rodella, 197.

Preso á manga, 196, ha uma anilha, 198, que tem duas peças salientes do feito de gancho, 199 e 200, as quaes cooperam, com outras de igual feito que adeante serão descriptas, para sobrevirem de detentores de feixes.

Na extremidade opposta, a manga, 196, tem uma anilha, 201 que tem peças ganchosas semelhantes, 202 e 203; a anilha, 201, está também presa á manga. Armada

nesta, e revolvido, livremente, nella, ha uma segunda manga, 204, que leva, em uma das extremidades, uma anilha, 205, provida de duas saliencias, 206 e 207, que cooperam com as saliencias, 199 a 200, e tem, na outra extremidade, uma anilha, 208, provida de saliencias, 209 e 210, que cooperam com as saliencias, 202 e 203. Nas mangas, 196 e 204, ha fendas pelas quaes surgem, em um dos seus lados duas espigas, 211, que tem forquilhas, 212. Surgindo da arvore por fendas que ha nas mesmas mangas, mas do lado opposto, ha espigas correspondentes, 213, providas de forquilhas, 214. Estas forquilhas conservam o feixe central, quando os retentores são abertos e fechados, e as espigas em que se acham armadas delimitam o movimento das mangas.

As mangas 196 e 204 são seguradas na posição de fechadas (vejam-se as figs. 15, 18 e 19) por uma mola 215. Para se poder fazel-as revolver, vencendo o antagonismo desta mola, affm de se abrir os detentores, ha na anilha 198 duas azas 216, uma prolongada de cada lado della, nas quaes azas ha espigas 217. Semelhantemente, na anilha 205 ha azas 218, das quaes sobrosahem as espigas 219. Examinando-se a fig. 6, vê-se ha que no suporte 167 ha uma espiga ou lamina bicuda 220, que penetra entre as azas 216 e 218, á medida que a arvore anda de roda com o receptor de feixes, e faz as mangas revolver uma sobre a outra e na arvore, obrigando os detentores a abrir e receber um feixe de tabaco ou recheio de charuto. No mesmo momento (praticamente fallando) em que isto acontece, as pontas das azas 216 batem na alavanca 169 e a obrigam a oscillar no seu centro de apoio, vencendo o antagonismo da mola 171, fazendo assim a peça bifurcada 168 correr para traz e deixar o feixe que está no receptor 165 cair para dentro dos queixos. Feito isto, a arvore 182 é manobrada por meio do excentrico e das ligações retro descriptas, fazendo o braço 176 girar na espiga 177 e levar o feixe ao machinismo de amortallar, para aonde é levado pelo jogo de detentores que calha estar para cima. Artificios detentores de qualquer feito que satisfaça poderão ser substituidos em lugar dos ganchos que acabam de ser descriptos.

Antes do feixe, que é transportado pelo jogo de detentores que está para cima, ser entregue ao machinismo de amortallar, o charuto que tem sido embrulhado ou amortalhado pelo respectivo machinismo, é levado pelas garras de deslocação, 141, ao jogo inferior de detentores, no machinismo que transfere o feixe, que está á gaito para o receber. Na arvore, 140, (vejam-se as figs. 12 e 15) ha um braço, 221, enfiado volante, e tendo na ponta um linguete, 222, que obedece a uma mola, 223. Enfiada também volante, na mesma arvore, 140, ha um a anilha, 224, na qual ha um excentrico, 225, que manobra uma pequena alavanca torta, 226, 227. Na perna, 226, ha uma peça côva, 228, que jaz no caminho seguido pelo excentrico, 225, e na outra perna, 227, ha uma ponta em feito de cunha, 229, que, quando esta alavanca torta é manobrada, penetra entre as espigas, 217, 219, que ha nas mangas que levam os detentores. Quando o machinismo que transfere o feixe de tabaco está na posição em que o jogo inferior de queixos ganchosos fica por cima do machinismo de amortallar, a arvore, 157, é manobrada, o braço, 164, bate no braço, 221. Neste momento a mola, 223, terá chamado o linguete, 222, para cima de modo que prende no dente na anilha, 224. O braço, 155, caminhando, leva consigo o braço, 221, e faz também a anilha, 224, revolver na arvore 140. Isto obriga o excentrico, 225, a mecher-se, e a fazer oscillar a alavanca torta 226, 227, fazendo a cunha, 229, penetrar entre as espigas, 217, 219, de que resulta as mangas revolverem abrindo os detentores. No braço, 221, ha uma espiga, 230, e, no caminho que esta segue, jaz uma

saliencia, 231, fixa na manga, 142, que leva os braços de deslocação, 141. Logo que a espiga, 230, bate na saliencia, 231, a continuação do avanço dos braços, 155 e 221, produz a oscillação da arvore, 140, e levanta os braços de deslocação de modo que o charuto já embrulhado é removido do machinismo de amortallar e entregue nos artefícios detentores do machinismo de transferencia.

Logo que o charuto tem sido collocado em poder dos artefícios detentores, o couce do linguete, 222, bate em uma espera fixa, 232, que jaz no caminho daquelle linguete. Esta espera 232, lança o linguete, 222, fóra do dente na anilha, 224. Uma mola apropriada, 235, funciona agora para devolver a anilha e o excentrico, 225, ás suas posições primitivas, e a alavanca torta, 226, 227, é chamada para traz por uma mola, 236, que para este effeito foi collocada, permitindo, assim, que os detentores se fechem. Na occasião que isto se realiza, o braço, 164, tem completado o seu movimento de avanço, e é agora recuado por uma mola, que não está indicada nos desenhos, permitindo, assim, que os braços de deslocação tornem á sua posição normal.

A rotação do receptor de feixes para trazer o jogo de detentores que seguram o feixe, em cima, para a posição em que transfere o mesmo feixe aos queixos abertos do machinismo de amortallar, é realizada, armando-se na arvore, 172, um carrete, 237, collocado entre as azas, 174, 175 (veja-se a figura 5). A espiga, 177, tem um orificio vertical no centro, no qual trabalha uma haste, 238, provida de dentes de cremalheira que engrenam no carrete, 237. A ponta inferior da haste, 238, está ligada por meio de uma presilha, 239, a uma alavanca oscillante, 240, cujo centro de rotação está inserto na armação, 179. Ligado á esta alavanca, ha um tirante, 241, e a mesma alavanca tem uma peça côva 242, que passa em um sulco excentrico aberto no lado do tambor excentrico, 163. Na ponta inferior do tirante, 241, ha uma forquilha, 243, que fica escarranchada na arvore, 65, e guia o tirante nos seus movimentos. Quando o transportador de feixes tem de ser manobrado para entregar o feixe ao machinismo de amortallar, a alavanca, 240, é movida, por meio das ligações descriptas e a haste de cremalheira, 238, é erguida, fazendo revolver a arvore, 172, e as mangas que transportam o feixe.

Depois de o transportador de feixes ter sido revolvido, o braço 164 dá outra vez um pequeno movimento de avanço; porque o feito do excentrico 162, assim o habilita a fazer. Quando o braço 164 faz este segundo movimento, bate outra vez no braço 221, levando-o consigo, e elle, por meio do linguete 222, faz revolver a anilha dentada 224 e o excentrico 225. O movimento do braço não é, porém, sufficiente para fazer com que o couce do linguete bata na espera 232. O excentrico 225 manobra outra vez a alavanca torta 226, 227, empurrando a cunha 229, que penetra entre o outro jogo de espigas no transportador de feixes, fazendo as mangas revolver novamente, e afastando os detentores. O feixe cahe agora entre os queixos de amortallar.

Quando o supporte do mortallha 83, oscilla para a posição em que entrega uma mortallha ao mecanismo de amortallar, será preferivel que se ponha a massa na margem dessa mortallha que fica descoberta. Para isso fim ha um deposito de massa 244, armado em um braço de supporte 245. O deposito tem uma rodinha 246, para applicar a massa, collocada de modo que a mortallha que está segura no supporte dellas tocara na mesma rodinha, quando o supporte está se approximando da sua posição mais recuada.

O veio 35 recebe movimento por meio de uma polé 247, armada volante nelle, e provida de saliencias nas quaes prende uma anilha de união, convenientemente armada

no veio e com a sua chaveta de maneira que corre longitudinalmente.

Nesta anilha de união 248, prende a forquilha 249, de uma haste apropriada 250, armada em azas 251 252, que ha na armação da machina (veja-se a fig. 8).

Uma mola helicoides, enroscada na haste 250 segura esta, no estado normal, de modo que as saliencias da anilha 248 estarão fóra do alcance das saliencias da polé. Na haste 250 ha uma espiga 254, que jaz no caminho seguido por uma das pernas 255 de uma alavanca de tres pernas que tem o centro de rotação no lado da machina. Uma outra perna 256, desta alavanca, está ligada por meio de um tirante 257, a uma fonte qualquer de força motriz, tal como um pedal.

A terceira perna 258 da alavanca jaz no caminho seguido por um trinceo 259. Para se pôr a machina a andar o tirante 257 é empurrado para cima, fazendo a alavanca de tres pernas oscillar, obrigando a haste 250 para deante, de modo que as saliencias na anilha 248 de união, prendem nas saliencias na polé 247. Ao mesmo tempo o trinceo 259, prende na perna 258 da alavanca, por cima, segurando assim as partes na devida posição para a machina trabalhar.

A machina que se acaba de descrever funciona, em termos geraes, da seguinte maneira:

O artifice, tendo collocado um feixe de tabaco, que é a base do charuto, no receptor 165, colloca uma folha de tabaco na mesa de talhar, estendendo-a o mais que possa para poder tirar della o maximo proveito. A manivela 82 é manobrada, então, permitindo que a mola 76 chame para baixo a alavanca 71, e a valvula 75 fazendo funcionar a sucção na camara 7. Já então a roda 54, por meio do seu excentrico 53, terá manobrado a arvore oscillante 51 e permitido que o linguete 48 prenda na anilha dentada 49. A arvore 44 é revolvida agora, e faz a viatura 17 avançar. O rolo 15, que está formando angulo com um dos lados da talhadeira, é agora avançado sobre aquelle lado della. Quando a viatura completa o passeio de avanço, o prolongamento 29 bate na espera 31 e desloca a chapa excentrica 26. Disto resulta a chapa oscillar por meio do seu prolongamento 24, e voltar o rolo de modo que fica formando angulo com o outro lado da talhadeira. A viatura regressa, então, fazendo o rolo tombar para o outro lado da talhadeira e completar o corte da mortallha. Estando isto effectuado, o braço 50 solta o linguete 48 da anilha dentada 49 e o machinismo que move a viatura deixa de trabalhar, tendo sido a chapa excentrica 26, neste meio tempo, manobrada por meio do prolongamento 30, e a espera 32 para devolver o rolo á sua posição inicial.

Talhada a mortallha, o excentrico 64 faz a alavanca 59, 60 erguer o tubo 6, e com elle aquella parte da mesa de talhar que está coberta pela chapa perfurada 4.

Emquanto se tem executado as operações retro mencionadas, o tubo 97 tem sido girado por meio do sulco torto 111, fazendo o sector 106 oscillar para uma posição tal que o supporte aspirante 83 das mortallhas alcanca a posição devida sobre a mesa de talhar. A medida que o supporte aspirante vae chegando áquella posição, a sucção no tubo 6 é cortada pela acção do calço excentrico 70 na alavanca 71, que ergue a valvula 75. Como a aspiração é continua no tubo 97, a mortallha será transferida ao supporte aspirante logo que a sucção seja cortada da mesa de talhar, indo bem direita e esticada.

Quando o supporte aspirante tiver pegado na mortallha, o sector 106 inverte o movimento, e o tubo 97 é obrigado a oscillar para traz. O supporte aspirante é, deste modo, recuado tambem e, pelo intermedio dos sulcos tortos 120 e 126, as hastes de ligação 117 e 123, e as partes a ellas ligadas é levado á posição indicada pelas linhas de pontos da direita, no diagramma que é a fig. 20. A medida que o supporte se aproxima desta

posição o tubo 133 prende no tubo 134 e a margem da mortallha é assooprada para baixa sobre o feixe que está entre os queixos do machinismo de amortallar. A margem da mortallha que fica sobreposta, terá recebido a massa pelo contacto com a rodinha 246. Logo que a mortallha tem sido assim assooprada para baixo sobre o feixe, os queixos de amortallar fecham sobre ella e o machinismo de amortallar começa a funcionar.

Enquanto se está embrulhando o feixe, o movimento do tubo 97, produzido pelo sector 106, e pelo movimento do transportador articulado 87, 88, em redor do seu eixo, e pelo movimento do supporte aspirante no seu eixo, obriga o supporte a tomar as posições successivas, indicadas pelas linhas de pontos no diagramma que é a fig. 20.

Nesta machina ao supporte da mortallha é dado um movimento que o obriga a, simultaneamente, dar uma mortallha ao machinismo de amortallar, leva-a para deante pelo dito machinismo fóra, e variar o angulo em que é apresentada. O movimento do supporte das mortallhas é, portanto, realmente o resultado de tres movimentos, que são, um por meio do qual a mortallha é entregue ao machinismo de amortallar, movimento este que se pôdo denominar « do approximação », um ao longo do machinismo de amortallar que se pôdo denominar « movimento transversal », o que varia o angulo da apresentação da mortallha, o qual se pôdo denominar « movimento de augmentação ». A palavra « approximação » aqui empregada não se quer dizer que todas as partes do supporte estão approximando-se do machinismo de amortallar durante a operação do embrulhar, porque a parte do supporte que tem entregado a sua parte da mortallha ao dito machinismo, já se está afastando delle. Mas, como aquella parte do supporte que está para entregar a parte da mortallha que lho diz respeito ao machinismo de amortallar, está sempre caminhando ao encontro desta, durante a operação do amortallar, entendeu-se que o termo « movimento de approximação », define a especie do movimento.

Durante a operação do amortallar, o machinismo que transfere o feixe tem recebido um feixe do receptor 165, e a arvore 172, em que este machinismo está armado, oscilla em obediencia ao braço 176, até ficar em posição por cima do machinismo de amortallar. Logo que o feixe está embrulhado, o machinismo que o amortallhou pára com os queixos na posição de abertos, como se vê na fig. 15. O braço 157 é agora oscillado, fazendo com que o braço 164 toque no braço 221, manobrando o braço de deslocação 141 e, ao mesmo tempo, fazendo com que a alavanca torta 226, 227 abra os detentores da parte de baixo do transferidor de feixes. Quando o charuto tiver sido collocado nos detentores, o excentrico 225 é chamado para traz pela sua mola, permitindo assim que a alavanca 226, 227 seja retrahida e que as mangas que levam os detentores dos feixes sejam manobradas pela sua mola, para fechar os detentores.

O braço 240 é agora erguido, fazendo a haste de cremalheira 238 obrigar a arvore 173 a revolver por meio do carrete 237, trazendo assim os detentores de feixes á devida posição, por cima do machinismo de amortallar. Feito isto, o braço 164 avança novamente, quanto seja bastante para obrigar o excentrico 225 a fazer a alavanca torta oscillar outra vez e abrir os detentores de feixes de modo que o feixe cahe para dentro do machinismo de amortallar. O transportador de feixes, que tem sido novamente revolvido para levar os detentores que seguram o charuto para a parte de baixo, é obrigado a oscillar até ficar em posição por baixo do receptor de feixes 165. A medida que volta para aquella posição, a saliencia 220 penetra entre as azas 216, 218, e abre os detentores, entregando assim o charuto a uma calha, pela qual desce, e, ao mesmo tempo, collo-

cando o jogo superior de detentores a geito para receberem um novo feixe do receptor 165.

A machina illustrada nas figs. 27 a 36, inclusive, é genericamente, semelhante á machina que ha pouco se descreveu, e funciona debaixo do mesmo principio; mas é construída para empregar uma pluralidade de supportes de mortallas, e differe da machina já descripta, em alguns detalhes da construção. Cada um dos supportes de mortallas tem, comtudo, os mesmos movimentos quanto á entrega da mortalla ao machinismo de amortallar, embora, em vez de terem um movimento de vae e vem, em relação á mesa de fallar, quando vae pegar na mortalla, os supportes destas tem um movimento circular por cima da dita mesa.

Com referencia ás figs. 27 a 36, inclusive, 1. é o sócco da machina. O veio está numerado, 325 (fig. 27), e desce, de um lado em uma chumacreira 326, e do outro em um supporte 327. No dito veio, ha um polé, 328.

A machina talha automaticamente, uma mortalla de uma folha. Tal qual como na modificação que antecede, ha uma faca elliptica 3, presa á base 2, por meio de botões 329, (fig. 28) que prendem em ranhuras nos lados da faca, e estão presos á base 2, por meio de parafusos 330. A base 2 desce sobre uma plataforma 331, armada de modo que corre entre guias em um calço de numerario 332, collocado no sócco.

Ha uma mesa aspirante 5, na qual ha uma chapa perfurada 4, collocada da face para dentro, sobre a qual a folha repousa enquanto está sendo talhada. A mesa 5 está armada de modo que cede, e está provida de azas guidoras 333, dirigidas para baixo, que passam por perfurações, que ha em uma chapa 334 presa a uma haste 335. As azas 333 tem molas helicoides 336, que tendem a afastar a mesa 5 da chapa. Os parafusos 337 presos á face inferior da mesa 5 e que passam por orificios na chapa 334, delimitam o movimento da dita mesa produzido pelas molas. A mesma mesa, tem mais um tubo 338, pelo qual a sucção é transmittida á chapa 4, o qual tubo corre á justa em um accessorio preso á plataforma 331. Esta tem uma perfuração 339, que atravessa e comunica por meio de uma abertura 340, com o accessorio de que ha pouco se fallou. Metido na perfuração 339 ha um tubo 341 que tem uma ponta virada (veja-se fig. 27). O tubo 341 fica recolhido na perfuração 339 da plataforma, mas com folga bastante para esta poder correr de vae e vem. Communicando com o tubo 341 ha outro tubo 342, que vae ter a um machinismo de valvula, e do lá a um artefacto aspirante competente.

Uma viatura 343 que leva rollos de tallar 344, coopera com a faca 3, havendo na viatura, as precisas rodas de aro sulcado 345, que correm por baixo e por cima dos carris 346, armados nos supportes 347, que nascem verticalmente do sócco.

A viatura é movida de vae e vem, por meio de uma manivela 348, que prende na viatura por meio de tirantes 349. A manivela está na ponta de uma arvore 350, armada nos competentes supportes 351, que nascem de outro supporte vertical 352. Na arvore 350 ha uma engrenagem 353 que engrena em um carreto 354, armado em uma arvore 355.

Esta revolve em supportes 356, que nascem de outros horizontaes 352. Na mesma arvore 355 ha uma manga 357, presa por meio de chavea 358 (fig. 32).

Para que o machinismo de tallar funcione intermitentemente, a arvore 355 é revolvida intermitentemente. Naquelle arvore ha uma anilha 359 (veja-se a fig. 32), que gira volante nella, tendo presa a si por meio da chavea 360 uma roda denta 361.

Esta é movida por uma cadeia sem fim 362, que passa em redor de outra roda dentada 363, armada na arvore 364 (veja-se as figs. 30 e 32). Na arvore 363 ha uma engrenagem de rosca 365, tocada por um parafuso sem fim 366, que ha no veio 325. (Veja-se a fig. 27.)

O machinismo de união delineado é, para todos os effeitos, aquelle que se emprega na machina que ha pouco se descreveu para ligar a roda 42 e a manga 43 á arvore 44.

Portanto, uma descripção especifica delle é desnecessaria, sendo sufficiente que se diga que o linguete 367, que produz a união, é dominado por um braço 368, o eixo do qual é uma espiga 369, inserta no lado do supporte horizontal 352.

Este braço 368 obedece a uma haste 370, que tem uma forquilha na extremidade inferior, que fica escarranchada em uma arvore 371, tendo a dita haste uma espiga 373, que passeia na periphéria de um excentrico 372.

A mortalla é entregue da mesa de tallar aos supportes de mortallas, fazendo-se com que a mesa se vá pôr no caminho seguido por aquelles supportes, o que se realiza pela intervenção de uma alavanca 374, que tem o ponto de apoio metido na face inferior da base da machina (veja-se a fig. 28). A ponta operativa desta alavanca, está ligada a uma presilha 375 (veja-se as figs. 28, 29 e 31), que está ligada a uma espiga 376, fixa na face inferior da plataforma 331. Na presilha 375 ha um furo central pelo qual é enfiada na haste 335. A outra ponta da alavanca 374, tem uma rodinha 376, que passoa em um sulco aberto no excentrico 377, armado na arvore 371. A medida que a alavanca 374 é mandada para cá e para lá pelo excentrico 377, a mesa de tallar e as partes que della estão ligadas serão movidas entre as guias no calço 332.

O movimento da mesa de tallar que ha pouco se descreveu, traz a chapa aspirante 4, que leva a mortalla para o caminho seguido pelos supportes aspirantes. Para dar á mesa o movimento preciso para a mortalla ser entregue aos supportes aspirantes, ha uma alavanca torta, oscillante 378, 379, que tem o ponto de apoio em um filete que ha na base, no sitio 380. A perna 379, desta alavanca torta, tem uma rodinha que, uma vez em cada volta que a arvore 371 dá, recebe em pancada de uma saliência excentrica 381, que ha no excentrico 377. A outra perna 378, da alavanca, está provida de uma chapa 382, a qual, quando a mesa de tallar está na posição interior, vem pôr-se por baixo da ponta inferior da haste 335. Esta, no estado normal, está segura na sua posição mais inferior pela mola 383, que exerce pressão contra um resalto 384, que ha na haste, e contra uma manga, pela qual a haste fura. Quando a alavanca torta 378, 379 é obrigada a oscillar pela saliência 381, no excentrico 377, a haste 335 será erguida, e a chapa 384, a mesa aspirante 5 e a chapa 4, acompanhada-a-hão na subida, ao encontro do supporte aspirante, algum choquo das duas partes, sendo impedido pelas molas 336.

Quando a mortalla tem de ser passada da chapa 4, ao supporte aspirante, a sucção é cortada da chapa. Para este fim, o tubo 342, termina em uma caixa de valvula 386 (veja-se as figs. 27, 31 e 33), a qual caixa tem um braço 387, que está preso ao calço, 332. Um tubo 388 vae da caixa 386, em angulo, ter ao tubo 342 e tem ligação telecopica com um tubo 389 armado em um supporte competente 390, o qual tubo comunica com um machinismo de aspiração. Na caixa ha uma valvula rotatoria 391, que tem um ouvido 392, que dá para o tubo 388. A valvula 391 está provida de um braço 393 (veja-se a fig. 31), que no estado normal, é segurado de modo que o ouvido 392 comunica com o tubo 388 por meio de um trineo de mola 394, o eixo do qual nate de uma parte saliente da caixa da valvula 386. O trineo, no estado normal, é segurado prendendo o braço 393 por meio de uma mola 395. Uma mola 396, uma ponta da qual está presa ao braço 393 e a outra a um poste 397 faz o braço oscillar, e fecha a valvula, quando o braço é solto do trineo 394. Uma espora apropriada 398 delimita o movimento do braço e da valvula. O

trineo 394 tem uma ponta 399, que, quando o calço 332 está na sua posição mais recolhida, jaz no caminho seguido pela ponta de uma alavanca 400, que tem o eixo na plataforma, no ponto 401, como nas figs. 30 e 31 se vê. A alavanca 400 está ligada ao braço 378 da alavanca torta 378, 379, pela presilha 402. Quando as pernas 378, 379 recebem movimento oscillatorio, a alavanca 400 baterá na ponta do 399 trineo 394, fazendo este oscillar no seu eixo e soltar o braço 393. A mola 396 lança então o braço para traz, dando volta á valvula 391 e afastando o ouvido 392, da communicação com o tubo 388, cortando assim, a sucção da chapa 4.

Ha tambem uma armação para supporte 403, tendo pés 404, que repousam sobre a base, na qual armação ha um cuvo central 405. Neste ha uma arvore 406, provida de resaltos 407, pelos quaes é sustentada em moentes 408 mettidos no cuvo 405. Ha outros moentes 409 em redor da arvore, perto da parte inferior do cuvo 405. Na arvore 406 (veja-se as figs. 29 e 30) ha um cuvo 410, fixo por meio de chavea, do qual cuvo sahe um braço 411, que tem, na ponta exterior, uma cavidade concava 412. Armada, volante, no cuvo 410, ha mais uma roda 413, de transmissão, conservada na devida posição por uma anilha que está presa ao cuvo 410. Na aresta da roda 413 ha dentes 414, nos quaes trabalha um parafuso sem fim 415, armado em uma arvore 416, que revolve em supportes 417 (veja-se as figs. 27 e 30).

Na arvore 416, que fica parallelá ao veio 325, ha uma engrenagem volante 418, que engrena em outra 419, no veio. A engrenagem 418, tem o cuvo dentado, e nos dentes prende um linguete 420 dominado por uma mola, constituindo estas partes uma união semelhante áquellas que já foram descriptas com relação á machina anterior. O linguete 420 é tornado inactivo por meio de uma alavanca 421 dominada por uma mola, a qual alavanca tem por ponto de apoio uma espiga 422, armada em um braço que surge de um dos supportes 417. Uma extremidade desta alavanca 421 poderá ser passada por baixo da ponta trazeira do linguete, mas, no estado normal, é conservada afastada della pela mola 423. A alavanca é avançada para o caminho seguido pelo cuvo do linguete, por meio de um braço torto 424, que nasce de uma engrenagem 425. A engrenagem na arvore 371 engrena em outra 426, na arvore 364 e constituo a transmissão para a arvore 371.

Na roda 413, de transmissão, ha uma pequena arvore vertical 427 (veja-se as figs. 29 e 30), que tem na ponta superior um braço horizontal 428 e que está provida de uma rodinha 429, que entra na cavidade 412 que ha na ponta do braço 411. Na ponta inferior, a arvore 427 leva um braço 430 provido de uma rodinha 431, que trabalha em um sulco excentrico 432, aberto em um excentrico estacionario 433 parafusado á base da machina.

Si o sulco 432 descrevesse um circulo perfeito, a roda da transmissão 413 transmittiria ao braço 411, pela intervenção da arvore 427 e o braço 428, um movimento invariavel, porque a arvore 427 estaria sempre estacionaria.

Mas, pelo sulco 432 ser excentrico, a medida que a roda 413 revolve o excentrico 433 movendo o braço 430, fará a arvore 427 oscillar.

Quando a rodinha 431 do braço 430 está correndo na parte concentrica dos sulcos 432, a roda 413 e o braço 411 estarão revolvendo com igual velocidade. Mas quando a rodinha 431 corre naquella parte do sulco excentrico que foge mais do centro, o braço 430, a arvore 427 e o braço 428 oscillarão em uma direcção opposta á do movimento de rotação da roda 413, e aquelle movimento oscillatorio neutralizará algum tanto o movimento rotatorio transmittido ao braço

411 pela roda 413, de modo que o braço caminhará com menos velocidade que a roda.

Quando a rodinha 431 penetra naquella parte do sulco excentrico que fica mais perto do centro, o movimento oscillatorio do braço 430, da arvore 427 e do braço 428 será na mesma direcção, como o movimento rotatório da roda 413, e obrigará, portanto, o braço 411 a correr algum tanto mais depressa que a roda 413.

A arvore 406, á qual o braço 411 está preso, partilhará este movimento variavel do braço e estará ás vezes revolvendo mais depressa que a roda 413, outras vezes devagar, e ainda a outras terá velocidade igual á da dita roda.

Fixa na extremidade superior da arvore 406 por meio de uma chaveta 434, ha um transportador circular 435, que tem uma serie de braços 436.

Cada braço destes tem, na face inferior, um par de ranhuras guiadoras, radiaes 437, e em cada par de ranhuras ha uma corrediça 438 provida na face inferior de uma rodinha 439, que trabalha em um sulco 440, aberto em um excentrico estacionario 441, que ha na armação de suporte 403.

A medida que a arvore 406 revolve os braços 436 e as corrediças 438, receberão um movimento rotatorio e, além disso, um movimento de vae e vem em relação ao centro de rotação da arvore 406 pelo sulco excentrico 440.

Nas extremidades exteriores das corrediças 438, ha as peças furadas 442, competentes para as mangas 443. Das pontas superiores das mangas 443, sahem braços 444. (Vejam-se as figuras 27 e 28) aos quaes ha ligadas barras radiaes 445, presas por meio de eixos ao transportador 435. As barras 445, para podorem ser acertadas, são feitas em duas meadas unidas por meio de uma porca canelada. Fixa em cada manga 443, ha uma anilha 446, da qual sobresalhe um prato 447, que serve de apoio ao suporte das mortallas, o qual, como na modificação anterior, é aspirante. Este suporte aspirante é composto, como na modificação anterior, de uma peça fundida 83, a parte inferior da qual é tapada com uma chapa perfurada 84. Uma divisória 130. (Veja-se a figura 28) divide o espaço vedado pela peça fundida em duas camaras 449 e 450. A peça 83 está presa ao prato 447. Na face superior da peça 83 ha dous orificios, um dos quaes vae ter á camara 449, a qual comunica com um tubo 451, que passa pela manga 443, pela qual é amparado. A extremidade superior do tubo 451, um cotovello 452, está preso em comunicação com um tubo 453, que tem uma ligação telescópica com outro tubo 454. Este comunica com um cuvo ou camara central de valvula 455. O outro orificio vae ter á camara 450 e comunica com um tubo 456, que passa por um orificio no prato 447 e vae comunicar com a camara de valvula 457, que está mettida fixa em uma abertura que ha em uma saliencia 458, que nasce da manga 443. A camara de valvula 457 tem um orificio no lado por meio do qual é armada em nni para fuso 459, que comunica com o tubo 451 por meio do orificio 460 (Veja-se a figura 28). Do lado superior da camara de valvula 457 parte um tubo 461 que é posto em comunicação com o tubo 462, que comunica com uma fonte de ar sob pressão que não está indicada nos desenhos. Na camara de valvula 457 ha uma valvula circular de tres vias 463, as quaes vias estão dispostas de modo que, em certas occasiões o tubo 456 e a camara 450 com a qual comunica, estão em comunicação com o tubo 451, que é a posição em que as partes estão delineadas na figura 28, e, em outras, o tubo 456 communica com o tubo 461, e, por meio d'elle, com o machinismo do jacto de ar.

Nas hastes da valvula 463 (veja-se a fig. 28) ha um braço 464 (veja-se para a direita na fig. 28), que bate em uma saliencia que ha em um braço 465 (veja-se a fig. 27) a

qual saliencia é collocada por cima do machinismo de amortallar. No estado normal a valvula 463 é segurada na posição que occupa na fig. 28, isto é, de modo que a camara 450 esteja em comunicação com o tubo 451, por meio de uma mola 466, de helice, enrolada em uma saliencia que surge do lado da valvula e opposto áquelle a que o braço 464 está ligado. O movimento que a mola pôde produzir é delimitado por uma espera 467.

A camara de valvula 455 (veja-se a fig. 29) está fixa na extremidade superior da arvore 406 e liga com um tubo 468, armado em um suporte 469, e que vae ter a um aparelho aspirante. A camara 455 encerra uma valvula rotatoria 470, manobrada por uma arvore ou haste 471, que desce pelo centro da arvore óca 406, e tem, fixo na sua ponta inferior, um braço 472. Este está ligado por meio de uma presilha 473 (fig. 30), a uma das pernas 474, da alavanca torta 474 e 475, na outra perna da qual ha uma espiga 466, que passeia em um sulco excentrico 477, aberto em um tambor excentrico 478, armado na arvore 371. A valvula 470 (veja-se a fig. 34), assenta bem na camara 455, e está provida de um orificio 478, bastante grande para que possa, simultaneamente, comunicar com dous dos tubos 451. O machinismo aspirante funciona por meio do tubo 468, e, portanto, estará operando, simultaneamente, sobre dous dos tubos 451, e sobre dous dos supportes aspirantes.

O machinismo de amortallar, ao qual os supportes entregam as mortallas, poderá ser de qualquer typo que se desejar; mas é preferivel que seja como aquelle que se descreveu com relação á modificação anterior.

Poderá haver conveniencia em se fechar as perfurações na chapa 84, depois desta ter entregado a mortalla. Para se poder fazer isto, uma chapa 480 (vejam-se os diagramas figs. 35 e 36), que poderá ser de metal laminado, liso ou coberto de cautehoue ou feltro, é collocada no caminho que o suporte aspirante segue, e em uma posição tal, com respeito ao machinismo de amortallar, que, á medida que a extremidade deanteira do suporte entrega a sua mortalla, correrá sobre a chapa, e as suas perfurações serão por esta tapadas. Embora esta chapa 480 possa ser, em certas circunstancias, aproveitavel, não é uma parte necessaria da machina, visto que a sucção poderá ser tornada bastante forte para não ser affectada pelo facto das perfurações na chapa 84, ficarem abertas depois da mortalla ter sido entregue.

A machina funciona da seguinte forma:

O artefice colloca uma folha sobre a chapa aspirante 4, estando a plataforma 331 naquella occasião na posição avançada. Depois da folha ter sido estendida sobre a chapa e uma mortalla tallada d'elle, a plataforma 331 é corrida para dentro, operação esta que é effectuada pela alavanca 374 e o excentrico 377 e a chapa 4, põe-se na posição indicada pelos traços cheios na fig. 27. A medida que o suporte aspirante vem vindo para a posição logo por cima da chapa 5; o braço 424 bate na alavanca 427, desligando assim a arvore das roscas sem fim da sua transmissão. Por este tempo a alavanca 378 e 379, é manobrada pela saliencia excentrica 381 e bate na ponte inferior da haste 335, erguendo assim a meza aspirante 5 e a chapa perfurada 4 ao encontro da chapa perfurada 84. Devido a este movimento da alavanca 378 e 379; a presilha 402, levanta a alavanca 400, contra a perna trazeira 390 do trineo 391. Isto obriga o trineo a saltar o braço 393 e a mola 396 faz a valvula 391, girar, cortando a sucção da meza tallar. As valvulas 470 e 463, estão neste momento em uma posição tal que a sucção está funcionando em ambas as camaras 449 e 450; e, portanto, a mortalla tallada e transferida da chapa 4 á chapa 84. Depois da mortalla transferida, a arvore do para fuso sem fim 416 é de novo unida á sua transmissão 418 e a

roda 413, é revolvida, obrigando a arvore 406 a revolver e com ella o transportador 435. Quando o suporte aspirante que segura a mortalla chega a estar por cima dos queixos de amortallar, o braço 464 da valvula 463, bate na saliencia no braço 465 fazendo assim a valvula 463 revolver de modo que fecha o orificio 460 e pelo qual a valvula communica com o tubo de aspiração 451, e descobre a entrada para o tubo 461, que por este tempo, estará já em comunicação com o tubo de pressão 462. O ar comprimido que vem pelos tubos 461 e 456 e a camara 450, assopra a margem da mortalla para baixo e para dentro dos queixos de amortallar. Logo antes do momento em que isto tem lugar, um outro suporte aspirante tem sido trazido á posição por cima da meza de tallar, na qual se tem posto uma folha da qual uma mortalla tem sido tallada e a mesa tem sido andada para a posição propria para fazer entrega d'elle. No mesmo momento, portanto, em que o jacto de ar assopra a borda da mortalla para dentro dos queixos de amortallar a arvore 416 tem sido desligada da sua transmissão, e a arvore 406, que toca o transportador, está estacionaria.

Quando a margem da mortalla tiver sido assoprada para baixo, para dentro dos queixos, e uma nova mortalla tem sido transferida ao suporte aspirante que está por cima da mesa de tallar, a arvore, 416, é novamente unida á sua transmissão. Quando a arvore, 406 começa a revolver, o suporte aspirante, que está apresentando uma mortalla aos queixos de amortallar, recebe um movimento que é o resultado dos tres movimentos que foram descriptos com relação á modificação anterior, isto é, o movimento de aproximação, o movimento transversal ou de percurso, e o movimento angular.

Quando esta rotação começa (Vejam-se a fig. 27 e a diagramma fig. 35), o tambor excentrico, 430, é obrigado para dentro pelo sulco excentrico, 440, obrigando assim a corrediça, 438, a correr para dentro. Este movimento da corrediça teria uma tendencia para levar o suporte aspirante para dentro si não fosse o braço, 441, e a barra radial, 445.

Estas partes obrigam o suporte aspirante a oscillar, á medida que o transportador, 435, é revolvido da posição indicada pelas linhas de pontos na mesma figura. Por este movimento do suporte da mortalla, esta não só é levada pelo feixe, que é a base do charuto, fóra, mas recebe, tambem, um movimento angular com o respeito a elle.

Como o feixe é maior no centro que nas pontas, convém, ás vezes, dar mais mortalla naquelle sitio que nestas, e por isso se dá a arvore, 406, neste momento, um pequeno augmento de movimento, que é effectuado, fazendo-se o braço, 430, que leva a rodinha, 431, obedecer ao sulco excentrico, 432, sendo o movimento alcançado transmitido á arvore, 406, pelo intermedio da arvore, 427, do braço, 428, e do braço, 411.

Depois da mortalla ter passado do centro do feixe, o quando está sendo enrolada na parte conica, o excentrico, 432, exercendo a acção pelos mesmos intermediarios, atraza o movimento da arvore, 406, diminuindo assim, gradualmente, a velocidade com que ella revolve.

Quando a mortalla tiver sido toda entregue aos queixos de amortallar a valvula 470 é revolvida por meio do braço 472 e a presilha 473, a alavanca torta 474 e 475 e o sulco excentrico 477, até estar na posição em que a sucção fica cortada do suporte que acaba de entregar a mortalla. A arvore 406 continúa a revolver, trazendo o suporte aspirante, que agora mesmo recebeu uma mortalla, para a posição propria para a entrega d'elle a trazendo outro suporte para a posição em que recebe outra mortalla da mesa de tallar.

A machina illustrada nas figs. 37 a 40, inclusive, funciona sob os mesmos prin-

cipios geraes como as que atrás se descreveram. Cada supporte de mortallhas tem os mesmos movimentos de aproximação, de percorrer e angular, dos quaes tres movimentos resulta outro, pelo qual a mortallha é entregue ao machinismo de amortallar. Esta machina emprega uma pluralidade de supportes para as mortallhas á semelhança da machina descripta com relação ás figs. 27 a 36. Nesta, porém, a mortallha é talhada, enquanto está no supporte, embora pudesse ter sido talhada antes de ser ali collocada.

A armação tem a forma de um prumo cylindrico, ao cimo da qual ha uma peça furada, na qual revolve uma arvore vertical 487, que tem, na extremidade inferior, uma roda de rosca sem fim 488, tocada por um parafuso correspondente 489, que ha na respectiva arvore 490, a qual revolve em supportes apropriados na armação e mais em um supporte 491.

Os supportes de mortallhas são, como nas machinas já descriptas, supportes aspirantes e são transportados pela arvore 487 na extremidade superior da qual ha um eixo 393, do qual sahem braços ócos 494, encerrados em mangas 495, que também são amparadas por supportes 496 e 497, formados em braços 498, os quaes braços por, sua vez, são amparados pelo eixo 493.

Os supportes das mortallhas são, na generalidade, semillhantes aos que foram descriptos com referencia á machina illustrada nas figs. 1 a 26, inclusive. Tratando-se agora das figs. 39 e 40, diremos que 85 é um eixo ou peça cylindrica óca que termina em uma camara 83. As mangas 495 tem supportes 86, nos quaes os eixos 85 estão mettidos. Ha umas peças 91, que passam por orificios que ha nos eixos 85, sendo as partes fixadas no devido lugar pelas anilhas 92. Cada camara 83 tem como nas machinas anteriormente descriptas uma chapa perfurada 84. A sucção é estabelecida através umas aberturas nos eixos 85, que coincidem com outras nas mangas 495, e estas estão ligadas aos braços ócos 494, os quaes communicam com o eixo 493, que communica, por sua vez, por meio de um tubo apropriado 499 com um arteificio productor da sucção.

Assim como nos typos anteriores, a sucção é mantida nos supportes aspirantes durante toda a operação de amortallar.

Nesta machina a mortallha é talhada enquanto está no supporte, e as arestas da peça fundida 83, que cercam a chapa 84, estão affixadas para servirem de talhadeira 500.

A folha poderia ser collocada no supporte, e a mortallha ser neste cortada, e dali tirada sem se mudar a posição do mesmo supporte; mas é preferivel que a construcção seja tal que o supporte de mortallhas fique em um plano durante o tempo em que o material para a mortallha é posto sobre elle, e a mortallha talhada desse material, o que o mesmo supporte seja, então movido para outro plano para entregar a mortallha ao machinismo de amortallar. Nesta machina a base ou supporte 485, está provida de uma borda circular 501, a qual borda tem partes planas, e partes dentadas 502, sendo estas duas. Nas mangas 495, ha engrenagens 503, que também tem partes planas 505 e partes, dentadas 504. As engrenagens 503, estão armadas entre supportes 496 e 497, e estão presas ás mangas, de modo que permitem a estas um pequeno movimento, o que é effectuado abrindo-se nas mangas umas fendas 506, e prendendo-se as engrenagens ás mangas por meio de chavetas 507, que correm nas mesmas fendas.

Quando as partes planas 505, das engrenagens, estão em frente das partes planas da borda 501, as mangas e os supportes de mortallhas por ellas transportados deixarão de ter movimentos, mas quando as partes dentadas 504, se põem em contacto com as partes dentadas 502, da borda 501, as mangas e os seus supportes de mortallhas receberão um movimento rotatorio, a duração do qual

dependerá do comprimento das partes dentadas 502, da borda 501. Assim como vão delineadas, aquellas partes tem o comprimento preciso para darem ás mangas e aos supportes de mortallhas metade de uma volta.

Na base 485, ha um braço 508, ao qual está preso um supporte, dependurado 509, que sustenta dous rolos 510. Depois do material ter sido collocado sobre o supporte, corre por baixo dos rolos 510, e a mortallha é talhada do material para ella. Nesta occasião a parte plana 505, da engrenagem 504, está em frente de uma parte plana da borda 501, de modo que o supporte de mortallhas não póde girar.

O machinismo de amortallar empregado nesta machina é semillhante áquelle que já foi descripto.

Assim como nos typos anteriores, o movimento de aproximação é dado aos supportes das mortallhas fazendo-as girar. Para produzir o movimento de percurso, a base tem, na parte superior, um disco 511, no qual ha um sulco excentrico 512. Em cada um dos braços 494, ha uma anilha 513, e em cada anilha uma parte saliente 514, á qual uma aza 515 está presa, as quaes azas correm sobre filetes 516, que ha nas mangas 495. Nos braços 494 ha fendas 517, nas quaes prendem as pontas dos parafusos 518, que passam pelas anilhas 513 e que servem também de supporte ás rodinhas 519, que passeiam no sulco excentrico 512 de que ha pouco se fallou.

Para produzir o movimento angular cada anilha 92 tem uma saliencia 520, na qual ha uma espiga 521 surgindo todas as espigas para cima. O braço 442 sustenta um supporte dependurado 522, na face inferior do qual ha um sulco excentrico 523. Quando os supportes passam por baixo da peça 522, as espigas 521 prendem no sulco 523 e os supportes recebem um movimento que corresponde á configuração do dito sulco. Para segurar os supportes na posição propria para as espigas 521 penetrarem no sulco excentrico, ha, enroada em cada eixo 86 uma mola helicoides 524. Cada anilha 92 está mais provida de uma saliencia 525, que prende em uma espiga 526, que sobresale de uma manga 495, e o effeito produzido pelas molas helicoides é o de, no estado normal, segurar os supportes em uma posição tal que as saliencias 525 descansarão contra as espigas 526.

Assim como nas machinas já descriptas, um meio é empregado para fazer com que a margem da mortallha seja positivamente inserta nos queixos de amortallar. Nesta, machina, tal e qual como na que está illustrada nas figs. 27 a 36, a camara formada pela peça fundida 83, está dividida por uma divisoria 130, a qual, porém, nesta machina, tem um ouvido ou orificio 527, sujeito a uma valvula 528, collocada na extremidade de um tubo, 529, que sobe do topo do supporte das mortallhas. No tubo, 529, ha um leito perfurado 530, para uma valvula, contra o qual a parte superior da valvula encosta, havendo nessa parte uns orificios 531. Prolongada pelo leito da valvula fóra, ha uma haste 532, que move a mesma valvula, e que é amparada por um pequeno supporte 533, collocado no interior do tubo 529. Na parte superior da haste da valvula 532, ha um braço 534, arranjado para bater em uma espiga estacionaria 535. No supporte dependurado 522, um tubo 536 é collocado, o qual tubo communica com uma fonte de ar comprimido. No estado normal, a valvula 528 occupa uma posição tal que o ouvido 527 está aberto e as aberturas 531 não coincidem com as aberturas no leito 530 da valvula; portanto, a sucção funciona, regularmente, em ambas as camaras da peça fundida; mas quando o topo da frente do supporte das mortallhas chega a estar em posição por cima do machinismo de amortallar, o braço 534 bate na espiga 535, e faz a valvula girar para a posição que occupa na fig. 40. Nesta posição o ouvido 527 está fechado e as aberturas 531

coincidem com as perfurações no leito 530 da valvula; portanto, o jacto de ar percorre os tubos 536 e 529 e sopra a margem da mortallha para baixo e para dentro dos queixos de amortallar.

A machina funciona da seguinte forma:

A medida que cada supporte de mortallhas se aproxima do supporte horizontal 509, estando com a face operativa para cima, o operador colloca sobre esta uma folha que adhire logo á chapa em consequencia da sucção. O supporte das mortallhas passa então por baixo dos rolos 510 e a mortallha é talhada. O supporte de mortallhas alcança então uma posição tal que uma parte dentada 504 da engrenagem 503 vem a estar em contacto com uma parte dentada 502 da borda 501, e pelo jogo destas partes, o supporte das mortallhas dá uma meia volta, de modo que a sua face operativa fica para baixo. Isto traz a outra parte lisa 505 da engrenagem 503, em frente da parte plana da borda e segura o supporte naquella posição.

A medida que o topo do supporte que transporta a margem da frente da mortallha chegou a estar por cima dos queixos de amortallar, o braço 534 da haste 532 da valvula bate na espiga 535 e muda a posição da valvula 528, de modo que o jacto de ar que vem pelo tubo 536 e o tubo 529 assopra a margem da frente da mortallha para baixo, para dentro dos queixos de amortallar. Neste momento o machinismo de união do machinismo de amortallar é manobrado para pôr os queixos em movimento e começa-se a embrulhar o churrito.

O supporte de mortallhas executa agora um movimento que é o resultado do movimento de aproximação devido á rotação da arvore 487, do movimento de percurso devido ao jogo do sulco excentrico 512, com a a manga 495, e do movimento angular produzido pelo jogo das espigas 521, com o sulco excentrico 523, o qual movimento, primeiro mencionado, produz a entrega da mortallha por forma que fica enroada, certa e lisa em redor do feixe de tabaco que está nos queixos de amortallar.

Depois do supporte ter entregado a sua mortallha ao machinismo de amortallar, a continuação da rotação da arvore 487, traz outra vez, uma parte dentada 304 da engrenagem 503, em contacto com a outra parte dentada 502 da borda 501, de modo que o supporte de mortallhas é invertido novamente o posto a geito para receber outra folha.

A machina illustrada nas figs. 42 a 52, illustra uma outra modificação do machinismo por meio do qual o principio que o actual invento envolve poderá ser posto em execução.

Nesta machina, a mortallha é dada ao feixe do tabaco por um movimento que é a consequencia dos tres movimentos já descriptos; mas, nesta incorporação do invento, apenas dous dos movimentos são dados ao supporte da mortallha e o outro é produzido, movendo-se o machinismo de amortallar. Um unico supporte para mortallhas é empregado e o movimento que recebe é de vae e vem no sentido rotatorio; sendo a machina, quanto a isto, semillhante áquelle que está illustrada nas figs. 1 a 26, inclusive.

Com referencia ás figs. 42 a 52, inclusive, o veio 540 é tocado por meio de uma polé 541 e tem uma rosca sem fim 442, que joga com uma engrenagem correspondente 543 que ha na arvore vertical 544, na qual arvore ha uma pluralidade de excentricos operativos.

A mortallha é talhada por meio da faca 3 que é semillhante áquelle que se descreveu em relação á machina delineada nas figs. 1 a 26, a qual faca é collocada em uma mesa de talhar 2 e em redor de uma chapa de sucção 4. A mesa de talhar communica com uma fonte qualquer competente, de sucção,

por meio do tubo 6. A sucção poderá ser aberta quer manual quer automaticamente; mas nesta machina é aberta automaticamente, pelos seguintes meios:

Uma valvula 545, manobrada por meio de uma haste 546, que vai e vem em supportos competentes 547, que ha na face inferior da plataforma da machina, abre e fecha o tubo 6. Esta haste 546 é chamada em uma direcção por uma mola 548, sendo a posição normal das partes a de estar o tubo aberto. Na sua ponta interior a haste 546 da valvula tem uma forquilha que fica escarranchada na arvore vertical 544, e a mesma haste tem mais uma rodinha 549, que corre sobre um excentrico 550, armado na arvore vertical. A mortalha é corçada por meio de rollos que giram em um braço oscillante 551, ligado a um supporte vertical 552, por meio de articulação.

O supporte das mortalhas é feito e funciona em substancia como aquelles que atraz tem sido descriptos, isto é, consta de uma camara de sucção 83, a face da qual que sustenta a mortalha é uma chapa perfurada 84, que tem uma secção movel 553, armada em um eixo transversal ou arvore curta 554, que encontra apoio nas paredes da camara 83. O eixo 554, tem um braço 555, que surge para cima e que, no estado normal, uma mola 556 segura em uma posição tal que a secção 553 jaz no mesmo plano com o resto da face operativa. Esta secção movel tem um beico 557 que serve, quando a secção é movida para baixo, ou para a posição indicada na fig. 45, para conservar a camara de sucção fechada.

O cuvo ou cylindro 85, que sustenta o supporte 83, está enfiado na ponta de um braço óco 558 e tem uma abertura que communica com a abertura no braço, sendo a construção; na generalidade, semelhante áquella que se tem descripto em relação com as figuras antecedentes. O braço 558 é fundido na arvore vertical 559, que revolve em um furo ou chumaceira competente 560 que ha no supporte 561. O braço 558 está ligado por meio de um tubo competente 562 a um artifício de aspiração.

A arvore 559 tem, na extremidade inferior, um sector 563 que engrena em outro sector dentado 564, que ha em um braço 565. Este está preso a um cuvo 566 enfiado em uma arvore vertical curta, collocada na plataforma da machina. Da ponta superior do cuvo 566 sae um braço operativo 557, no qual ha uma rodinha 568, que passa em um sulco excentrico 569 que ha na arvore vertical 544. Quando a arvore 6 dos excentricos revolve o seu excentrico 569, produz um movimento rotatorio de vai e vem do braço 558.

O movimento de vai e vem de que se acaba de se fallar, produz o movimento de approximação do supporte e o movimento angular é produzido movendo-se o mesmo supporte com respeito ao braço 558, que o transporta. Para se poder realizar isto o cuvo 85 é corçado de uma anilha 570, na qual ha um prolongamento, no sentido ascendente 571, que é apanhado por uma espiga 572 que desce de uma presilha 573 ligada a uma das pernas 574, de uma alavanca torta 574 e 575. Esta alavanca oscilla em um eixo vertical 576, que nasce de um prolongamento 577 que sahe do lado do braço 558.

Na perna 575 da alavanca torta 574 e 575, ha uma rodinha 578 que corre em um sulco excentrico que ha em uma chapa 579, presa a supportes verticaes 580 que nascem da plataforma da machina.

Como o braço 558, recebe o movimento rotatorio de vai e vem do excentrico, a chapa 579 produz um movimento rotatorio do supporte 83.

O machinismo de amortallar é semelhante áquello que já aqui tem sido descripto; mas na machina de que agora se trata, as hastes longitudinaes, 279, 280, são feitas mais compridas que os queixos manipuladores, 136,

136', 137, 137', que sustentam. As hastes rotatorias, operativas, 138, 139, que trabalham em frestas que ha nos guiadores oscillantes, 277, 278, são tambem feitas mais compridas que os queixos. Estes poderão, por tanto, ser movidos longitudinalmente, para cá e para lá, com respeito ás suas hastes de supporte e hastes operativas, e poderão assim, ser movidos, longitudinalmente, em relação ao supporte das mortalhas, emquanto aquelle supporte lhes está entregando a sua mortalha. Para se poder realizar este movimento de percurso, um dos jogos de queixos, isto é, os queixos 136, 136', tem um calço sulcado, 581, (veja-se as figs. 48 e 49), no qual trabalha um botão, 582, que ha na ponta de uma haste transversal, 583, que passa pelas pontas de rotação dos braços, 278. O calço, 581, está collocado com respeito ao ponto de movimento dos queixos, de modo que estes trabalham muito pouco no botão, 582, da haste, 583, e o pequeno movimento que ha é compensado pelo sulco que ha no calço.

A haste 583 está ligada por meio de uma presilha curta, 584, á perna 585 de uma alavanca torta, 585 e 586, que é formada com uma manga, 587, armada em uma espiga vertical fixa na plataforma da machina. Na perna 586 da alavanca torta, ha uma rodinha 588 que corre em um sulco aberto em um excentrico, 589, que ha na arvore vertical de excentricos, 544.

O fim por que se faz oscillar a secção movel 553 da chapa 84, que faz parte do supporte aspirante, é o de pôr a margem da mortalha ao alcance dos queixos do machinismo de amortallar. Para se poder realizal-o, uma espera, 590, é collocada por cima do machinismo de amortallar e no caminho seguido pelo braço 555 da arvore 554, a qual espera está mettida em um braço curvado, 591, que nasce da plataforma da machina. Quando o braço na sua oscillação traz o supporte aspirante para a posição em que faz a entrega, com relação ao machinismo de amortallar, o braço 555 bate na espera 590 e lança a secção movel 553 para baixo para a posição indicada na fig. 45.

O modo geral de funcionar esta machina é assim:

Depois da mortalha tallada por meio dos artifícios de cortar já descriptos, o braço 558 é obrigado a oscillar, por meio dos sectores dentados 564, 563 para a posição em que o supporte de mortalhas fica por cima da mesa de tallar. Quando o supporte aspirante está bem por cima da chapa perfurada 4 da mesma de tallar, o excentrico 559 funciona por meio da haste 546 para fechar a valvula 545 e cortar a sucção da chapa 4, e como essa sucção está sempre em acção sobre o supporte aspirante, a folha é transferida da chapa 4 á chapa 84. O excentrico e as ligações manobram agora o braço 558 para fazer o supporte aspirante oscillar para a posição indicada na planta fig. 42. Quando o supporte aspirante chega a esta posição, o braço 555 é manobrado pela espera 590 e deita a margem da mortalha para baixo, para dentro dos queixos de amortallar, que começam agora a operação de embrulhar e, á medida que ella se vai executando, o supporte aspirante executa o movimento de approximação. Quando o braço 558 oscilla, o sulco do excentrico 579, operando por intermedio da alavanca torta 574 e 575 e a presilha 573 obriga o supporte a mudar a sua relação angular, com respeito aos queixos de amortallar, e ao mesmo tempo, os queixos de amortallar são obrigados a começar o seu movimento de percurso pela alavanca 585 e 586 e o seu excentrico.

A machina delineada nas figs. 48 a 66, illustra outra incorporação do invento, na qual a mortalha é dada ao machinismo de amortallar por meio de movimentos relativos de approximação, angular e de percurso do supporte de mortalhas e do machinismo de amortallar. Nesta machina, porém, o supporte das mortalhas recebe o movimento

de approximação apenas, e os movimentos angular e de percurso são effectuados pelo machinismo de amortallar. Esta machina emprega dois supportes de mortalhas, mas estes são arranjados para revolverem em um eixo horizontal, em vez de vertical, como succedeia no typo de machina ha pouco descripto.

Com referencia ás figs. 48 a 66, a base da machina está provida de um supporte do machinismo 592, e um braço sobranceiro 593, a extremidade do qual é construida de modo que apresente uma caixa 594, na qual está uma manga 595 (veja-se a fig. 52), que ali revolve. No interior daquella manga ha uma segunda manga 596, que revolve em chumaceiras formadas na manga exterior 595. Em um dos moentes ha um sulco circumferencial 597.

Armado na manga 596, ha um cuvo 598, do qual sobresahe um braço óco 599, que termina em uma chapa perfurada 600. A abertura no braço 599 coincide com uma abertura 601, na manga 595. A chapa 600, serve para sustentar uma chapa 602, a qual, por sua vez, transporta uma face 500, que cerca uma chapa furada 83, sendo a construção semelhante áquella que se acha illustrada nas figs. 37 a 40. Na manga exterior 595, ha um cuvo 603, ao qual está seguro um braço óco, curvado 604, que termina em uma chapa 605. A abertura no braço 604, communica com uma abertura 606 no cuvo, a qual abertura communica com o sulco 597, que liga com a passagem na manga 596, por meio de uma abertura 597, que nesta ha. A chapa 605 sustenta uma chapa 608, que transporta uma face 500', que cerca uma chapa perfurada 83'. Assim como na machina antecedente, as chapas 83 e 83' constituem supportes aspirantes, havendo um aparelho aspirante, ligado á manga 596, por meio de um tubo 609. A outra extremidade da passagem na manga 596 é vedada por meio de uma cavilha 610.

As mangas 595 e 596 recebem um movimento rotatorio intermitente. Aquella tem um disco dentado 611 no qual ha tres dentes 612, 613 e 614. O mesmo disco tem um cuvo 615, que sobresahe de um dos seus lados e está seguro á manga. A manga 596 tem outro disco dentado semelhante 616, que lhe está preso e no qual ha tres dentes 617, 618 e 619, e tem tambem um cuvo 620, que sobresahe de um de seus lados. O disco 616 e seu cuvo estão presos á manga 596 por meio de uma chaveta e ambos os discos e seus cuvos estão impedidos do correr pela extremidade da manga fóra por uma anilha 621.

Armada volante no cuvo 615 ha uma engrenagem 622, á qual uma anilha 623 está presa, da qual sahe um braço 624 que termina em um supporte 625 (fig. 51), para uma arvore curta 626, na qual ha dois linguetes 627 e 628, que são chamados aos seus logares pelas molas 629, que exercem a força sobre espigas 630 que surgem dos lados dos linguetes. As outras pontas das molas estão presas á peça 625.

Da mesma forma ha uma engrenagem volante 631 no cuvo 620 do disco dentado 616. Ligada a essa engrenagem 631 ha uma anilha 632, da qual sahe um braço 633 que termina no moente 634. Este sustenta uma arvore curta 635, na qual ha dois linguetes 636 e 637 que obedecem a molas 638.

O comprimento da arvore curta 626 é tal que o linguete 627 prende no disco 616 e o manobra e o linguete 628 prende no disco 611 e o manobra. Semelhantemente, a arvore curta 635 é de comprimento tal que o seu linguete 636 prende no disco 611 e o manobra, ao passo que o seu linguete 637 prende no disco 616 e o manobra. Os linguetes 627 e 628 apontam para a direcção opposta áquella para onde os linguetes 636 e 637 apontam (veja-se fig. 48), e visto que aquelles linguetes estão collocados em lados oppostos dos centros dos discos o seu effeito será fazerem os discos revolver na mesma direcção.

A engrenagem 622 é movida por uma alavanca que tem um sector dentado 638, e a engrenagem 631, é movida por uma alavanca do sector semelhante 639, tendo aquellas alavancas por centro de rotação uma espiga 640, fixa no braço sobranceiro 593. A alavanca 639 tem uma rodinha 641. (Veja a fig. 53, e as linhas de pontos nas figs. 48 e 52) que passeia no sulco torto de um excentrico 642, e a alavanca 638 tem outra rodinha 643 que passeia em sulco torto que ha em um excentrico 644. Os excentricos 642 e 644 estão presos a uma manga 645, armada em uma espiga 646, que sobresahe do lado do braço sobranceiro 593. Os sulcos tortos nos excentricos 642 e 644, estão arranjos de modo que as alavancas 638 e 639, oscillem simultaneamente em direcções oppostas.

Na manga 645 ha uma engrenagem de rosca 647, que engrena em uma rosca sem fim, montada em uma arvore apropriada 649, que gyra em azas que nascem de um supporte horizontal 650, preso ao lado da machina. A arvore da rosca sem fim 649 tem na ponta uma engrenagem conica 651, que engrena em outra semelhante 652, armada em uma arvore, 653, que vem a ser o veio da machina e que tem uma polé.

A construcção até ao ponto que esta descripção tem atingido faz revolver, intermitentemente, as mangas 595 e 596, e os supportes das mortalhas. Esta rotação intermitente é de tal ordem que um supporte das mortalhas está parado na posição indicada nas figs. 48, 49, 51 e 52, e assim fica enquanto o artefice está collocando no supporte a folha da qual a mortalha ha de ser talhada. Tal e qual como nas outras modificações, a sucção é continua, de modo que logo que o artefice colloca uma folha na chapa 83, ou na chapa 831 dos supportes ficará segura. Enquanto isto se faz, o outro supporte aspirante está entregando uma mortalha ao machinismo de embrulhar.

Para poder cortar uma mortalha das folhas que jazem sobre as chapas 83 e 831, o braço sobranceiro 3 é provido de um supporte 654 (veja-se as figs. 49 e 51), no qual ha rollos 655 armados, por baixo dos quaes os supportes das mortalhas passam no seu transitio. Portanto, a medida que os supportes revolvem os rollos 75, correm sobre as facas 500 e 501, talhando assim as mortalhas.

Depois da mortalha talhada, a continuação da revolução dos supportes leva-a á posição em que pôde ser dada ao machinismo de amortallar.

O machinismo de amortallar empregado, o qual, como já tem sido indicado, deve ter tanto um movimento angular como um movimento de percurso durante a operação de amortallar, é parecido com aquelle que está delineado nas figs. 41, 46 e 47. Os queixos estão armados como se disse em relação á descripção daquellas figuras, de modo que correm nas suas hastes operativas e de supporte, recebendo assim um movimento de percurso.

Para poder dar ao machinismo de amortallar um movimento angular, a mesa de talhar 135 é provida de uma exerescencia furada, virada para baixo, 656, que passa por um supporte 657 formado em uma chapa 658, que descança no supporte 592 e é segurada na devida posição por uma anilha e seu parafuso de andar á mão. Pelo furo na exerescencia 656 passa uma arvore intermediaria 659, provida na extremidade superior de uma engrenagem conica 660, que engrena com outra semelhante 661, que está no veio 146 do machinismo de amortallar. Na ponta inferior da arvore intermediaria 659 ha uma engrenagem conica 662, que engrena com outra semelhante 663, que ha em uma arvore 664, que gira em furos competentes no supporte 592. A arvore 664 recebe movimento do veio 653 por meio de rodas dentadas e uma cadeia sem fim. Construido assim, o machinismo de amor-

talhar pôde girar em redor do centro pelo qual a arvore 659 passa sem estorvar a transmissão de movimento á arvore 146.

Para o machinismo de amortallar poder revolver em redor do seu centro, a chapa 135 é provida de uma espiga que está ligada, por meio de uma presilha 665 a uma alavanca 666, que oscilla em uma espiga 667 fixa em uma saliência 668, que nasce do lado do braço sobranceiro. A alavanca 666 tem, a meio de seu comprimento, uma rodinha que passeia em um sulco torto, aberto em um excentrico horizontal 669 preso a uma manga 670, enfiada em uma espiga 671 que surge da base da machina para cima.

Na manga 670 ha uma engrenagem de rosca 672 que engrena com um parafuso sem fim 673 no veio 653.

Para se poder effectuar o movimento de percurso, a haste 583, que se descreveu com relação ás figs. 46 e 47, tem uma ligação de presilha com uma das pernas 674 de uma alavanca torta, que tem o ponto de apoio 675 fixo em supporte 676, que nasce da plataforma da machina. A outra perna 677 da alavanca torta prende em uma chapa curva operativa 678 armada em uma haste 679 que oscilla nos competentes pontos de apoio que nascem de um supporte que sobresahe do outro supporte 592. A chapa 678 tem comprimento bastante para que, quando o machinismo de amortallar oscillar, o braço 677 não possa correr fóra della. O braço 116 é chamado ao contacto com a chapa por uma mola 680 presa ao mesmo braço.

Na haste 679 prende uma extremidade de um braço bifurcado 681, que nasce de uma manga 682 enfiada em uma espiga 683 metida no lado do braço sobranceiro. Da outra ponta da manga 682 sahe um braço 684, no qual ha uma peça cova 685, que joga com um excentrico 686 que ha na manga 670. A medida que esta revolve os excentricos 669 e 686 transmitirão movimentos rotatorios e de percurso ao machinismo de amortallar.

Ha tambem meios para se poder soltar a margem da folha que deve ser primeiro entregue ao machinismo de amortallar, os quaes meios na generalidade são semelhantes aquelles que foram illustrados nas figs. 27 a 36, nos quaes se empregava um jacto de ar comprimido para aquelle fim. Nesta machina, porém, ha uma differença nos meios empregados para regular a força do jacto; mas assim como na machina illustrada nas figs. 27 a 36, as camaras dos supportes que estão cobertas com as chapas 83, 831 tem divisorias 130, que separam camaras pequenas das camaras principais.

Afim de os artificios de aspiração e de compressão poderem operar sobre estas camaras pequenas, ha nas chapas 698 e 692 (Veja-se a figura 57), passagens longitudinaes 687, que as atravessam e communicam com as passagens que ha nos braços 599 e 604. As chapas 698 e 602 tem conductas 688, que as percorrem em angulo recto com as passagens 687, com as quaes communicam, assim como com as pequenas camaras formadas pelas divisorias 130. As chapas 695 e 690 tem conductas semelhantes 689, que acertam com as conductas 688. Nas conductas 689, ha funis 691 que gyram nas aberturas, e estão ligados a hastes de valvulas 691, ligadas a valvulas 692, as quaes valvulas trabalham nos orificios 688, que lhes servem de camaras.

Os funis 690 são segurados, no estado normal, na posição mostrada na fig. 49, isto é, na posição em que as conductas 689 estão fechadas e as passagens 687 abertas, por molas 693, presas aos funis e a botões que ha nas chapas 690 e 695. Portanto, no estado normal, a sucção estará trabalhando pelas passagens 687, sobre as camaras formadas pelas divisorias 130. Quando os supportes aspirantes, no seu transitio, se approximam do machinismo de amortallar, e se acham, portanto, quasi no ponto aonde lhe devem

entregar uma mortalha, uma espiga 694, que ha no funil 690, bate em uma espiga 695, que ha na extremidade superior do braço sobranceiro. A continuação do movimento dos supportes faz o funil gyrrar de modo que obriga a valvula a fechar a passagem 687, e abrir a conducta 689. Ao mesmo tempo o funil é obrigado a coincidir com um tubo 696, de ar comprimido, preso ao braço sobranceiro.

O tubo do ar comprimido 138 tem um bico 697, que assenta em molas, afim de evitar que as partes soffram algum choque quando o funil 699 vem acertar com elle. Logo que o funil 690 coincide com o bico 697 (Veja-se as figs. 50 e 55), um jacto de ar é dirigido, pelas aberturas nas chapas, para dentro das camaras pequenas, e assopra a margem da mortalha para baixo para dentro do machinismo de amortallar. A medida que o funil continúa o seu movimento, a espiga 694, no funil 690, deixa de coincidir com a espiga 695, e a mola 693 faz o funil gyrrar então até estar na sua posição normal, e obriga a valvula a fechar a conducta 689 e a abrir a passagem 687.

A machina funciona em termos geraes, da seguinte maneira, com referencia especial aos diagrammas delineados nas figs. 58 a 63, inclusive. Nestes diagrammas, para maior clareza, o disco 616 que manobra a manga 596 vae representado como sendo de diamegro maior que o disco 611 que manobra a manga 595. Na fig. 58 o supporte que transporta a faca 500 está delineado como tendo alcançado, em aquelle momento, a sua posição superior aonde tem de receber uma folha, da qual se ha de talhar uma mortalha. O supporte que leva a faca 500 está na posição que occupa logo antes do tempo em que enceta o movimento pelo qual dá a mortalha ao machinismo de amortallar. Os dous supportes tem sido trazidos a estas posições pelo movimento ascendente dos linguetes 627 e 628, prendendo este no dente 612 no disco 611 e aquelle no dente 619 do disco 616. Notar-se-ha que os dous discos se acham, neste momento, de modo que os dentes 619 e 612 acertam um com o outro, mas os dentes 613 e 614 não acertam com os dentes 618 e 619. Visto que os dentes 619 e 612 coincidem e que os linguetes 627 e 628 estão na mesma arvore, isto é, a arvore 626, cada linguete prenderá em um dente de um disco, e os dous discos as mangas a que estão presos e os supportes caminharão juntamente. O movimento ascendente operativo dos linguetes é effectuado pela rotação da engrenagem 622 a alavanca de sector 638 e o excentrico 644. Enquanto os linguetes 627 e 628 estão executando o seu movimento operativo ascendente, os linguetes 636 e 637 estão sendo movidos para cima no seu curso inoperativo ou de retracção afim de se porem na posição precisa para fazerem um movimento operativo depois de findar o movimento dos linguetes 627 e 628. Este movimento ascendente dos linguetes 636 e 637 é effectuado pela engrenagem 631 por meio da alavanca de sector 639 e do excentrico 642. Na fig. 58 os linguetes 627 e 628 tem completado o seu movimento operativo e os linguetes 636 e 637 tem completado o seu movimento inoperativo ou de retracção.

Os dentes nos discos estão em pontos afastados 60 graus um do outro, e assim o trajecto dos linguetes vem a ser de 120 graus. Portanto, quando as partes chegam á posição indicada na fig. 58 um dente que vem a ser o dente 618 do disco 616, está por baixo do linguete 637 que prende nelle. Mas, dente algum do disco 611 está por baixo do linguete 636.

Quando os linguetes 637, 636 executam o seu movimento operativo de avanço, os linguetes 627 e 628, sendo ao mesmo tempo retrahidos, o disco 619, a manga 596 e o supporte que transporta a faca 500 serão avançados, mas o disco 611 e as partes que lhe são annexas não se moverão, passando o linguete 636, inerte, sobre a parte lisa da periphéria do disco. As posições successivas

dos linguetes, dos discos e dos supportes, enquanto os linguetes 636, 637 executam o seu movimento operativo de avanço, e os linguetes 627, 628 fazem o movimento de recuar, vão indicadas nas figs. 59, 60, 61 e 62. Quando as partes alcançam a posição indicada na fig. 62, o disco 616 terá sido avançado até ao ponto em que o seu dente 617 acerta com o dente 614, no disco 611, que fica immovel durante o movimento do disco 616. Quando o dente 617 chega a acertar com o dente 614, os linguetes 627, 628 tem completado o seu movimento retrogrado e tem pegado nos dous dentes coincidentes 617, 614. O movimento dos dous jogos de linguetes é agora invertido, fazendo os linguetes 637, 636 o seu curso retrogrado e os linguetes 627, 628 o seu curso operativo ou de avanço. Visto que os linguetes 627, 628 prendem nos dentes coincidentes 617, 614, nos discos 611, 616, os dous discos, as mangas a que estão presos e os supportes moverão juntamente, passando um dos supportes por baixo dos rolos 655, de que resulta uma mortalha ser talhada da folha que transporta, e vindo o outro supporte ter á posição em que levará uma nova folha, e continuarão a caminhar juntos até que os linguetes 628, 627 completem o seu movimento de avanço e que os linguetes 636, 637 completem o seu movimento de avanço e que os linguetes 636, 637 completem o seu movimento de retraction. Neste momento ver-se-ha pela fig. 63 que não ha no disco 616 dente algum em que o linguete 636 possa prender; mas o dente 613, no disco 611, está por baixo do linguete 636, que nelle pegará. O movimento dos linguetes é agora invertido outra vez e durante este movimento operativo de avanço dos linguetes 637, 636 aquelle corre inactivo sobre a parte lisa do disco 616, mas o disco 611, a manga 595 e o supporte que leva a faca 509 são avançados, sendo o supporte obrigado a assim executar o movimento pelo qual a mortalha é dada ao machinismo de amortallar.

O funil 690 é andado para fechar a conducta pela qual a camara pequena do supporte comunica com a sucção, e para abrir aquella pela qual comunica com ar comprimido. A margem da mortalha é, portanto, assoprada para baixo para dentro dos queixos de amortallar. Estes começam agora o seu movimento de embullhar, e o supporte começa o seu movimento de approximação para dar a mortalha.

A' medida que o supporte dá a mortalha ao machinismo de amortallar, os queixos de embullhar são obrigados a caminhar por baixo do supporte, e ao longo das suas hastes operativas e de supporte, por meio da alavanca torta 674 e 677 e a presilha 583. No momento preciso em que o machinismo de embullhar começa a pegar na mortalha, ou immediatamente depois, o excentrico 669, obrando por meio das alavancas 665 e 666, faz o machinismo de embullhar gyrar no seu eixo, mudando o angulo em que a mortalha é apresentada ao feixe de tabaco.

A machina illustrada nas figs. 67, 68 e 69, incorpora ainda outra modificação deste invento.

Nesta machina, a mortalha é enrolada no feixe de tabaco em resultado de um movimento que é a consequencia de um movimento relativo de approximação, outro relativo de percurso e outro relativo angular do supporte das mortalhas do machinismo de amortallar; mas os movimentos de approximação e de percurso são dados ao supporte, e o machinismo de amortallar recebe o movimento angular.

Com referencia ás figs. 67, 68 e 69, a armação, a transmissão, o veio e o supporte para o machinismo de embullhar são todos semelhantes áquelles que se empregam na machina delineada na fig. 37.

Esta machina emprega uma pluralidade de supportes que são transportados em uma arvore vertical curta 487, a parte superior da qual é alargada para formar um cuvo do qual sahem braços 498. Esta moda de con-

strução é, na generalidade, semelhante áquella que foi illustrada na fig. 37.

Os supportes das mortalhas são peças fundidas ou camaras 83, nas quaes ha facas 509, o espaço cercado pelas quaes é coberto com chapas perfuradas; as quaes camaras constituem supportes aspirantes. As peças fundidas 83 revolvem em peças de apoio 698, formadas em prolongamentos 699, que sahem de uma corrediça, 700.

Para se estabelecer a sucção nos supportes 83, ha tubos 701, que ligam a camara no cuvo 493, com cada uma das peças fundidas, os quaes tubos passam por um dos munhões de cada peça fundida. Estes tubos 701, acertam sobre tubos curtos que nascem do cuvo 493 e correm sobre elles á justa. Um tubo 499 conduz do cuvo 493 a um aparelho aspirante.

Cada braço 498 tem na face inferior umas vias aplainadas 702, nas quaes a peça 700 corre.

Esta peça tem uma rodinha 703, que passa no sulco do excentrico 512, que já foi descripto com relação á fig. 37. A' medida que a arvore 487 e o cuvo 493 revolvem, ver-se-ha que os supportes das mortalhas recebem um movimento rotatorio em redor do eixo da arvore 487, e, ao mesmo tempo um movimento de vai e vem com relação á dita arvore.

Assim como na machina illustrada na fig. 37, os supportes do mortalhas são arranjados para poder ser revolvidos de um plano a outro para receber e entregar as mortalhas. Na parte superior da armação ha partes planas 501 e partes dentadas 502. Cada um dos braços 498 tem um apoio 704, no qual uma arvore curta 705 está armada. Cada arvore 705 tem uma engrenagem 706, com partes planas e partes dentadas, sendo estas destinadas a engrenagem nas partes dentadas 502 da armação. Em cada arvore 705 ha mais uma engrenagem conica 707, que engrena em outra 708, que está em uma manga 709, collocada em um apoio no supporte superior 704. Pela manga 709 uma arvore, com uma parte quadrada 710, é passada, na qual ha uma engrenagem conica 711, que engrena em outra semelhante 712, que ha no munhão da peça fundida 83. As partes dentadas 502 e a engrenagem 706 estão calculadas para dar á peça fundida 83 metade de uma volta.

O machinismo de amortallar está armado tal qual como aquelle que se vê na fig. 52, de modo que pôde receber o movimento giratorio.

O aparelho de tallhar, que coopera com as facas 509 nas peças fundidas 83, para tallhar as mortalhas, poderá ser semelhante áquella que está illustrada na fig. 37.

O modo de funcionar da machina deste typo entender-se-ha pela descripção até aqui feita, combinada com a das modificações anteriormente descriptas. A' medida que a arvore central revolve, os supportes das mortalhas executam um movimento de approximação e outro de percurso, com respeito ao machinismo de amortallar, quando lhe entregam as mortalhas; e ao machinismo de amortallar será dado o movimento angular para variar o angulo a que a mortalha é apresentada ao feixe de tabaco.

A machina illustrada nas figs. 70 e 71, illustra ainda outra incorporação do mesmo invento. Nesta, porém, o movimento relativo entre o supporte da mortalha e o mecanismo de amortallar é de um caracter tal que torna desnecessario um movimento de percurso: O movimento de approximação é dado ao supporte de mortalhas, e este segue um caminho tal que, no momento quando o supporte entregue a margem da frente da mortalha ao machinismo de amortallar, o topo da frente do supporte está em alinhamento com aquella extremidade do machinismo de amortallar que embullha a ponta bicuda do charuto, ou a ponta que é primeiro embullhada, ao passo que no fim da operação do amortallar, a outra extremidade do supporte das mortalhas estará em alinhamento com a outra extremidade do

machinismo de amortallar. Este recebe um movimento angular afim de variar-se o angulo a que a mortalha lhe é apresentada.

Com referencia ás ditas figs. 70 e 71, a machina tem um veio 713, e uma arvore de excentricos 714. Aquelle é tocado por meio de uma polia 715, e toca esta por meio de um parafuso sem fim 716, e uma engrenagem apropriada 717. No veio ha mais uma engrenagem conica, que engrena em outra igual 719, que ha na arvore longitudinal 720.

A folha da qual a mortalha ha de ser talhada é posta sobre uma mesa de tallhar, estacionaria, que sustenta uma faca, 3, a qual cerca uma chapa perfurada, 4, que jaz por cima de uma camara do sucção com a qual um tubo, 6, está ligado, que comunica com um machinismo qualquer competente. O tubo de sucção, 6, está sujeito a um machinismo de valvula que, para todos os effeitos, é semelhante áquelle que foi illustrado nas figs. 41 e 42, havendo uma valvula, 545, manobrada por meio de uma alavanca por intervenção de uma haste de mola, 546, que obedece a um excentrico, 721, que ha na arvore, 714.

O aparelho de tallhar, que coopera com a faca, 3, é ou poderá ser, em substancia, igual áquello que está illustrado nas figs. 1, 2, 3, 7, 7 A e 8, e, portanto, não exige descripção além de se dizer que consta de um rolo, 15, armado em um braço, 16, que está ligado a uma viatura, 17, que é movida de vac e vem por meio de um tirante, 21, ligado a uma manivella, 20, que recebe um movimento rotatorio, intermitente, transmittido do veio por meio de uma transmissão de cadeia sem fim e os competentes artificios de união.

Como nos typos de machina já descriptos, o supporte de mortalhas é aspirante, e consta de uma peça fundida, 83, dividida em duas camaras por uma divisoria collocada perto de uma das suas extremidades. A peça 83, está presa a um braço deo, 722, e está posta de modo que forma angulo agudo com um dos lados do braço, e angulo obtuso com o outro.

A camara principal no supporte de mortalhas está ligada á abertura no braço, 722, e á outra camara está ligado um funil movel, 723, que uma mola, 724, segura na devida posição. Este funil está arranjado de modo que, em certas posições do braço e da parte, 83, acerta com um tubo de ar comprimido e o funil, 723, mettem um jacto de ar na camara menor e assopram a margem da mortalha para dentro dos queixos do machinismo de amortallar, tal e qual como nas outras machinas que temos descripto.

O braço 722 está preso a uma arvore vertical 727, armada em um apoio competente 728 em um supporte 729, preso á plataforma da machina. Na extremidade superior da arvore 727 ha um orificio que communica com a abertura no braço 722 e nesta abertura na arvore está mettido um tubo 730 que comunica com um machinismo de aspiração.

Na ponta inferior a arvore 727 tem um sector dentado 731, que engrena em outro correspondente 732 que ha em uma das pernas 733 de uma alavanca torta, o ponto de apoio do qual 734 está mettido na armação. Na outra perna 735 dessa alavanca, torta, ha uma rodinha 736 que passa em um sulco torto aberto em um excentrico, 737 que ha na arvore 714.

O machinismo de amortallar empregado é semelhante aos que tem sido retro descriptos, e está armado de modo que recebe um movimento angular pela forma já descripta, e mais especialmente, aquella illustrada na fig. 52. As engrenagens são substancialmente eguaes ás que naquella figura se vêem. Nesta machina a plataforma que é a base do machinismo de amortallar está ligada por meio de uma presilha 738 a uma das pernas de uma alavanca torta 739 que tem o ponto de apoio 740 na plataforma da machina, havendo na outra perna uma rodinha que passa em um sulco apropriado

aberto em um excentrico 741 na arvore 714.

O modo de funcionar deste machinismo será comprehendido pelas descrições já feitas.

Quando o braço 722, que leva o supporte das mortallas 83, começa a entregar a mortalla aos queixos manipuladores do machinismo de amortallar, o seu topo da frente está em alinhamento vertical com aquella extremidade do machinismo de amortallar que opera sobre a ponta bicuda do feixe.

Devido á posição especial angular do supporte de mortallas 83, com relação ao braço 722, á medida que o supporte executa o seu movimento de approximação e o machinismo de amortallar executa o seu movimento angular, partes successivas do supporte, vem passar por cima de partes successivas do machinismo de amortallar, de modo que no fim da operação do amortallar a extremidade trazeira do supporte das mortallas está por cima daquella extremidade do machinismo de amortallar, que opera sobre a ponta romba do feixe de tabaco.

A mortalla, realmente, percorre o feixe no sentido do comprimento, embora nem o supporte das mortallas nem o machinismo de amortallar recebem movimento algum distincto de percorrer.

As figs. 72 a 83, illustram outro typo de machina, no qual o actual invento está incorporado. A machina é semelhante áquella que está illustrada nas figs. 37 a 40, inclusive, no sentido que emprega uma pluralidade de supportes aspirantes para mortallas, sobre os quaes estas são talladas, os quaes supportes estão em uma posição quando a folha é posta em cima delles, e são girados para outra, depois da mortalla tallada, para a entregar ao machinismo de embrullhar.

Esta machina tambem se assemelha áquella que está illustrada nas figs. 70 e 71, no facto que os supportes recebem um movimento de approximação, apenas, e o machinismo de amortallar, um movimento angular sómente.

Com referencia ás figs. 72 a 83, os supportes das mortallas são transportados, como na machina illustrada nas figs. 37 a 40, em uma arvore vertical 487 que revolve em chumaceiras, que ha na plataforma da machina e tem um cuvo 493 dividido em camaras, do qual sahem braços ócos 494, ligados pelas partes cheias 742. Em cada parte destas 742 ha os futuros apropriados 743, nos quaes revolvem mangas 495, as extremidades das quaes encaixam nas extremidades dos braços 494. Ligadas a estas mangas 495, ha as peças fundidas 83 que são os supportes das mortallas.

Bem como em alguns dos typos de machina já atrás descriptos, em cada peça fundida ha uma chapa perfurada 84, e as suas bordas são affiladas para servirem de face 500. Assim como acontece com a machina illustrada nas figs. 41 a 47, cada chapa, 84 tem uma secção movel 553 que está presa por meio de charneira, á parte principal da chapa.

Nesta machina, porém, a secção movel tem, ligada a si, uma haste 744, sujeita a uma mola a qual haste, no estado normal, segura a secção movel no mesmo plano com o corpo da chapa 84.

Tal qual como na modificação illustrada nas figs. 37 a 40, ha um tubo 499 ligado ao cuvo 493, o qual tubo communica com um apparelho aspirante.

Para que cada um dos supportes das mortallas possa estar segura na devida posição, com a sua chapa perfurada para cima, quando a folha é posta em cima della e a mortalla tallada, os supportes 743 tem braços 745 e 746 que são parte integrante delles. Em cada braço 745 ha um trinco oscillante 747 e cada trinco tem um dente de supporte 748. Em cada braço 746 ha tambem um trinco dependurado 749 e em cada trinco ha um dente de supporte 750. Cada peça fundida 83 tem uma saliencia lateral 751, na qual os dentes 748 e 750 dos trincos 747 e 749

prendem alternadamente. Os trincos 747 tem espigas 752, viradas para cima, nas quaes prendem uma das pontas das molas 753 as outras pontas das quaes estão presas ás espigas 754, que nascem de peças de apoio 755, que ha nos braços 745, as quaes peças servem tambem para segurar os trincos 747 por cima das esperas 756. Cada trinco 749 tem presa a si uma ponta de uma mola 757 a outra ponta da qual está presa a uma espiga 758 que sahe de um dos braços 746. Estas molas seguran os trincos 749, encostados ás esperas 759. Para segurar os supportes, immoveis, encostados aos dentes 748 e 750 dos trincos, cada braço 745 e 746 tem uma espiga 760 sujeita a uma que apersa contra a parte superior das saliencias 751. (Veja-se fig. 75.)

Para se poder inverter a posição dos supportes aspirantes, as extremidades das mangas 495 tem peças de tombar 761, que são manobradas por espigas 762, 763, 764 e 765. As espigas 762 e 763 estão armadas em um supporte 766, que nasce da plataforma da machina, e as espigas 764 e 765 em outro semelhante 767. O supporte 766 está collocado no caminho seguido pela serie de supportes de modo que as peças 761 tocarão nas espigas 762 e 763; logo depois do arteificio de tallar ter funcionado, as espigas 764 e 765 estão de modo que tocarão nas peças 761 immediatamente antes do tempo quando o arteificio de tallar deve funcionar. Ha espigas 768 e 769 para soltar os trincos.

Ha um par de rollos de tallar 770, armados em um braço 771, que surge sobre um cuvo 772 que revolve na extremidade superior da arvore 487. Do cuvo 772 sahe um braço 773 ligado por meio do tirante 774 a uma das pernas 775 de uma alavanca torça 775 e 776, cujo centro de rotação está em um prumo 777. Na perna 776 ha uma rodinha que corre em um excentrico 778, que ha em uma arvore vertical de excentricos 779, sendo a perna 776 segurada em contacto com o excentrico pela mola 780.

Na arvore de excentricos 779 ha uma engranagem de roseca 781, que engrena em um parafuso sem fim 782 no veio 783 o qual veio é tocado por meio de uma polé 784. Ver-se-ha que, á medida que o excentrico revolve, a alavanca torça produz um movimento rotatorio de vae e vem do braço 771 e obriga os rollos a correr sobre a face 500 de cada supporte.

A arvore 487 tem uma roda dentada 785 (vejam-se as figuras 74 e 72) na qual prende um linguete 786 armado em um braço 787 que surge de um cuvo 788 que está enfiado na ponta superior, diminuida do apoio da arvore 487 e que tem dentes 789 abertos em parte da sua circumferencia. Nestes dentes engrenam os de um sector 790, formado na ponta de uma alavanca 791, cujo centro de rotação está no prumo 792. Na outra ponta da alavanca 791 ha uma rodinha que corre sobre um excentrico 793 armado tambem na arvore vertical 779.

Os supportes das mortallas fazem um pequeno angulo com os braços que transportam para o fim que ficou descripto quando se tratou da machina illustrada nas figuras 70 e 71.

O machinismo de embrullhar é igual em construção aquelles que aqui tem sido descriptos com relação aos outros typos da machina. Elle oscilla em redor do centro da arvore que toca o seu veio, e a construção é substancialmente identica em tudo com a da machina illustrada nas figuras 52 e 70.

A machina funciona da seguinte maneira: Uma folha, da qual se ha de tallar uma mortalla, é posta em um dos supportes quando isto está parada com o lado que tem a chapa perfurada para cima (veja-se a fig. 72), adherindo a folha immediatamente á chapa, em consequencia da sucção, que nesta, assim como nas machinas anteriormente descriptas, está sempre activa. O braço 771 é manobrado para fazer os rollos 52 correr sobre a face 500, e, ao mesmo

tempo, o excentrico que manobra o sector dentado 790 faz a alavanca deste trabalhar, de que resulta a arvore 487 revolver, e, á medida que revolve, o trinco 747 bate na espiga 768 (veja-se a fig. 75) e é lançada para traz, vencendo-se o antagonismo da sua mola, soltando a peça fundida 83. Quando esta se á solta do trinco 746 oscilla pela propria gravidade para a posição em que se vê na fig. 80, ou é obrigada para baixo pela pressão da peça de tombar 761 contra a espiga 763. O movimento de avanço do supporte aspirante traz o outro lado da peça de tombar de encontro á espiga 762 (veja-se a fig. 80), e o supporte oscilla no seu eixo até que o dente 750 do trinco 749 prende por baixo da saliencia 751 (veja-se a fig. 81).

Quando o supporte alcança a posição por cima do machinismo de amortallar, a parte superior da haste 744 bate na face inferior de um braço 794, armado em um prumo 795. Aquelle braço tem uma face inclinada 796, do modo que a haste é obrigada para baixo, abrindo a secção 553 para baixo para a posição indicada na fig. 87, e deprimindo a borda da mortalla que está na chapa aspirante, de modo que pôde ser apanhada pelos queixos do machinismo de embrullhar. As partes chegam a esta posição exactamente no fim de um passo do linguete, de modo que ha uma pequena pausa no andamento da machina, durante a qual o arteificio colloca uma nova folha sobre o supporte.

Depois do supporte ter enregue a mortalla, segue para deante até que o trinco 747, que segura esse supporte na devida posição, base na espiga 769, pela qual é recuado, e a camara aspirante oscilla pela gravidade para a posição que tem na fig. 82, ou é obrigada para baixo pela peça de tombar 761 ter tocado na espiga 764. Pela continuação do movimento, a peça de tombar bate na espiga 765 e o supporte é virado para cima para a posição em que a saliencia 751 prende no dente do trinco 747 (fig. 83).

As figs. 84 a 88, inclusive, illustram outro typo de machina no qual este invento está incorporado. Um unico supporte de mortallas é empregado nella, tendo um trajecto rectilíneo, ponto este em que difere dos typos até agora descriptos, em todos os quaes o supporte ou supportes tem um movimento rotatorio geral. Nesta machina, assim como nas duas ultimas, o supporte recebe o movimento de approximação apenas e o machinismo de embrullhar o movimento angular, sómente.

Com referencia ás figs. 84 a 88, o veio da machina está indicado com o numero 800 e tem uma polé para correia de transmissão 801. O mesmo veio toca a arvore vertical dos excentricos 802, por meio de um parafuso sem-fim 803, que engrena em uma engranagem correspondente 804, que está na arvore 802.

Na machina ha carris sulcados 805, presos a supportes verticaes 806, os quaes carris formam vias para uma viatura 807 passeiar havendo nestas saliencias 808, com o feição de mulhete, que correm nos sulcos dos carris 805. O supporte das mortallas, como em alguma das modificações já descriptas, consta de uma peça fundida 83, as arestas da qual são affiladas para formarem uma talladeira 500, na qual peça ha uma chapa perfurada 84. A peça 83 tem munhões furados 809, 810, que revolvem em peças de apoio 811, 812, presas á armação 12. O supporte faz angulo que não é recto com a sua linha trajectoria, o fica, portanto, diagonalmente com relação á armação.

Assim como em algumas das modificações antecedentes, o supporte está dividido em duas camaras, separadas por uma divisoria 130 (vejam-se as linhas de pontos na fig. 84) communicando o munhão 809 com uma das camaras e o munhão 810, com a outra. Um tubo 813 parte daquella extremidade da armação onde está a peça de apoio 811 e liga por meio de união telescópica com um tubo 814, que vae ter a um appa-

relho aspirante. A peça do apoio 811 é furada e a armação também de modo que ha uma conducta seguida do tubo 813, pela armação, a peça de apoio e o munião, até a uma das camaras do supporte aspirante. Uma conducta 815 (vejam-se as linhas de pontos na fig. 84) atravessa aquella extremidade da armação que leva a peça de apoio 812 e communica com o munião furado 810. A mesma conducta passa pela saliencia 808, que lhe fica adjacente. Um tubo aspirante 816 passa por um dos carris 805 e termina em uma caixa de sucção 817 (vejam-se as linhas de pontos nas figs. 83 e 84), a qual caixa é alongada de modo que a conducta 815 communica com ella durante uma parte consideravel do movimento de vao e vem do supporte aspirante.

O arteificio cooperativo de tallar consta de rollos armados em uma alavanca 818, que tem um punho 819 e gira em um eixo metido em um braço 820. A viatura está ligada por meio de uma presilha 824, a uma alavanca 822, armada em uma arvore vertical 823, que revolve em um pé apropriado 824. Naquelle arvore ha um eixo 825, do qual sahe um sector 826, os dentes do qual engrenam com os de outro sector 827, na ponta de uma alavanca, cujo centro de rotação está no ponto 828, na armação da machina, e que tem uma rodinha que passa em um sulco excêntrico 829, aberto em um disco que ha na arvore de excêntricos 802. A medida que esta revolve, a viatura 807 recebe um movimento recilíneo de vae e vem que ora a aproxima, ora a afasta do machinismo de embrulhar. Assim como em algumas das modificações retro descriptas, o supporte tem a sua chapa 84 em um plano enquanto se está pondo nella uma folha, e se está tallando desta uma mortalha e em outro plano enquanto a mortalha está sendo entregue. Para produzir a inversão do supporte das mortallas, ha uma arvore 830 revolvendo apoiada em um dos lados da viatura 807, e as vias ou carris 805 são fendidos como as linhas de pontos nas figs. 83 e 84 indicam, para permitir que a viatura caminhe. Na ponta interior da arvore 830, ha uma engrenagem conica 831, que engrena em outra correspondente 832, que está no munião 809, do supporte das mortallas. Na outra ponta aquella arvore leva uma engrenagem mutilada 833, as partes lisas da qual tem o numero 834. Apoiada em um dos carris 805 ha uma barra 835, na qual, perto de um das suas extremidades, ha dentes 836, ficando o resto ha barra lisa. Quando a viatura começa a sua marcha de vae e vem, os dentes da engrenagem mutilada 833 engrenam nos da cremalheira 836, e a engrenagem dá uma meia volta, produzindo metade de uma revolução do supporte das mortallas. Quando a engrenagem 833 tiver feito esta meia volta, uma das partes lisas 834, vem estar em frente da parte lisa da barra 835 e a engrenagem fica travada.

O machinismo de amortallar é igual, na construção, aos que tem sido descriptos quando se tratava das outras modificações. Oscilla em redor do eixo da arvore que toca o veio, e em tudo o mais é substancialmente igual aquelle que está illustrado nas figs. 52 e 70.

Esta machina funciona da seguinte fórma:

Estando as partes da machina nas posições indicadas na fig. 84, o arteificio colloca uma folha sobre o supporte das mortallas. A sucção é continua naquelle supporte, porque o tubo 814 e suas ligações permitem que o apparelho aspirante opere constantemente sobre uma das camaras, e o tubo 816 e as suas ligações habilitam-o para operar sobre a outra; portanto, a folha adhere logo ao supporte. O arteificio pega então no punho 819 e faz os rollos correr sobre este, tallando uma mortalha, e, feito isto, a viatura 807 começa a avançar obedecendo á alavanca 827, o sector 826, a alavanca 822 e a presilha 821, e os dentes da engrenagem 833 engrenam nos da cremalheira 836, fazendo o supporte das mortallas dar meia volta.

Quando o topo da frente do supporte das mortallas chega a estar por cima do machinismo de amortallar, a abertura 815 deixa de coincidir com a caixa de sucção 817, e momentaneamente, acerta com o orificio de um tubo de ar comprimido 837. Por esta operação a sucção fica cortada da camara menor e, como o orificio 815, acerta com o tubo 837 o jacto de ar comprimido sopra a borda da frente da mortalha para baixo, para dentro dos queixos de amortallar.

Quando o supporte tiver entregado a mortalha ao machinismo de amortallar, começa o seu movimento retrocessivo. Quando está prestes a completar-o, os dentes da engrenagem 833 tocam outra vez nos dentes 836, da barra 835, e invertem a posição do supporte, virando a chapa da sucção 84 para cima, de modo que uma mortalha poderá ser facilmente collocada sobre ella.

Reivindicações

1ª, em uma machina de amortallar charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um unico supporte para as mortallas, ou diversos supportes para mortallas, e meios para a produção de um movimento relativo entre o supporte ou supportes e o machinismo de amortallar, o qual movimento continua durante a operação de amortallar, e é effectuado quer pelo movimento de um supporte, quer pelo do machinismo de amortallar, quer pelo de ambos, sendo o dito movimento a consequencia de um movimento de aproximação em linha recta ou em curva, um movimento angular e um movimento transversal, ou a consequencia de um movimento de aproximação e de um movimento angular, ou de um movimento de aproximação e de um movimento transversal, ou sendo um movimento de aproximação somente; em substancia como na memoria está descripto;

2ª, em uma machina de amortallar charutos, a combinação do machinismo de amortallar com um unico supporte para as mortallas ou uma pluralidade desses supportes, jazendo esse supporte ou supportes em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, e meios para a produção de um movimento relativo entre o dito supporte ou supportes, e o machinismo de amortallar, o qual movimento continua durante a operação de amortallar, sendo o dito movimento effectuado pelo movimento quer do supporte quer do machinismo de amortallar, quer de ambos, e sendo a consequencia quer de um movimento de aproximação em curva ou linha recta, um movimento angular e um movimento transversal ou a consequencia de dous quaesquer desses movimentos, ou sendo qualquer dos movimentos somente, sendo a mortalha segura no supporte por meio de sucção ou por outro qualquer meio competente; em substancia como na memoria está descripto;

3ª, em uma machina de amortallar charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um unico supporte para as mortallas, ou diversos supportes desses, jazendo esse supporte ou supportes em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, e meios para a produção de um movimento relativo entre esse supporte ou supportes e o machinismo de amortallar, sendo o dito movimento effectuado pelo movimento quer do supporte, quer do machinismo de amortallar, quer de ambos, e sendo a consequencia quer de um movimento de aproximação em curva ou em linha recta, um movimento angular e um movimento transversal, quer de dous quaesquer desses movimentos, ou sendo um qualquer desses movimentos somente, sendo a mortalha segura no supporte por meio de sucção ou por outro qualquer meio competente, e sendo tirada do supporte em opposição á força exercida pelos meios que a retêm, os quaes meios são conservados activos durante a operação de amortallar, em substancia como na memoria está descripto;

4ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação do machinismo de amortallar com um unico supporte para as mortallas, ou diversos supportes desses, jazendo esse supporte ou supportes em um plano que não cruza o do machinismo de amortallar, meios pelos quaes uma mortalha é tallada de uma folha de tabaco enquanto está sobre o supporte, ou em uma mesa independente da qual é transferida ao supporte, arteficios de sucção ou outros meios para se segurar a mortalha no supporte, e meios para a produção de um movimento relativo entre o supporte ou supportes da mortalha, e o machinismo de amortallar, o qual movimento continua durante a operação do amortallar, e é effectuado movendo-se quer o supporte da mortalha, quer o machinismo de amortallar, quer ambos, sendo o movimento a consequencia de um movimento de aproximação em curva ou em linha recta, um movimento transversal ou um movimento angular, ou sendo a consequencia de dous ou quosquer desses movimentos, ou sendo um movimento de aproximação somente, em substancia como na memoria se acha descripto;

5ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um unico supporte para as mortallas, ou diversos supportes desses fazendo esse supporte ou supportes em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, meios pelos quaes uma mortalha é tallada de uma folha de tabaco enquanto está no supporte ou em uma mesa, independente, da qual é transferida ao supporte, arteficios de sucção ou outros meios para segurar a mortalha no supporte, e meios para a produção de um movimento relativo entre o supporte ou supportes das mortallas e o machinismo de amortallar, o qual movimento continua durante a operação do amortallar, e é effectuado movendo-se, quer o supporte da mortalha, quer o machinismo de amortallar, quer ambos, e sendo quer a consequencia de um movimento de aproximação em curva ou linha recta, um movimento transversal e um movimento angular, quer a consequencia de dous quaesquer desses movimentos, ou sendo um qualquer desses movimentos apenas, sendo a mortalha puxada do supporte contra a força exercida pelo meio de retenção que é conservado activo durante a operação de amortallar; em substancia como na memoria está descripto;

6ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um unico supporte para as mortallas, ou diversos supportes desses meios para se poder tallar uma mortalha de uma folha de tabaco enquanto está no supporte, arteficios de sucção ou outros meios para segurar a mortalha no supporte, meios para se poder inverter a posição do supporte ou supportes depois da mortalha ter sido collocada nelles, e meios para a produção de um movimento relativo entre o supporte ou supportes e o machinismo de amortallar, movimento que continua durante a operação do amortallar, sendo esse movimento effectuado, movendo-se quer o supporte da mortalha, quer o machinismo de amortallar, quer ambos, e quer sendo a consequencia de um movimento de aproximação em curva ou em linha recta, um movimento transversal e um movimento angular, ou a consequencia de dous quaesquer desses movimentos, ou sendo um qualquer desses movimentos apenas; em substancia como na memoria se acha descripto;

7ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para as mortallas ou uma pluralidade desses supportes, jazendo esse supporte ou supportes em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, meios para se poder tallar uma mortalha de uma folha de tabaco em-

quanto está no supporte, artificios de sucção ou outros meios para segurar a mortalha no supporte, meios para a inversão da posição do supporte ou supportes depois das mortallas terem sido postas nelles, e meios para a produção de um movimento relativo entre o supporte ou supportes e o machinismo de amortallar, movimento que continúa durante a operação de amortallar, sendo esse movimento effectuado movendo-se quer o supporte da mortalha, quer o machinismo de amortallar, quer ambos, e sendo quer a consequencia de um movimento de aproximação em curva ou linha recta, um movimento transversal e um movimento angular, quer de dous quaesquer desses movimentos, ou sendo um qualquer delles sómente, sendo a mortalha puxada do supporte em opposição á força dos meios de retenção que são conservados activos durante a operação de amortallar; em substancia como na memoria está descripto;

8ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas funcionando por meio de sucção, e meios para se poder dar ao supporte um movimento de aproximação em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, o qual movimento continúa durante a operação do amortallar, em substancia como da memoria consta;

9ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas funcionando por meio de sucção, e meios para se poder dar ao supporte um movimento transversal em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, o qual movimento continúa durante a operação do amortallar; em substancia como da memoria consta;

10ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas funcionando por meio de sucção, e meios para se poder dar ao supporte um movimento angular em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, o qual movimento continúa durante a operação do amortallar, em substancia como da memoria consta;

11ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas, e meios para se dar ao mesmo supporte movimentos de aproximação e de travessia em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, os quaes movimentos continuam durante a operação do amortallar, em substancia como da memoria consta;

12ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas, artificios de sucção para segurar a mortalha no supporte, sendo a construcção tal que o machinismo de amortallar puxa a mortalha do supporte em opposição á força exercida pelos artificios de sucção, em substancia como da memoria consta;

13ª, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas funcionando por meio de sucção e que jaz em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, e meios para se poder dar ao machinismo de amortallar e ao supporte das mortallas um movimento ou movimentos cooperativos durante a operação de amortallar, sendo a mortalha tirada do supporte em posição á força exercida pela sucção, que é mantida activa durante a operação de amortallar, em substancia como da memoria consta;

14ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas funcionando por meio de sucção e meios para se poder dar ao supporte movimentos de aproximação e de travessia em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, os quaes movimentos continuam durante a operação de amortallar, em substancia como da memoria consta;

15ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas, e meios para se poder dar a esse supporte movimentos de aproximação angulares e transversaes, em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, continuando-se esses movimentos durante a operação do amortallar; em substancia como da memoria consta;

16ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas funcionando por meio de sucção, e meios para se poder dar ao mesmo supporte movimentos de aproximação, angulares e transversaes em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, sendo os ditos movimentos continuados durante a operação do amortallar, e sendo a mortalha puxada do supporte em opposição á força produzida pela sucção que é mantida em actividade durante a operação do amortallar, como da memoria consta;

17ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas, meios para se poder dar ao supporte um movimento de aproximação em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, o qual movimento é continuado durante a operação do amortallar, e meios para se poder dar ao machinismo de amortallar um movimento angular, em substancia como da memoria consta;

18ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas funcionando por meio de sucção, meios para se poder dar ao supporte um movimento de aproximação em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, o qual movimento continúa durante a operação do amortallar, e meios para se poder dar ao machinismo de amortallar um movimento angular, sendo a mortalha puxada do supporte contra a força produzida pela sucção, que é mantida activa durante a operação do amortallar, em substancia como da memoria consta;

19ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas, meios para se poder dar ao supporte um movimento transversal em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, o qual movimento é continuado durante a operação de amortallar e meios para se poder dar ao machinismo de amortallar um movimento angular, em substancia como da memoria consta;

20ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas funcionando por meio de sucção, meios para se poder dar ao supporte um movimento transversal em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, continuando o dito movimento durante a operação de amortallar, e meios para se poder dar ao machinismo de amortallar um movimento angular, sendo a mortalha puxada do supporte em opposição á força produzida pela sucção que é mantida activa durante a operação de amortallar, em substancia como da memoria consta;

21ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas, meios para se poder dar ao supporte um movimento de aproximação em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, o qual movimento continúa durante a operação de amortallar, e meios para se poder dar ao machinismo de amortallar um movimento angular e outro transversal, em substancia como da memoria consta;

22ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas, meios para se poder dar ao supporte um movimento de aproximação em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, sendo esse movimento continuado durante a operação do amortallar e meios para se poder dar ao machinismo de amortallar um movimento angular e outro transversal, sendo a mortalha tirada do supporte em opposição á força da sucção, que é mantida na actividade durante a operação de amortallar, em substancia como da memoria consta;

23ª, a combinação de um braço movel e de meios com que possa ser movido, com um transportador que gyra em um eixo incerto no dito braço, um supporte para mortallas com seu eixo mettido no transportador, meios para se poder fazer este gyrar no seu eixo de que resulta receber um movimento angular em relação ao mesmo braço e meios para se poder fazer o supporte das mortallas gyrar no seu eixo, em substancia como da memoria consta;

24ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com uma pluralidade de supportes para mortallas, meios para se poder fazer mover os supportes, simultaneamente em um dado caminho, meios para se poder fazer cada supporte mover-se, independentemente no mesmo caminho, e meios para se poder dar ao machinismo de amortallar um movimento quer angular quer transversal, ou ambos aquellos movimentos, em substancia como da memoria consta;

25ª, a combinação de uma machina de amortallar com um supporte para mortallas no qual a mortalha fica segura por meio de sucção ou outros meios de retenção, um braço ao qual o supporte das mortallas fica fixamente preso, sendo o braço movido de modo que uma extremidade do supporte vem a ficar em alinhamento com uma das extremidades do machinismo de amortallar no começo da operação do amortallar e a outra extremidade do supporte vem por-se em alinhamento com a outra extremidade do machinismo de amortallar no fim da operação do amortallar, caminhando o supporte em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, em substancia como da memoria consta;

26ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas funcionando por meio de sucção, jazendo em um plano que não intersecta o machinismo de amortallar, e meios para se poder tocar o machinismo de amortallar, sendo este armado de modo que possa revolver no seu eixo sem impedir a operação das partes transmissoras do movimento, em substancia como da memoria consta;

27ª, em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas, funcionando por meio de sucção, jazendo em um plano que não cruza com o do machinismo de amortallar, e meios para se poder tocar o machinismo de amortallar, sendo este armado de modo que recebe movimentos gyratorios e transversaes sem que o funcionar do machinismo que o move seja impedido, em substancia como da memoria consta;

28ª, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas, meios para se poder produzir um movimento de aproximação entre o machinismo de amortallar e o supporte e meios para se poder variar a velocidade do dito movimento, em substancia como da memoria consta;

29ª, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas, meios para se poder produzir um movimento de aproximação entre o machinismo de amortallar e o supporte e meios para se poder variar a velocidade do dito movimento, em substancia como da memoria consta;

30ª, a combinação de um machinismo de amortallar com um supporte para mortallas, meios para se poder produzir um movimento de aproximação entre o machinismo de amortallar e o supporte e meios para se poder variar a velocidade do dito movimento, em substancia como da memoria consta;

lhas que funciona para apresentar uma mortalha ao machinismo de amortallar, um transportador ao qual o suporte das mortalhas está ligado, e meios para se poder dar ao transportador uma rotação variável, de modo que o movimento do suporte varia conforme a parte do rolo de tabaco que está sendo amortallada, em substancia como da memoria consta;

30ª, a combinação de um braço transportador com meios para se poder mover-o, um suporte para mortalhas armado no mesmo braço, meios, devido aos quaes uma mortalha é segura no suporte, meios para se poder manter o suporte em uma ou outra de duas posições em relação ao braço, um deslocador ligado ao suporte e meios collocados no caminho seguido pelos braços e que cooperam com o deslocador para passarem o suporte das mortalhas de uma posição á outra; em substancia como da memoria consta;

31ª, uma machina de fazer charutos, na qual ha um suporte e um machinismo de amortallar, sendo tanto esse suporte como o machinismo de amortallar construidos e funcionando em substancia, como se vê nas figs. 1, 4, 5 e 9 até 11, inclusive, dos desenhos juntos;

32ª, uma machina de fazer charutos, na qual ha um suporte para as mortalhas e um machinismo de amortallar, sendo esse suporte e machinismo de amortallar, construidos e funcionando em substancia, como se vê nas figs. 27, 28, 29, 30, 35 e 36 dos desenhos juntos;

33ª, uma machina de fazer charutos, na qual ha um suporte para mortalhas e um machinismo de amortallar, sendo esse suporte e machinismo de amortallar construidos e funcionando em substancia, como se vê nas figs. 37, 38 e 39 dos desenhos juntos;

34ª, uma machina de fazer charutos, na qual ha um suporte para mortalhas e um machinismo de amortallar, sendo esse suporte e machinismo de amortallar, construidos e funcionando em substancia, como se vê nas figs. 41, 42, 46 e 47 dos desenhos juntos;

35ª, uma machina para fazer charutos, na qual ha um suporte para mortalhas e um machinismo de amortallar, sendo esse suporte e machinismo de amortallar, construidos e funcionando em substancia, como se vê nas figs. 48, 49, 51, 52 e 53 dos desenhos juntos;

36ª, uma machina de fazer charutos, na qual ha um suporte para mortalhas e um machinismo de amortallar, sendo esse suporte e machinismo de amortallar, construidos e funcionando em substancia, como se vê nas figs. 67 a 69 inclusive, dos desenhos juntos;

37ª, uma machina de fazer charutos, na qual ha um suporte para mortalhas e um machinismo de amortallar, sendo esse suporte e machinismo de amortallar construidos e funcionando em substancia como se vê nas figs. 70 e 71 dos desenhos juntos;

38ª, uma machina de fazer charutos, na qual ha um suporte para mortalhas e um machinismo de amortallar, sendo esse suporte e machinismo de amortallar, construidos e funcionando em substancia como se vê nas figs. 72 a 83 inclusive dos desenhos juntos;

39ª, uma machina de fazer charutos, na qual ha um suporte para mortalhas e um machinismo de amortallar, sendo esse suporte e machinismo de amortallar construidos e funcionando em substancia como se vê nas figs. 84 a 88 inclusive dos desenhos juntos.

40ª, a combinação de um machinismo de amortallar com um suporte para mortalhas funcionando por meio de sucção, artefactos para dar a massa, e collocados por baixo do caminho seguido pela mortalha e o suporte della, e meios para se poder mover o suporte, de que resulta a mortalha ser le-

vada ao contacto com os artefactos de dar a massa durante o movimento do suporte e á medida que a massa lhe é applicada, em substancia como da memoria consta;

41ª, a combinação de um machinismo de amortallar com um suporte para mortalhas armado com e funcionando em substancia como se vê nas figs. 1, 4, 5, e 9 a 11 inclusive, dos desenhos juntos para a entrega da mortalha ao machinismo de amortallar;

42ª, a combinação de um machinismo de amortallar com uma pluralidade de suportes para mortalhas armados e funcionando em substancia como se vê nas figs. 28, 29, 30, 31, 35 e 36 dos desenhos juntos para a entrega da mortalha ao machinismo de amortallar;

43ª, a combinação de um machinismo de amortallar com um suporte para mortalhas armado e funcionando em substancia como se vê nas figs. 37 a 40 inclusive dos desenhos juntos para entregar a mortalha ao machinismo de amortallar;

44ª, a combinação de um machinismo de amortallar com um suporte para mortalhas armado e funcionando em substancia como se vê nas figs. 41 a 45 inclusive dos desenhos juntos para entregar a mortalha ao machinismo de amortallar;

45ª, a combinação de um machinismo de amortallar com dous suportes para mortalhas construidos e funcionando em substancia, como se vê nas figs. 48 a 51 inclusive, e 58 a 66 inclusive dos desenhos juntos, para a entrega da mortalha ao machinismo de amortallar;

46ª, a combinação de um machinismo de amortallar com uma pluralidade de suportes para mortalhas construidos e funcionando em substancia como se vê nas figs. 57 a 69 inclusive dos desenhos juntos, para a entrega da mortalha ao machinismo de amortallar;

47ª, a combinação de um machinismo de amortallar com uma pluralidade de suportes para mortalhas construidos e funcionando em substancia como se vê nas figs. 70 e 71 dos desenhos juntos, para se entregar a mortalha ao machinismo de amortallar;

48ª, a combinação de um machinismo de amortallar com uma pluralidade de suportes para mortalhas construidos e funcionando em substancia como se vê nas figs. 72 a 83 inclusive dos desenhos juntos, para a entrega da mortalha ao machinismo de amortallar;

49ª, a combinação de um machinismo de amortallar com uma pluralidade de suportes para mortalhas construidos e funcionando em substancia como se vê nas figs. 84 a 88 inclusive dos desenhos juntos, para entregar a mortalha ao machinismo de amortallar;

50ª, a combinação de um machinismo de amortallar com um suporte para mortalhas, um machinismo de sucção para segurar a mortalha na devida posição no suporte e um machinismo de jacto de ar para produzir a inserção positiva de uma das extremidades da mortalha no machinismo de amortallar, enquanto o resto da mortalha é segura no suporte, pelo machinismo de sucção, em substancia como na memoria fizes descripto;

51ª, a combinação de um machinismo de amortallar com um suporte para mortalhas funcionando por meio de sucção em que ha duas camaras sem comunicação entre si, meios para se poder crear a sucção em uma das camaras e mantela durante a operação de amortallar e um artefacto de jacto de ar que funciona em conexão com outra camara para produzir a inserção positiva de uma parte da mortalha no machinismo de amortallar; em substancia como na memoria está descripto.

52ª, Em uma machina de fazer charutos, a combinação de um suporte para mortalhas que é dividido de modo que forma duas ca-

maras, que são tapadas por uma chapa perforada, sendo a mortalha segura contra a chapa por meio de sucção, e sendo a construção tal que um jacto de ar poderá ser introduzido em uma das camaras afim de aspirar a extremidade da mortalha para baixo, sobre o feixe de tabaco no machinismo de amortallar; em substancia como na memoria está descripto;

53ª, Em uma machina de fazer charutos um suporte para mortalhas sobre o qual a mortalha é segura por meio de sucção, e meios para se poder mechanicamente, obrigar uma extremidade da mortalha a ficar dependurada do suporte della, em uma posição adaptada, para que possa ser apanhada pelo machinismo cooperativo de amortallar; em substancia como da memoria consta;

54ª, A combinação de um suporte para mortalhas, a face operativa do qual tem uma secção movel, com meios para se poder mover aquella secção, a com um machinismo de sucção ou outro meio semelhante para se poder reter a mortalha sobre o suporte; em substancia como da memoria consta.

55ª, Em combinação com um machinismo de amortallar, um suporte para mortalhas, funcionando por meio de sucção, tendo um machinismo de jacto de ar que com elle coopera para deprimir uma extremidade da mortalha para dentro do machinismo de amortallar, como se vê nas figs. 4 e 9 até 11, inclusive, dos desenhos juntos.

56ª, Em combinação com um machinismo de amortallar, um suporte para mortalhas, funcionando por meio de sucção, e tendo um machinismo de jacto de ar que com elle coopera para deprimir uma das extremidades da mortalha para dentro do machinismo de amortallar, em substancia como se vê nas figs. 27, 28 e 29 dos desenhos juntos.

57ª, Em combinação com um machinismo de amortallar, um suporte para mortalhas funcionando por meio de sucção, e tendo um machinismo de jacto de ar que com elle coopera para deprimir uma extremidade da mortalha para dentro do machinismo de amortallar, em substancia como se vê nas figs. 37, 38 e 40 dos desenhos juntos.

58ª, Em combinação com um machinismo de amortallar, um suporte para mortalhas, funcionando por meio de sucção, e que tem um machinismo de jacto de ar que com elle coopera para deprimir uma das extremidades da mortalha para dentro do machinismo de amortallar, em substancia como se vê nas figs. 41, 43, 44 e 45 dos desenhos juntos.

59ª, Em combinação com um machinismo de amortallar, um suporte para mortalhas funcionando por meio de sucção, e que tem um machinismo de jacto de ar que com elle coopera para deprimir uma das extremidades da mortalha para dentro do machinismo de amortallar, em substancia como se vê nas figs. 48, 49, 50, 54 e 57 dos desenhos juntos.

60ª, Em combinação com um machinismo de amortallar, um suporte para mortalhas, funcionando por meio de sucção e tendo um machinismo de jacto de ar que com elle coopera para deprimir uma das extremidades da mortalha para dentro do machinismo de amortallar, em substancia como se vê nas figs. 84, 85, 86 e 87 dos desenhos juntos.

61ª, Em combinação com um machinismo de amortallar, um suporte para mortalhas funcionando por meio de sucção e tendo um artefacto mechnico que com elle coopera para deprimir uma das extremidades da mortalha para dentro do machinismo de amortallar, em substancia como se vê nas figs. 73 e 76 a 78, inclusive, nos desenhos juntos.

62ª, a combinação de um machinismo de amortallar, com um suporte para mortalhas, funcionando por meio de sucção e que tem uma face operativa perforada, meios para se poder fazer o suporte das mortalhas

entregar a mortalha ao machinismo de amortallar, e meios para se poder fechar successivamente as perfurações no supporte á medida que a mortalha é retirada d'elle, em substancia como da memoria consta;

63. em uma machina de amortallar charutos, a combinação de uma armação com dous pares de guidores, armat-os nella de modo que podem revolver duas hastes que servem de eixos aos ditos guidores, um jogo de queixos manipuladores armado em cada haste, hastes rotatorias que fazem os guidores oscillar nos seis eixos, alavancas que surgem de cada jogo de queixos e ficam em lados oppostos de cada haste, as quaes alavancas tem excentricos lavrados nas suas faces lateraes, interiores e ligações de mola entre as alavancas, em substancia como da memoria consta;

64. em uma machina de amortallar charutos, a combinação de um par de queixos manipuladores, gyratorios, cujos prolongamentos que fazem de alavancas, com meios para se poder fazer esses queixos oscillar, com o seu eixo, em redor de um centro que lhes é commum, e para se poder abrir os queixos, um machinismo de articulação que serve tambem para os abrir e uma mola para os fechar, em substancia como na memoria está descripto;

65. Em uma machina de amortallar charutos, a combinação de um par de queixos manipuladores, gyratorios que tem prolongamentos que servem de alavancas, com meios para a abertura dos queixos, meios para os fechar, e um machinismo independente que tambem serve para abrir os queixos; em substancia como na memoria está descripto.

66. Em uma machina de amortallar charutos: a combinação de um par de guidores oscillantes com uma haste que serve de eixo aos ditos guidores, uma haste que os manobra trabalhando em frestas nos guidores, um par de queixos manipuladores armados na haste que faz de eixo, alavancas ligadas aos ditos queixos e collocadas em lados oppostos da haste que os manobra, as quaes alavancas tem faces excentricas nas suas faces lateraes interiores, uma mola ligada ás alavancas, um machinismo de articulação tambem ligado ás alavancas e um arteficio por meio do qual a articulação é manobrada; em substancia como na memoria consta.

67. Em uma machina de fazer charutos, a combinação de dous pares de queixos que engrenam um no outro, com hastes de supporte que servem de eixo aos ditos queixos; hastes pelas quaes os queixos são manobrados, sendo tanto estas como aquellas hastes mais compridas que os queixos, e meios para se poder fazer os queixos correr ao longo das hastes de ambas as especies; em substancia como na memoria está descripto.

68. em uma machina de fazer charutos, a combinação de dous pares de queixos que engrenam um no outro com hastes de supporte que servem de eixo aos mesmos queixos, hastes pelas quaes estes são manobrados, sendo as hastes de ambas as especies mais compridas que os queixos, uma alavanca, ligações entre essa alavanca e os queixos e meios para poder mover a alavanca e meios de que resulta receberem os queixos um movimento longitudinal nas hastes de supporte e de manobrar; em substancia como na memoria está descripto;

69. um machinismo de amortallar construido e que funciona, em substancia, como se vê nas figs. 21 a 26, inclusive dos desenhos juntos;

70. um machinismo de amortallar charutos armado e funcionando, em substancia, como se vê nas figs. 41, 42, 46 e 47 dos desenhos juntos;

71. um machinismo de amortallar charutos armado e funcionando, em substancia, como se vê nas figs. 48, 49, 52 e 53 dos desenhos juntos;

72. em uma machina de fazer charutos, a combinação de um machinismo de amorta-

llhar com um transportador de tabaco construido e funcionando de modo que entregue um feixo de tabaco ao machinismo de amortallar e recebe deste um charuto amortalhado, em substancia como na memoria está descripto;

73. A combinação de um machinismo de amortallar com um arteficio de abrir e fechar por meio do qual os charutos amortalhados são apanhados, meios para a abertura desse arteficio, e um machinismo de deslocação por meio do qual os charutos são transferidos do machinismo de amortallar ao dito arteficio; em substancia como na memoria está descripto;

74. A combinação de um machinismo de amortallar com um transportador de tabaco que tem dous jogos de arteficio de retenção meios para produção de um movimento relativo entre o machinismo de amortallar e o transportador do tabaco de que resulta ficarem os dous collocados de modo que o feixo de tabaco poderá ser entregue ao machinismo de amortallar, meios pelos quaes o charuto é transferido do machinismo de amortallar a um dos jogos de arteficios de retenção, e meios pelos quaes o feixo de tabaco é transferido do outro jogo de arteficios de retenção ao machinismo de amortallar; em substancia como da memoria consta;

75. A combinação de um machinismo de amortallar com arteficios que servem para o pôr em movimento ou fazer o parar, um transportador de tabaco que tem retentores, de abrir e fechar meios para manobras desses retentores, e meios para se poder, successivamente, manobrar os arteficios de abrir e fechar os retentores e os arteficios de pôr em movimento e fazer parar o machinismo de amortallar, em substancia como da memoria consta.

76. em uma machina de fazer charutos a combinação de um machinismo de amortallar com uma mesa de tallhar, meios que com esta cooperam para se tallhar uma mortalha da mesa de tallhar ao machinismo de amortallar um transportador de tabaco, meios para a approximação desse transportador ao machinismo de amortallar e o afastamento daquellê desic, meios para a manobra do transportador de modo que seja obrigado não só a receber um charuto feito do machinismo de amortallar, mas tambem a entregar a este um feixo de tabaco, arteficios para a transferencia de charuto feito do machinismo de amortallar ao transportador do tabaco, e meios para a manobra do machinismo de amortallar;

77. Um transportador de feixos de tabaco construido e funcionando, em substancia, como se vê nas figs. 5, 6 14 e 19 dos desenhos juntos.

78. A combinação de um prato com um arteficio de sucção que com elle coopera para segurar uma folha de um material qualquer em contacto com o dito prato, um supporte, um machinismo de sucção que funciona continuamente, cooperando com o supporte, meios para a produção de um movimento relativo entre o prato e o supporte, e meios para se poder cortar a sucção do prato, em substancia como na memoria está descripto.

79. a combinação de um machinismo de amortallar com um ou mais supportes moveis para mortallas, trabalhando por meio de sucção, que funcionam para entregar uma mortalha ao machinismo de amortallar, uma mesa de tallhar trabalhando por meio de sucção, meios cooperando com a dita mesa para se tallhar uma mortalha e meios para se poder fazer a mesa de tallhar, approximar-se e afastar-se do caminho seguido por um supporte para mortallas; em substancia como na memoria está descripto;

80. a combinação de um machinismo de amortallar com um ou mais supportes, trabalhando por meio de sucção, que funcionam para entregar uma mortalha ao

machinismo de amortallar, uma mesa de tallhar que trabalha por meio de sucção, meios que cooperam com a mesa de tallhar para se tallhar uma mortalha, meios para se poder fazer a mesa de tallhar caminhar na direcção do caminho seguido por um supporte, meios para se poder mover a aq-encontro do supporte e afastal-a d'elle, e meios para se poder afastal-a do caminho seguido pelo supporte; em substancia como na memoria está descripto;

81. Em um machinismo de tallhar, a combinação de uma mesa de tallhar, na qual ha uma faca, com um rolo ou arteficio semelhante que coopera com a faca para produzir um golpe, meios para a produção de um movimento relativo de vac e vem entre o arteficio cooperativo de tallhar e a mesa, e meios pelos quaes o arteficio de tallhar é obrigado a cooperar com uma parte da faca, no passeio de avanço, e com o resto da faca durante o passeio de retrocesso; em substancia como na memoria está descripto.

82. A combinação de uma mesa de tallhar, na qual ha uma faca, com um rolo ou arteficio semelhante que coopera com a faca para produzir um golpe, meios para a produção de um movimento relativo de vac e vem entre o arteficio cooperativo e a faca, e meios para se poder fazer esse arteficio formar angulo com uma parte da faca durante uma parte do passeio, e formar angulo com uma outra parte da faca durante o resto do passeio; em substancia como na memoria está descripto.

83. Em um machinismo de tallhar, a combinação de uma mesa de tallhar, na qual ha uma faca, com uma viatura que passa de vai-vem, um rolo armado nessa viatura, um excentrico que se desloca armado na mesma viatura, e esperas collocadas no caminho seguido pela viatura, que servem para mudar a posição do excentrico, e ligações entre o rolo e o excentrico; em substancia como na memoria está descripto.

84. Um machinismo de tallhar para machinas de fazer charutos, construido e funcionando, em substancia, como se vê nas figs. 1, 7 e 8 dos desenhos juntos.

85. Em um machinismo de tallhar para machinas de fazer charutos, meios pelos quaes o machinismo de tallhar é manobrado para entregar a mortalha ao apparelho de alimentação do machinismo de amortallar, os quaes meios são construidos e funcionam em substancia, como se vê nas figs. 6, 12 e 13 dos desenhos juntos.

86. Em um machinismo de tallhar para machinas de fazer charutos, meios pelos quaes o machinismo de tallhar é manobrado para entregar uma mortalha ao apparelho de alimentação do machinismo de amortallar, sendo esses meios construidos e funcionando em substancia como se vê nas figs. 27 e 28 a 31, inclusive, dos desenhos juntos.

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1900. — Como procuradores, Jules Gérald, Leclerc & Comp.

ANNUNCIOS

Empresa Lambary e Cambuquira

Convido os Srs. accionistas a reunirem-se em assembléa geral extraordinaria, no dia 30 do corrente mez, ás 12 1 2 horas do dia, na rua de S. Pedro n. 26, 1º andar, para dar conta dos termos da novação de contracto firmado no dia 5 do corrente mez entre a empresa e o governo do Estado de Minas Geraes, conforme a autorização dada pela assembléa geral de 12 julho do corrente anno, e ao mesmo tempo para resolverem sobre a eleição de nova directoria.

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1900. — Augusto J. Ferreira, director-presidente. (